

BOLETIM DE CONJUNTURA DA BAHIA
QUARTO TRIMESTRE DE 2025

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Jerônimo Rodrigues Souza

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

Cláudio Ramos Peixoto

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI)

José Acácio Ferreira

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (Distat)

Armando Affonso de Castro Neto

DIRETORIA DE PESQUISAS (Dipeq)

Rodrigo Barbosa de Cerqueira

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)

Arthur Souza Cruz Júnior

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (Copes)

Lucigleide Nery Nascimento

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS (Coref)

João Paulo Caetano Santos

ELABORAÇÃO TÉCNICA

Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário Internacional, Nacional e Estadual)

Carla Janira Souza do Nascimento (Agropecuária e Produção Industrial)

Elissandra Alves de Britto (Comércio Varejista)

Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)

Arthur Souza Cruz Junior, *Flávio de Jesus Sales, Luciano Bruno Sena Neves*
(Comércio Exterior)

Gabriel Oliveira Barbosa e Marília Jane Campos (Finanças Públicas)

João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e Carol Vieira (Produto Interno Bruto)

Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de Trabalho)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Elissandra Alves de Britto

Maria Margarete de Carvalho Abreu Perazzo

NORMALIZAÇÃO

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

EDITORIA-GERAL

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

DESIGN GRÁFICO

REVISÃO DE LINGUAGEM

EDITORAÇÃO

EGBA

SUMÁRIO

PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL	04
CENÁRIO INTERNACIONAL	04
CENÁRIO NACIONAL.....	09
CENÁRIO ESTADUAL.....	18
AGROPECUÁRIA	25
OUTRAS LAVOURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS	28
PECUÁRIA.....	30
PRODUÇÃO INDUSTRIAL	32
COMÉRCIO VAREJISTA	37
SERVIÇOS	43
TURISMO	49
COMÉRCIO EXTERIOR	55
IMPORTAÇÃO	66
FINANÇAS PÚBLICAS	67
PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)	82
MERCADO DE TRABALHO	88

PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira
lmario@sei.ba.gov.br

CENÁRIO INTERNACIONAL

A economia mundial passou um período de imprevisibilidade e incerteza após uma série de medidas tarifárias adotadas pelos Estados Unidos em 2025. O cenário externo do quarto trimestre mostrou uma desaceleração do PIB das principais economias que pode estar mais relacionado a uma desaceleração tradicional causada pelo aumento da incerteza, levando agentes econômicos a reduzir investimentos e consumo, somado ao impacto temporário do aumento das tarifas sobre os custos.

A elevação das tarifas trouxe uma mudança relevante no nível de preços dos produtos importados pelos EUA. As consequências são potencialmente severas em preços, custos e planos de compras e investimentos em todo mundo. Os dados do quarto trimestre já registraram de maneira mais efetiva essa mudança brusca na política econômica americana que começaram efetivamente em agosto, como mostram os resultados do PIB das principais economias mundiais.

A China apresentou o melhor resultado do PIB do 4º trimestre de 2025 entre as maiores economias. Os Estados Unidos apresentaram uma queda significativa em relação ao terceiro trimestre. A Zona do Euro cresceu acima do esperado e o Japão voltou para o campo positivo.

A seguir, destacam-se os fatores que contribuíram para desempenho do PIB destes países ou regiões, levando em consideração aspectos conjunturais que impactaram as referidas taxas nos Estados Unidos, China, Zona do Euro e do Japão e previsões para 2025 e 2026.

O crescimento econômico dos Estados Unidos desacelerou mais do que o esperado no quarto trimestre de 2025 em meio a problemas causados pela paralisação do governo nesse trimestre e uma moderação nos gastos do consumidor. **O Produto Interno Bruto (PIB) real** cresceu a uma taxa anual de 14% no quarto trimestre de

2025 (outubro, novembro e dezembro), de acordo com a estimativa divulgada pelo Escritório de Análise Econômica. No terceiro trimestre, o PIB real havia aumentado 4,4%.

O crescimento dos gastos do consumidor enfraqueceu em relação ao ritmo acelerado de 3,5% do terceiro trimestre. Economistas afirmam que esses gastos têm sido impulsionados principalmente pelas famílias de renda mais alta e têm ocorrido à custa da poupança, já que a inflação corroeu o poder de compra.

O Escritório Orçamentário do Congresso, órgão apartidário, estimou que a paralisação do governo reduziria em 1,5 ponto percentual o PIB do quarto trimestre – o crescimento no terceiro tri foi de 4,4%. Na sua previsão, a maior parte da produção perdida acabaria sendo recuperada, embora entre US\$ 7 bilhões e US\$14 bilhões não sejam recuperados.

O índice de preços de gastos com consumo (PCE, na sigla em inglês) subiu 2,6% em 2025, repetindo a variação registrada em 2024. Esse índice é a principal referência de preços para o Fed (Federal Reserve), Banco Central americano, na condução da política monetária.

O PIB real cresceu 2,2% em comparação com um aumento de 2,8% registrada em 2024. O aumento do PIB real em 2025 refletiu, principalmente, os aumentos nos gastos e investimentos do consumidor.

No quarto trimestre, o PIB da China cresceu 4,5% na comparação anual, desacelerando frente aos 4,8% registrados no trimestre anterior. O resultado ficou próximo da projeção do mercado, que estimava avanço de 4,4%, e marcou o crescimento trimestral mais fraco em três anos. Na comparação trimestral, o PIB avançou 1,2% entre outubro e dezembro, acima da expectativa de 1,0%, mas ainda indicando um ritmo moderado de expansão.

Em 2025, a economia da China cresceu 5%, sustentada por exportações fortes, apesar das tarifas impostas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Com este resultado, o governo chinês alcançou a meta oficial estabelecida por

Pequim para o período.

O resultado superou levemente a expectativa de analistas, que projetavam uma expansão de 4,9%. O avanço foi sustentado principalmente pelas exportações e pela indústria manufatureira, em um ano marcado pela resiliência do setor externo, enquanto o setor imobiliário e partes da demanda interna permaneceram fracos. Na avaliação de Charu Chanana, estrategista-chefe de investimentos da Saxo, o 'sucesso anunciado' esconde um ritmo desigual".

Mesmo diante de tensões comerciais, os exportadores chineses ampliaram sua presença em mercados fora dos EUA, o que contribuiu para um superávit comercial recorde de quase US\$ 1,2 trilhão em 2025.

Para o próximo ano, os desafios da economia chinesa estão na fraqueza da demanda interna. O consumo e os investimentos perdem força, pressionados por uma prolongada crise no setor imobiliário e por um ambiente de baixa confiança. Em 2025, o investimento em ativos fixos recuou 3,8%, a primeira queda anual desde o início da série histórica, em 1996.

O cenário externo também traz incertezas para 2026. O aumento do protecionismo global e as políticas comerciais imprevisíveis dos Estados Unidos, incluindo ameaças de novas tarifas, elevam os riscos para a economia chinesa, que hoje depende fortemente da demanda externa.

A economia da zona do euro cresceu mais rápido do que o esperado no quarto trimestre uma vez que o consumo e os investimentos aceleraram, compensando as exportações baixas e a incerteza excepcional decorrente da política comercial dos Estados Unidos.

O Produto Interno Bruto (PIB) da Zona do Euro cresceu 0,3% no quarto trimestre ante os três meses anteriores, segundo dado preliminar divulgado pela Eurostat, como é conhecida a agência de estatísticas da União Europeia. A variação ficou acima da previsão de analistas consultados pela Factset que estavam alta de 0,2%. Na comparação anual, expandiu 1,3 contra projeção de 1,2%. A estimativa de

crescimento anual para 2025 da Eurostat mostrou um crescimento de 1,5% da economia da zona do euro.

A Espanha continuou sendo o motor do crescimento, expandindo 0,8% no quarto trimestre, acima do previsto. Mas a Alemanha, a maior economia da Zona do Euro, também parece estar saindo de anos de dificuldades ao crescer 0,3%, acima da estimativa dos economistas de 0,2%.

“O desempenho do quarto trimestre (para a Alemanha) é reconhecidamente modesto, mas ainda assim é o melhor desempenho trimestral dos últimos três anos”, disse o economista do ING Carsten Brzeski. “O aumento de novos pedidos e a queda nos estoques são um bom presságio para, pelo menos, uma leve recuperação na indústria.”¹

De fato, a maioria das projeções aponta para um crescimento na faixa de 1,2% a 1,5% nos próximos anos, ou seja, próximo ao potencial do bloco. Isso coloca o BCE em uma posição muito confortável, já que a inflação está na meta, as taxas de juros estão em um nível neutro e o crescimento está no potencial — uma trindade que algumas autoridades chamam de nirvana do banco central.

O número de pessoas empregadas aumentou 0,2% na Zona do Euro no quarto trimestre de 2025, em comparação com o trimestre anterior. No trimestre anterior, o emprego também havia aumentado 0,2%. A estimativa de crescimento anual mostrou uma alta de 0,7% do emprego no bloco.

A economia do Japão voltou a crescer no último trimestre de 2025, apesar do impacto das tarifas dos Estados Unidos. A recuperação é vista como uma boa notícia para os formuladores de políticas, que têm trabalhado para reavivar uma economia após décadas de estagnação.

O PIB real expandiu 0,1% no período de outubro a dezembro, recuperando-se de

¹ Ver a respeito Zona do euro tem crescimento resiliente em 2025 apesar de tarifas. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2026/01/30/zona-do-euro-tem-crescimento-resiliente-em-2025-apesar-de-tarifas.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2026.

uma queda de 0,7% no 3º trimestre, segundo dados preliminares do governo do Japão. Em relação ao quarto trimestre de 2024, a economia japonesa cresceu 0,2%.

Os resultados sugerem que o Japão resistiu melhor do que o esperado ao impacto das taxas americanas. As exportações caíram 0,3%, uma queda muito menor do que a de 1,4% registrada no trimestre anterior. No âmbito doméstico, o investimento avançou 0,2% em relação ao trimestre anterior, enquanto o consumo privado cresceu 0,1%.

No entanto, o consumo privado, que representa mais da metade da produção econômica, cresceu menos em um ano, refletindo pressões de custo persistentes, notavelmente nos preços dos alimentos, e destacando a natureza desigual do impulso de crescimento do Japão.

A fraqueza na economia japonesa também levanta questionamentos sobre quanto espaço o Banco do Japão terá para aumentar ainda mais as taxas de juros, apesar dos crescentes sinais de inflação persistente.

O banco central havia aumentado as taxas em 25 pontos-base em janeiro e sinalizou que novos aumentos dependerão da trajetória do crescimento econômico e da inflação.

Ao final, o PIB do Japão revela uma economia que busca consolidar recuperação após décadas de baixo crescimento. O próximo passo dependerá da sintonia entre política monetária, estímulos fiscais e ambiente externo, em um cenário que exige decisões em sintonia com a realidade econômica mundial.

Com base nesses resultados do quarto trimestre e do ano para alguns países, o Fundo Monetário Internacional (FMI) revisou para cima as previsões para a economia global em 2026, mesmo diante dos efeitos da guerra comercial, e das persistentes incertezas no cenário internacional.

A nova projeção aponta crescimento de 3,3%, o mesmo ritmo de 2025 e 0,2 ponto percentual acima do previsto anteriormente, de acordo com a atualização do

relatório Perspectiva Econômica Global. Segundo o FMI, esse desempenho melhor se deve principalmente ao aumento dos investimentos em tecnologia, especialmente em inteligência artificial (IA). Ainda assim, o FMI destaca que a incerteza sobre a política comercial segue elevada e pode afetar mercados e investimentos.

Diante do exposto, o FMI projeta crescimento de 2,4% para os EUA em 2026, contra 1,3% na zona do euro, além de um ritmo mais lento no Japão. China e Índia seguem crescendo em ritmo relativamente sólido entre os emergentes. A inflação global, por outro lado, tende a desacelerar. A previsão é cair de 4,1% em 2025 para 3,8% em 2026.

Assim, com base nesse cenário, Pierre-Olivier Gourinchas, economista-chefe do FMI, observa que o crescimento global continua bastante resiliente, acrescenta que as previsões de crescimento do Fundo para 2025 e 2026 agora superam as previsões feitas em outubro de 2024, antes de Trump ser eleito para um segundo mandato. Na sua avaliação, ‘a economia global está se livrando dos distúrbios comerciais e tarifários de 2025 e está se saindo melhor do que esperávamos antes de tudo começar’².

O impacto tarifário em si é menor do que o inicialmente temido. [...] Outros fatores, incluindo a ascensão da inteligência artificial e das políticas fiscais na Europa e na China, também ajudaram a sustentar a economia global” [...] “Tudo é muito fluido”, disse Gourinchas [...]. “Mas acho que é um lembrete muito útil de que vivemos em um mundo onde esse tipo de escalada de tensões comerciais e incerteza política pode surgir a qualquer momento³ (FMI eleva ..., 2025).

CENÁRIO NACIONAL

O quarto trimestre do ano seguiu o ritmo do terceiro sem nenhum avanço significativo entre as atividades acompanhadas pelas pesquisas mensais do IBGE, embora a geração de empregos continue ainda em ritmo acelerado.

² Ver a respeito FMI eleva projeção de crescimento global em 2026 com boom de IA. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/fmi-eleva-projecao-de-crescimento-global-em-2026-com-boom-de-ia/> Acesso em: 13 mar. 2026.

Em dezembro, as pesquisas mensais do IBGE para os principais setores da atividade econômica, apontaram os seguintes resultados: produção industrial, comércio varejista e serviços, quando comparado a de dezembro de 2024, mostraram taxas de 0,4%, 2,3% e 3,4, respectivamente.

Esses dados já sinalizam uma leve desaceleração da atividade econômica, principalmente na indústria e comércio varejista, mesmo com mercado de trabalho aquecido, com a taxa de desocupação registrando o menor nível da série histórica para esse período, associado aos estímulos do consumo e do crédito por parte do governo que devem mitigar os efeitos defasados da política monetária e da inflação.

INDÚSTRIA

Segundo o IBGE, a produção industrial recuou 1,2% na passagem de novembro para dezembro de 2025, acentuando o comportamento predominantemente negativo observado desde setembro de 2025, período em que acumulou uma perda de 1,9%. Na redução de 1,2% da atividade industrial na passagem de novembro para dezembro de 2025, as quatro grandes categorias econômicas e a maior parte (17) dos 25 ramos pesquisados tiveram recuo na produção. Em relação a dezembro do ano anterior, a produção teve ganho de 0,4%, interrompendo dois meses consecutivos de taxas negativas. Com o resultado de dezembro, a produção industrial se encontra 0,6% acima do patamar pré-pandemia (fevereiro de 2020); mas ainda está 16,3% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011.

No quarto trimestre de 2025, ante o mesmo período do ano anterior, a indústria acumulou perda de 0,5%. Interrompendo o comportamento positivo iniciado no quarto trimestre de 2023 (1,1%), todas as comparações em a relação igual período do ano anterior. O movimento de menor dinamismo na passagem do terceiro (0,5%) para o quarto trimestre de 2025 (-0,5%) foi verificado em três das quatro grandes categorias econômicas, com destaque para bens intermediários (de 2,4% para (-0,7%) e bens de capital (de -2,5% para -5,0%).

De acordo com André Macedo, gerente da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) IBGE,

³ Ver a respeito FMI eleva crescimento global para 2025 graças ao ‘modesto’ impacto comercial nos EUA, 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2025/10/14/fmi-eleva-crescimento-global-para-2025-gracas-ao-modesto-impacto-comercial-nos-eua.htm> Acesso em: 13 mar. 2026.

ao longo de 2025, verificou-se uma clara perda de ritmo, com o setor industrial passando de uma expansão de 1,2% nos seis primeiros meses para uma variação nula no segundo semestre. Esse menor dinamismo guarda uma relação importante com a política monetária mais restritiva, especialmente marcada pelo aumento na taxa de juros, o que impacta diretamente das decisões de investimento por parte das empresas e de consumo por parte das famílias⁴.

Entre as grandes categorias econômicas, o perfil dos resultados para os doze meses de 2025 mostrou maior dinamismo para os segmentos de bens de consumo duráveis (2,5%) e de bens intermediários (1,5%). Por outro lado, os setores produtores de bens de consumo semi e não duráveis (-1,7%) e de bens de capital (-1,5%) assinalaram as taxas negativas.

COMÉRCIO VAREJISTA

Dados das vendas no comércio varejista nacional, em 2025, são um retrato da dinâmica econômica ao longo do ano. Enquanto segmentos mais ligados à renda tiveram desempenho positivo, devido ao mercado de trabalho aquecido, outras áreas mais dependentes do crédito sentiram o limite de gastos mais apertado. Um resultado direto da política de juros restritiva, com uma taxa básica de juros em 15% desde junho do ano passado. Em dezembro de 2025, frente a novembro, as vendas no comércio no país variaram negativamente 0,4%. Na série sem ajuste sazonal, frente a dezembro de 2024, o comércio varejista apresentou crescimento de 2,3%.

O quarto trimestre de 2025 teve crescimento de 1,6% com relação ao mesmo trimestre de 2024 no comércio varejista. No ano, as vendas no comércio varejista registraram alta de 1,6%, o avanço, no entanto, ficou bem abaixo do registrado em 2024, quando as vendas ficaram 4,1%. Os dados são da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC).

No caso do varejo ampliado, que inclui veículos, motos, partes e peças, material de construção e atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo, houve avanço de 0,8%.

⁴ Ver a respeito Indústria nacional recua 1,2% em dezembro e fecha 2025 com alta de 0,6%. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/45787-industria-nacional-recua-1-2-em-dezembro-e-fecha-2025-com-alta-de-0-6>. Acesso em: 10 mar. 2026.

No acumulado do ano sete das atividades do comércio varejista registraram crescimento: *Móveis e eletrodomésticos* (4,5%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria* (4,5%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (2,2%), *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (4,1%), *Tecidos, vestiário e calçados* (1,3%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (0,8%) e *Combustíveis e lubrificantes* (0,6%). *Livros, jornais, revistas e papelaria* registrou variação negativa de -0,9%. Em relação ao varejo ampliado, todas as três atividades adicionais registraram queda: *Veículos e motos, parte e peças*, -2,9, *Material de construção* -0,2% e *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, -2,3%.

A perda de fôlego do consumo no Brasil, especialmente no fechamento de 2025 reflete de forma direta as condições restritivas de financiamentos. Os dados do varejo confirmaram a desaceleração da atividade doméstica ao longo do segundo semestre de 2025. A economia sentiu os efeitos da política monetária contracionista, muito embora o mercado de trabalho robusto e o aumento contínuo da renda real venham servindo como “fatores de amortecimento”, que garantem a resiliência de setores sensíveis à renda.

O Comércio varejista apresentou taxas decrescentes ao longo do ano, mesmo com o setor alcançando sucessivos recordes históricos, a expectativa de economistas ainda é de que o ritmo de expansão da economia deve desacelerar em 2026. Os motivos são o impacto da inflação, dos juros elevados e do “da guerra Eua-Irã”. Embora o cenário atual seja desafiador, a expectativa é de que a desaceleração seja relativamente moderada. Para isso o mercado de trabalho aquecido e o aumento da massa salarial podem contribuir para sustentar o consumo das famílias, evitando uma retração em 2026.

SERVIÇOS

O volume de serviços no Brasil recuou 0,4% em dezembro de 2025 na comparação com novembro, interrompendo uma sequência de resultados positivos, segundo dados da pesquisa Mensal de Serviços (PMS). Mesmo assim, o setor acumulou uma expansão de 2,8% no ano passado. Dessa forma, o setor de serviços se encontra

19,6% acima do nível de fevereiro de 2020 (pré-pandemia) e 0,4% abaixo do recorde da série histórica, alcançado em novembro de 2025. No entanto, na comparação com dezembro do ano anterior, houve avanço de 3,4%, marcando o vigésimo primeiro resultado positivo consecutivo nessa base de comparação.

No acumulado de janeiro a dezembro de 2025, frente a igual período de 2024, os Serviços registraram alta de 2,8%. Foi o quinto ano consecutivo com taxa positiva para o setor, que acumula um ganho de 31,0% entre 2021 e 2025, após ter retraído 7,8% em 2020, quando foi fortemente impactado pelos efeitos da pandemia. Os ramos que mais se destacaram nos últimos cinco anos, em termos de magnitude de crescimento, foram: os *Serviços de tecnologia da informação* (84,4%), os *Serviços técnico-profissionais* (59,8%) e o *Transporte terrestre* (43,5%).

Especificamente para 2025, as principais contribuições positivas para o avanço de 2,8% vieram principalmente de: portais, provedores de conteúdo e outros serviços de informação na internet; transporte aéreo de passageiros; rodoviário de cargas; agenciamento de espaços de publicidade; desenvolvimento e licenciamento de softwares; consultoria em tecnologia da informação; tratamento de dados, provedores de serviços de aplicação e serviços de hospedagem na internet; e logística de cargas.

Os serviços voltaram a se enfraquecer em dezembro de 2025, mas o resultado do mês não impediu que o setor registrasse a quinta alta anual consecutiva. Analistas avaliam se o segmento irá continuar resiliente em 2026, em meio a um mercado de trabalho aquecido e fatores que devem elevar a renda disponível à população. Os números reforçam o diagnóstico de perda de tração da atividade econômica no quarto trimestre, e não alteram a leitura de que há espaço para o Banco Central iniciar o ciclo de cortes da taxa de juros, atualmente em 15%, na próxima reunião.

A estimativa para a safra 2025, segundo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) realizado pelo IBGE, foi de uma safra nacional de 346,1 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas com produção 18,2% superior à safra de 2024. A área colhida de 81,6 milhões de hectares (ha), 3,2% maior que a área em 2024. A maior produtividade, principalmente, das lavouras de soja, milho e

algodão explicam a expansão da produção agrícola brasileira na safra 2025, ainda que os preços das *commodities* estejam em patamares abaixo do desejado pelos produtores.

Com auxílio de condições climáticas favoráveis durante a safra de verão e a segunda safra, chegou-se safra de grãos de 346,1 milhões toneladas. Na avaliação do gerente do LSPA, Carlos Barradas “outro motivo é que os produtores também ampliaram as áreas de plantio e investiram mais nas lavouras porque os preços de alguns produtos na época do plantio estavam atrativos e com boa rentabilidade”.

A desaceleração dos setores no quarto trimestre, diante de uma conjuntura desafiadora, com taxas de juros elevadas, e incerteza no cenário internacional impediu a geração de empregos formais, em razão dos fatores sazonais de dezembro. O principal deles é o fim dos contratos temporários abertos no comércio e nos serviços para o fim de ano. Além disso, empresas costumam ajustar custos e encerrar projetos no fechamento do ano.

Conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego os números que abarcam trabalhadores com carteira assinada apresentou no quarto trimestre saldo negativo em 438.437. No acumulado do ano foram 1,28 milhão adicionado ao estoque de emprego formal, um resultado 23% menor do que o observado no mesmo período de 2024, quando foram criados 1,67 milhão de empregos formais.

Ainda assim, o estoque de trabalhadores com carteira assinada apresentou crescimento ao longo do ano, passando de 47.194.850 vínculos em 2024 para 48.474.348 em 2025, o que representa uma alta de 2,71%.

Todos os cinco principais grupos de trabalho registraram saldo positivo em 2025. O setor de serviços foi o que mais contratou, com 758,8 mil empregos formais criados. O comércio foi o segundo grupo com maior crescimento de vagas, onde foram criados 247,1 mil postos.

Para o conjunto do território nacional, o salário médio de admissão em dezembro de 2025 foi de R\$ 2.303,78. Comparado ao mês anterior, registrou leve recuo, quando o valor era de R\$ 2.315,44, uma variação negativa de R\$ 11,86 (-0,51%). Na comparação com dezembro do ano anterior, já descontados os efeitos sazonais, o indicador apresentou aumento de R\$ 57,18, o que corresponde a uma alta de 2,55%.

A taxa de taxa de desocupação, medida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo IBGE, encerrou o quarto trimestre de 2025 em 5,1%, foi a menor da série histórica iniciada em 2012, recuando nas duas comparações: -0,5 ponto percentual (p.p.) frente ao trimestre anterior de julho a setembro (5,6%). e 1,1 p.p. ante o mesmo trimestre móvel de 2024.

No quarto trimestre, a população desocupada caiu para seu menor contingente desde o início da pesquisa, em 2012: 5,5 milhões, recuando nas duas comparações: 9,0% (menos 542 mil pessoas) no trimestre e caindo 17,7% (menos 1,2 milhão de pessoas) no ano. A taxa de desemprego no Brasil fechou 2025 em 5,6% na média anual, atingindo o menor patamar da série histórica iniciada pelo IBGE em 2012.

O número de empregados do setor privado (53,0 milhões) foi recorde da série, mas sem variação significativa no trimestre e crescimento de 1,1% no ano (mais 578 mil pessoas). Além disso, o número de empregados com carteira assinada no setor privado (exclusive trabalhadores domésticos) foi novo recorde da série (39,4 milhões), com estabilidade no trimestre e alta de 2,47% (mais 939 mil de pessoas) no ano.

De acordo com Adriana Beringuy, coordenadora de Pesquisas por Amostra de Domicílios do IBGE, “Importante registrar que a queda da desocupação não foi provocada por aumento da subutilização da força de trabalho ou do desalento, reduzindo a pressão por trabalho. A trajetória de queda da taxa de desocupação em 2025 foi sustentada pela expansão da ocupação”.

O rendimento real habitual de todos os trabalhos (R\$ 3.613) foi recorde, com altas de 2,4% no trimestre e de 5,0% no ano. A massa de rendimento real (R\$ 367,6 bilhões) foi novamente recorde, com alta de 3,1% (mais R\$ 10,9 bilhões) no trimestre e de 6,4% (mais R\$ 22 bilhões) no ano.

O rendimento médio mensal real habitual de todos os trabalhos (R\$ 3.507) foi recorde, porém estatisticamente estável no trimestre e crescendo 4,0% no ano. A massa de rendimento real habitual (R\$ 354,6 bilhões) foi novamente recorde, com estabilidade no trimestre e alta de 5,5% (mais R\$ 18,5 bilhões) no ano.

Setorialmente, as atividades que mais expandiram a ocupação foram as de Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas, como também o grupamento formado pela Administração pública, defesa, educação, saúde humana, seguridade social e serviços sociais. Essas atividades concentram contingentes de trabalhadores mais escolarizados, com vínculos mais formalizados e rendimentos mais altos, contribuindo para a expansão do rendimento médio da população ocupada, conforme avaliação de Beringuy.

A economia brasileira como um todo apresentou estabilidade no quarto trimestre de 2025, quando começaram a aparecer sinais de desaceleração entre os setores, em razão dos juros altos associado às incertezas globais com as tarifas recíprocas de Donald Trump que tiveram impactos negativos sobre a atividade econômica a partir segundo semestre.

O PIB do 4º trimestre ficou praticamente estável com leve alta de 0,1% sobre o trimestre anterior, e de 1,8% em relação ao mesmo período do ano passado, após avanço de 1,8% no 3º trimestre de 2025. Portanto a expansão da economia se restringiu ao primeiro semestre do ano que cresceu 2,7%, pela retração na indústria da transformação, que registrou atividade mais fraca, e no varejo, pelos juros altos, inadimplência e endividamento das famílias.

Os componentes do PIB pela ótica da demanda, no quarto trimestre de 2025 em relação ao terceiro de 2025 já apontam para desaceleração, impactado pela inflação e a alta da taxa de juro e tarifaço. A Formação Bruta de capital Fixo e a Despesa de Consumo do Governo registraram crescimento de 3,5% e 1,0, respectivamente. O Consumo das famílias registrou estabilidade de 0,0%. No setor externo, na mesma comparação, as Exportações de Bens e Serviços aumentaram 3,7%, enquanto as Importações de Bens e Serviços caíram com variação de apenas de 1,8%.

Pelo lado da produção, o quarto trimestre em relação ao terceiro trimestre de 2025, a Agropecuária apresentou leve alta de 0,5 e pode ser explicada pelo excelente desempenho do terceiro trimestre, safra relevante e pelo aumento da produtividade. A Indústria caiu 0,7% retração na Construção (2,3%), com alta em Eletricidade, gás e água (1,5%) e queda na indústria de Transformação (0,6%) e alta na Indústria extrativa (1,1%). Os Serviços cresceram 0,8% puxados pelas contribuições de Atividades financeiras e de seguros (3,3%) e Informação e Comunicação (1,5%).

No ano de 2025, o crescimento da economia brasileira foi 2,3 mais alto do que o esperado pelo mercado no início do ano, que apontava um PIB anual de apenas 1,5%. Pela ótica da demanda, o consumo das famílias avançou 1,3%. O nível elevado dos juros representou um entrave para um avanço maior desse indicador juntamente com a inflação mais alta. Consumo do governo cresceu acima do Consumo das famílias, 2,1%. Outro componente da demanda que cresceu foi a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que registrou expansão de 2,9%. A taxa de investimento caiu para 16,8% do PIB, o que representa uma ligeira redução em relação ao mesmo período de 2024, enquanto o nível da taxa de poupança se elevou para 14,4%, ante 14,1% em 2024.

No setor externo, as Exportações de Bens e Serviços registraram aumento de 6,2%, enquanto as Importações de Bens e Serviços cresceram com taxa de 4,5%, devido ao aumento das compras de máquinas e equipamentos e outros materiais de transporte.

Pelo lado da produção, Agropecuária foi destaque com expansão de 11,7%, devido ao aumento das principais culturas e da produtividade. A indústria cresceu 1,4% impulsionado pela indústria extrativa e construção. Os serviços continuaram se expandindo com taxa de 1,8%.

Em linhas gerais, os números do PIB do quarto trimestre de 2025 mostraram uma redução mais acentuada do que a esperada, evidenciando uma desaceleração da atividade econômica. Comparando com o mesmo trimestre do ano anterior mostra uma taxa decrescente desde o terceiro trimestre de 2024. Em 2025, também em relação ao trimestre anterior, a retração é considerável de 1,5% no primeiro trimestre

para 0,1% no 4º trimestre. Os resultados reforçam a tendência de desaceleração da economia nos próximos trimestres.

Diante desse cenário, as previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI), com base, em sua atualização do relatório Perspectiva Econômica Global de janeiro para o Brasil, o FMI alertou para uma possível desaceleração em 2026, para 1,6%, uma queda de 0,3 ponto percentual em relação à estimativa anterior. Segundo o Fundo, o principal motivo é a política de juros altos adotada para conter a inflação. O cenário também leva em conta medidas anunciadas pelo governo federal para estimular a atividade econômica. Entre elas está a proposta de isenção do Imposto de Renda para trabalhadores com renda mensal de R\$ 5.000.

A projeção do FMI sinalizou uma desaceleração para a economia brasileira em relação a 2024, quando o país cresceu 3,4%. O principal motivo para o baixo crescimento é a política monetária mais apertada. Por outro lado, ele manteve a perspectiva de que o crescimento da economia deve convergir para 2,5% ao ano no longo prazo, ajudada por reformas que impulsionam a produtividade, como a tributária.

Para o FMI, As perspectivas para o Brasil neste ano e no próximo ficaram bem abaixo das projeções para a América Latina e Caribe, cujas expectativas de crescimento são de respectivamente 2,2% e 2,7%.

CENÁRIO ESTADUAL

A economia baiana desacelerou no segundo semestre, em razão das quedas da indústria geral e dos serviços, mesmo com desempenho expressivo da agropecuária. O cenário de juros elevados, inflação acima da meta e a incerteza geradas pelo “tarifaço” do governo americano impactaram negativamente a confiança de empresários e consumidores com reflexo sobre o PIB da Bahia.

Nesse contexto, a indústria baiana com base no indicador da produção física ajustado sazonalmente, recuou 2,2% no quarto trimestre de 2025, em relação ao terceiro trimestre, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM),

evidenciando um declínio da trajetória do indicador por dois trimestres consecutivos. Sob outro ponto de vista, no período outubro a dezembro de 2025, a produção física da indústria baiana registrou um movimento decrescente, passando de 1,8% para -2,0%, entre o terceiro e quarto trimestres no indicador mensal, comparação com o mesmo período do ano anterior. Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país também registrou desaceleração para taxa de -0,5%, após apresentar, no terceiro trimestre de 2025, variação positiva de 0,5%.

A indústria baiana apresentou variação próxima da estabilidade crescendo apenas 0,3% no acumulado do ano, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na análise dos segmentos da indústria baiana, observa-se crescimento em apenas quatro das 11 atividades no período.

As perspectivas de curto prazo não são animadoras para a indústria, diante da política comercial americana, dos juros elevados e da retração do consumidor pela inadimplência e nível de endividamento muito alto.

O volume de vendas do comércio varejista na Bahia ao longo dos meses do ano de 2025, quando observado igual período de 2024, registrou taxas de crescimento mensal moderadas, à exceção do mês de março/2025 que apresentou desempenho negativo (-4,7%).

Na análise trimestral, constata-se que o setor ganhou fôlego gradualmente, alcançando no quarto trimestre a taxa de 4,7% na comparação com igual período do ano anterior. No sazonal, manteve-se a moderação com a taxa de 1,5% em relação ao trimestre imediatamente anterior.

Por atividade, os dados do comércio varejista baiano no quarto trimestre revelaram que seis dos oito segmentos que compõem o indicador do volume de vendas registraram comportamento positivo. A expansão nas vendas foi verificada nos segmentos de *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (180,6%), *Combustíveis e lubrificantes* (9,1%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (6,8%), *Móveis e eletrodomésticos* (5,9%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (2,6%), e

Outros artigos de uso pessoal e doméstico (1,2%).

No comércio varejista ampliado que inclui o varejo restrito e mais as atividades de Veículos, motocicleta, partes e peças, Materiais de construção, e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo a expansão no quarto trimestre foi de 3,4%, em relação a igual período do ano anterior.

Quanto às atividades que compõem o varejo ampliado, observa-se que Veículos, motocicleta, partes e peças e Materiais de construção retraíram suas vendas no quarto trimestre em -2,3%, e -0,4%, respectivamente, mudando suas trajetórias. Em Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo a variação foi de 5,7%, também alterando o comportamento apresentado em períodos anteriores, somente que de forma positiva.

No ano de 2025, o setor registrou a taxa positiva de 2,7% na comparação com o ano anterior. Apesar do crescimento nas vendas, o ritmo foi inferior ao ano de 2024, dado ao efeito base de comparação, manutenção dos juros elevados, maior endividamento das famílias, e crescimento mais moderado da renda.

O volume de serviços na Bahia, quando comparado com o quarto trimestre do ano anterior, apresentou queda de 1,9%, mantendo a desaceleração iniciada no segundo trimestre de 2025 (-2,0%), para esse tipo de comparação. Esse resultado foi inferior à média nacional (2,9%).

O volume de serviços na Bahia apresentou uma trajetória de retração por três trimestres seguidos. Quando comparado com o terceiro trimestre do ano anterior, marcou queda de 2,9%, mantendo a desaceleração iniciada no segundo trimestre de 2025 (-2,0%), para esse tipo de comparação. Esse resultado foi inferior à média nacional (3,1%).

No acumulado entre janeiro a dezembro de 2025, em relação ao mesmo período do ano anterior, o volume de serviços na Bahia retraiu 1,1%. Esse resultado foi inferior à média nacional (2,8%).

Na comparação com o acumulado de janeiro a dezembro de 2024, o setor retraiu 1,1%. Três das cinco atividades puxaram o volume de serviços baiano para baixo, com destaque para as atividades de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-3,7%), que contabilizou a variação negativa mais expressiva, seguida pela atividade de Serviços prestados às famílias (-2,2%), depois Serviços de informação e comunicação (-0,4%). Por outro lado, as contribuições positivas vieram de Outros serviços (5,7%), que contabilizou a variação positiva mais expressiva, seguida pela atividade de Serviços profissionais, administrativos e complementares (3,0%).

Após a queda na produção de grãos em 2024, tanto o IBGE como a Conab confirmaram uma produção de grãos maior em 2025, beneficiada pelas condições climáticas favoráveis.

No que concerne ao acompanhamento da safra pela Conab, a produção baiana de grãos atingiu cerca de 14 milhões de toneladas, 10,9% maior em relação ao ciclo 2023/2024. Com relação à área plantada, houve ampliação de 4,5% na mesma base de comparação, alcançando área de 3,95 milhões de ha. Assim, o rendimento médio do conjunto das lavouras pesquisadas foi de 3,51 t/ha.

Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo IBGE, de dezembro de 2025, estimou uma produção de cereais, oleaginosas e leguminosas acima de 12,8 milhões de toneladas, o que representa uma expansão de 12,8% na comparação com a safra de 2024.

Sob um cenário internacional imprevisível, as exportações baianas somaram US\$ 11,63 bilhões em 2025, com queda de 2,3% em relação ao ano anterior. As importações, por sua vez, somaram US\$ 9,31 bilhões, também acusando recuo de 12,8%. O saldo comercial no período foi positivo em US\$ 2,32 bilhões.

O desempenho negativo das vendas externas foi puxado pela queda de 5,8% nos preços médios dos produtos exportados pelo estado, resultado da nova realidade global marcada por incertezas sem precedentes após tarifaço impostos pelos Estados Unidos a diversos países, com a consequente desaceleração do

crescimento econômico global, o que gerou redução dos preços das commodities, perfil predominante da pauta estadual.

As importações alcançaram US\$ 9,31 bilhões em 2025, com queda de 12,8% no comparativo interanual. Com isso, a corrente de comércio do estado somou US\$ 20,94 bilhões, 7,2% inferior ao ano passado.

Diferentemente do que se esperava no início do ano, e na contramão do que ocorreu nacionalmente, as importações baianas recuaram, no ano, impactadas pela queda nas compras de combustíveis (petróleo cru, nafta, querosene e óleo diesel), que fecharam o acumulado do ano com queda de 41,7%, sendo a única categoria a apresentar queda no ano. O setor de bens intermediários, majoritário na pauta, 57,0% de participação das compras em 2025 - seguiu estável, com crescimento de 0,52%, acompanhando o ritmo lento do crescimento da produção industrial (1,1% até novembro), ditado pelo desempenho da indústria do refino e petroquímica.

A conjuntura do mercado de trabalho baiano tem por base tanto os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, quanto os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Assim, de acordo com os dados do Caged, de outubro a dezembro de 2025, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho no estado diminuiu, fruto da supressão líquida de 5.900 postos. Ao fim do quarto trimestre de 2025, mesmo com a perda líquida ocorrida nesse intervalo, a Bahia passou a contar com 2.232.149 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 4,41% sobre o quantitativo de 2.137.769 empregos computados no início do ano (estoque de referência) – ou seja, mais 94.380 postos de trabalho no conjunto dos 12 meses de 2025. Dessa forma, ao término do referido trimestre, a Bahia concentrava 26,92% e 4,60% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, respectivamente – mantendo-se, assim, com o maior volume de vínculos formais do Nordeste e o sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

Sob o olhar dos resultados mensais, a dinâmica com mais desligamentos do que admissões foi apurada em apenas um dos meses do quarto trimestre de 2025 na Bahia. O mês de dezembro, como de costume, exibiu saldo negativo, uma perda líquida de 19.498 postos – montante, por sinal, mais do que suficiente para impactar negativamente o último trimestre do referido ano. Aliás, além de ter sido o único mês do ano com resultado negativo, dezembro exibiu o pior registro mensal desde o de maio de 2020.

Ao fim do quarto trimestre de 2025, mesmo com a perda líquida ocorrida nesse intervalo, a Bahia passou a contar com 2.232.149 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 4,41% sobre o quantitativo de 2.137.769 empregos computados no início do ano (estoque de referência) – ou seja, mais 94.380 postos de trabalho no conjunto dos 12 meses de 2025.

Por sua vez, em termos de acumulado anual, o ano de 2025, com 94.380 novos postos, indicou o quinto intervalo seguido de expansão. Além do mais, ao se mostrar maior do que o observado no ano de 2024, com 85.474 novos vínculos celetistas, o resultado de 2025 contribuiu para uma trajetória ascendente, visto que o saldo de 2024 também já tinha sido maior do que o de 2023.

De acordo com o levantamento da PNADC, na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 8,0% no quarto trimestre de 2025. Trata-se do menor índice trimestral em toda a série. Do terceiro ao quarto trimestre de 2025, apesar da ausência de significância estatística da variação, a taxa de desocupação decresceu, pois passou de 8,5% para 8,0%, respectivamente – indicando um recuo de 0,5 ponto percentual na margem. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2024, quando o indicador havia sido estimado em 10,0%, também houve decréscimo, com a taxa mais recente, ficando 2,0 pontos percentuais abaixo.

O rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no quarto trimestre de 2025, na Bahia, foi estimado em R\$ 2.355, o segundo maior da série – mas o segundo mais baixo entre as unidades federativas (semelhantemente ao constatado no trimestre antecedente), acima apenas ao do Maranhão, estimado em R\$ 2.140. Além do mais, o rendimento médio

baiano se mostrou equivalente a 65,2% e a 94,3% dos rendimentos médio brasileiro e nordestino, que foram de R\$ 3.613 e de R\$ 2.498 no referido trimestre, respectivamente. Em relação ao mesmo intervalo de 2024, quando estava em R\$ 2.184, houve alta de 7,8% (ou seja, mais R\$ 171,00) – segundo aumento em sequência nessa base de comparação. Num comparativo com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 2.286, ocorreu uma variação positiva de 3,0% (mais R\$ 69,00), segunda alta consecutiva.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 15,304 bilhões no estado, o maior montante desde o início da série histórica – significando uma elevação de 4,2% frente ao do terceiro trimestre de 2025, de R\$ 14,681 bilhões, e uma alta de 11,7% num comparativo com o total do mesmo período do ano de 2024, cujo valor havia sido de R\$ 13,700 bilhões. A Bahia, assim, no quarto trimestre do ano, concentrou 4,2% e 26,5% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina, respectivamente.

Para os próximos meses, diante de um cenário econômico provavelmente menos vigoroso, a geração de empregos, principalmente aqueles com carteira assinada, pode vir a ser afetada e, assim, vir a assumir um compasso relativamente mais lento. No entanto, vale destacar, mesmo que venha a experimentar ritmo menos intenso, a expectativa é de que o mercado de trabalho continue incorporando trabalhadores e gerando renda até o final do ano.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao quarto trimestre mostraram que os resultados negativos para a indústria geral, e serviços, mas com significativa geração de emprego formal e principalmente o excelente desempenho da safra de grãos contribuíram para que o PIB da Bahia, calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), expandisse 0,2% quando comparado ao trimestre anterior. Já no quarto trimestre de 2025 em relação ao mesmo período de 2024 registrou crescimento de 2,3% acima da taxa do PIB do Brasil para o mesmo período, 1,8%. No ano, o PIB da Bahia cresceu 2,7%, taxa maior que a do Brasil que foi 2,3%.

Sob a ótica da produção, o resultado do quarto trimestre revela um cenário com dinâmicas distintas entre os setores. Além do excelente desempenho da agropecuária (12,4%), o setor de serviços (2,0%) manteve expansão. Diante do peso do setor seguem sustentando o crescimento do PIB. Em contrapartida, segmentos industriais mais sensíveis ao ciclo econômico e ao crédito como a construção civil e grande parte das indústrias de transformação, registraram desempenho modesto ou mesmo negativo, com a indústria apresentando leve crescimento de 0,6%.

O resultado do quarto trimestre reforça a leitura de que a economia baiana está em fase de desaceleração. Ao longo do primeiro semestre, período no qual o PIB acumulou um crescimento de 2,7%, a dinâmica favorável do mercado de trabalho, as transferências de renda do governo e as contribuições advindas da agropecuária e da indústria extrativa ajudaram a compensar os efeitos negativos da política monetária restritiva e da inflação. Para os próximos trimestres, espera-se que a manutenção desses fatores positivos seja crucial para evitar uma desaceleração mais intensa da economia baiana, bem como a redução da taxa de juros.

AGROPECUÁRIA

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br
Flávio de Jesus Sales
flaviosales@sei.ba.gov.br

A colheita das culturas agrícolas no Brasil, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)⁵, alcançou uma produção de grãos de 352,26 milhões de toneladas (t) no ciclo 2024/2025. O volume representa um crescimento de 17,0% na comparação com o ciclo anterior.

Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA)⁶, realizado

⁵ COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 12º levantamento. v. 13, n. 12. Disponível em https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-graos/boletim-da-safra-de-graos/4o-levantamento-safra-2025-26/e-book_boletim-de-safras-12o-levantamento_2026. Acesso em: 27 fev 2026

⁶ LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2025_dez.pdf. Acesso em: 27 fev. 2026.

pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁷, estimou uma safra nacional de 346,1 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas. Assim como no levantamento da Conab, a estimativa também é de crescimento, com produção 18,2% superior à safra obtida em 2024. E área colhida de 81,6 milhões de hectares (ha), 3,2% maior que a área em 2024. A maior produtividade, principalmente, das lavouras de soja, milho e algodão explicam a expansão da produção agrícola brasileira na safra 2025, ainda que os preços das commodities permaneçam em patamares abaixo do desejado pelos produtores.

Na Bahia, após a retração na produção de grãos em 2024, tanto o IBGE como a Conab confirmaram uma produção de grãos maior em 2025, beneficiada pelas condições climáticas favoráveis.

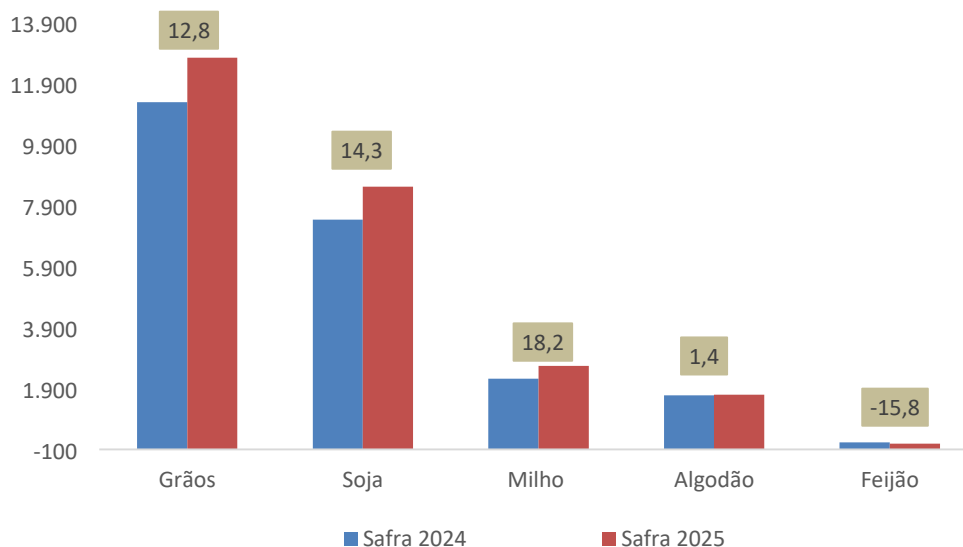
No que se refere ao acompanhamento da safra pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em seu décimo segundo levantamento para o ciclo 2024/2025, a produção baiana de grãos alcançou cerca de 14 milhões de toneladas, 10,9% superior ao registrado no ciclo 2023/2024⁸. Com relação à área plantada, houve ampliação de 4,5% na mesma base de comparação, alcançando área de 3,95 milhões de ha. Assim, o rendimento médio do conjunto das lavouras pesquisadas foi de 3,51 t/ha.

Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo IBGE, de dezembro de 2025, estimou uma produção de cereais, oleaginosas e leguminosas⁹ acima de 12,8 milhões de toneladas, o que representa uma expansão de 12,8% na comparação com a safra de 2024, conforme ilustrado no Gráfico 1.

⁷ Refere-se ao décimo-segundo levantamento divulgado pelo IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

⁸ COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 12º levantamento. v. 12, n. 12. Disponível em https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-graos/boletim-da-safra-de-graos/2o-levantamento-safra-2025-26/e-book_boletim-de-safras-2o-levantamento_2025.pdf. Acesso em: 28 ago. 2025.

⁹ Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

Gráfico 1 – Estimativas da safra de grãos– Bahia –2024/2025

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2025).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas e variações anuais nos rótulos em percentuais.

Entre os grãos, destaca-se a produção de soja com estimativa de 8,61 milhões de toneladas, 14,3% superior ao verificado em 2024, com ampliação da área plantada que deve ficar em 2,14 milhões de hectares (5,5% acima do observado em 2024). A produtividade da área colhida é 8,3% maior que a registrada na safra passada.

As duas safras anuais do milho, estimadas pelo IBGE, alcançaram 2,74 milhões de toneladas, o que representa crescimento de 18,2% na comparação anual. Com relação à área plantada (600 mil hectares), o IBGE apontou um decréscimo de 0,7% em relação à safra anterior. A estimativa da primeira safra anual foi de 1,93 milhão de toneladas, sendo 24,6% superior ao registrado em 2024. Para segunda safra (806 mil toneladas) houve aumento de 5,3% em relação à colheita do ano anterior.

A produção de algodão (caroço e pluma) cresceu 1,4% em relação a 2024, podendo alcançar, de acordo com o IBGE¹⁰, 1,79 milhão de toneladas. A área plantada com a fibra (400 mil hectares) superou em 5,3% a de 2024. Segundo a Conab, o aporte hídrico favoreceu as lavouras de algodão e melhorou as condições de umidade do solo, minimizando perdas por falta de umidade.

Por sua vez, os demais grãos que tem pouca representatividade na agricultura baiana, como o feijão e o sorgo, registraram queda na produção.

Na lavoura do feijão, o IBGE observou produção de 187 mil toneladas, representando recuo de 15,8% na comparação com a safra de 2024. A área plantada (350 mil hectares) recuou 7,9% em relação àquela observada no ano anterior. A primeira safra da leguminosa (86,4 mil toneladas) foi estimada em 37,0% inferior à de 2024, enquanto a segunda safra (100,8 mil toneladas) registrou variação positiva de 18,3%, na mesma base de comparação.

OUTRAS LAVOURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS

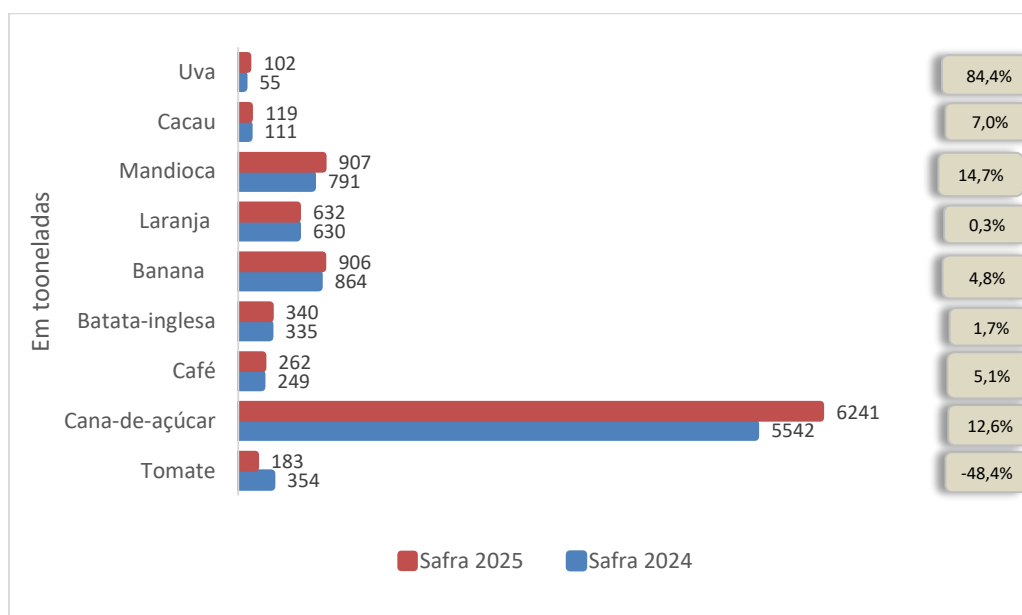
Em 2025, para safra de café a colheita foi de 262 mil toneladas, 5,1% acima do observado no ano passado. A safra do tipo arábica alcançou aproximadamente 89 mil toneladas, menor em 14,6% da safra do ano anterior. Por sua vez, a safra do tipo canéfora foi de 173 mil toneladas, o que corresponde a um volume 19,3% acima do nível do ano anterior.

A lavoura cacaeira alcançou uma safra de 119 mil toneladas, apontando aumento de 7,0% na comparação anual. A produção de cacau foi impulsionada em 2025 pela elevada demanda global e pela redução na oferta, tendo em vista os problemas climáticos causados pelo El Niño e de questões fitossanitários em importantes regiões produtoras, como na Costa do Marfim. E, claro, as condições climáticas foram favoráveis para lavoura cacaeira nas regiões do Baixo Sul e Litoral Sul.

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estimou produção de 6,24 milhões de toneladas, revelando decréscimo de 12,6% em relação à safra 2024. Os municípios de Juazeiro, no Vale do São Francisco, e Caravelas, no Litoral Sul, cultivam mais de 50% da cana-de-açúcar do estado, de acordo com os dados da Pesquisa Agrícola dos Municípios (PAM) de 2024.

¹⁰ LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2025_dez.pdf. Acesso em: 27 fev. 2026..

Gráfico 2 – Variação percentual anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias – Bahia –2024/2025



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2025).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Na fruticultura, as estimativas para as lavouras de banana (906 mil toneladas), laranja (632 mil toneladas) e uva (102 mil toneladas) são positivas. Neste sentido, registraram, respectivamente, variações de 4,8%, 0,3% e 84,4% em relação à safra anterior.

O IBGE indicou uma produção de 907 mil toneladas de mandioca, 14,7% maior que a de 2024. A produção de batata-inglesa estimada em 340 mil toneladas, apresentou acréscimo de 1,7%. Já a produção do tomate, de 183 mil toneladas, registrou queda de 48,4%, na comparação com a do ano anterior.

Com os dados consolidados para 2025, a primeira estimativa do IBGE para o ano de 2026, indica uma produção 4,7% menor de grãos na Bahia, a qual será impactada, segundo a instituição pela menor produção de soja e algodão visto que, estima-se que as áreas de cultivo das oleaginosas devem apresentar queda, motivada pelos preços da *commodity*, que vem sendo comercializada em patamares abaixo do esperado pelos produtores. Assim, destaca-se, entre os grãos, a queda na produção de soja (-5,7%), algodão (-17,5%) e sorgo (-3,8%). Em sentido contrário, as estimativas são de crescimento para milho (2,3%) e feijão (8,3%).

A Conab, por outro lado, na quinta estimativa do ciclo 2025/2026¹¹, destaca o bom desempenho na produção dos grãos para a próxima safra. A instituição estima produção de 14,4 milhões de toneladas de grãos – o que representa um avanço de 2,8% em relação ao ciclo 2024/2025. De acordo com a Conab, a região do Matopiba encontra-se com níveis de umidade do solo satisfatórios, favorecendo o desenvolvimento dos cultivos de primeira safra¹².

De modo geral, para maioria das culturas, os preços com baixa rentabilidade têm desestimulado os produtores a ampliarem as áreas de produção e limitado os investimentos nas lavouras.

Por fim, a possibilidade de El Niño no segundo semestre deste ano, com seu efeito no aumento das temperaturas e redução das chuvas no Norte e Nordeste do país, reforça a perspectiva de efeitos negativos sobre as culturas de segunda safra.

PECUÁRIA

De acordo com as estatísticas da produção pecuária do IBGE¹³, coletadas pelos sistemas de inspeção federal, estadual e municipal, para a Bahia, foram abatidas aproximadamente 372 mil cabeças de bovinos no quarto trimestre de 2025, o que corresponde a um crescimento de 3,1% na comparação com o mesmo trimestre de 2024. No ano o abate de bovinos cresceu 4,0%, um aumento de aproximadamente 56,0 mil cabeças.

A Bahia registrou o maior número de bovinos abatidos da série histórica. Segundo o IBGE, esse cenário foi favorecido pelo aumento nas exportações de carnes bovinas e pela forte demanda interna, incentivando a elevação dos preços para o setor. Além disso houve um aumento expressivo no abate de fêmeas (23,5%) e queda no abate

¹¹ Os dados levantados pela Conab seguem a temporalidade do calendário-safra, que vai de setembro do ano corrente a agosto do ano seguinte, diferentemente do IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

¹² COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 5º levantamento. v. 14, n. 5. Disponível em: https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-graos/boletim-da-safra-de-graos/5o-levantamento-safra-2025-26/e-book_boletim-de-safras-5o-levantamento_2026.pdf – página 16. Acesso em: 27 fev. 2026.

¹³ INDICADORES IBGE: estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, out./dez. 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp_2025_4tri.pdf. Acesso em: 18 mar. 2026.

de machos (-7,0%) no ano. A Bahia ocupa a 11^a posição entre os estados, com 3,4% de participação.

Já o abate de suínos (79 mil cabeças) apresentou avanço na comparação trimestral, com taxa de 0,4%. No ano registrou queda de 1,8% em comparação ao total de 2024, reduzindo para cerca de 292 mil cabeças abatidas, o menor patamar em quatro anos.

A aquisição de leite, por sua vez, alcançou 155 milhões de litros no quarto trimestre, com expansão de 4,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. No acumulado do ano, o crescimento na aquisição de leite foi de 6,3% a mais que em 2024, cerca de 614 milhões de litros.

Os frangos abatidos no quarto trimestre somaram 35 milhões de cabeças, aumento de 1,8% em relação ao quarto trimestre de 2024. No ano teve o segundo aumento consecutivo com taxa de 3,9%, alcançando aproximadamente 136 milhões de aves. A produção de ovos de galinha foi de 23 milhões de dúzias no quarto trimestre de 2025, com redução de 0,6% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, mas crescimento de 5,0% no ano, atingindo cerca de 93 milhões de dúzias, o maior quantitativo em 25 anos (desde 2001), quebrando o recorde do ano anterior.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento

carlajanira@sei.ba.gov.br

Flávio de Jesus Sales

flaviosales@sei.ba.gov.br

O cenário macroeconômico no quarto trimestre de 2025 refletiu a manutenção das altas taxas de juros no país e também as incertezas crescentes no período, em especial, devido às medidas de protecionismo dos EUA. Nesse contexto, a indústria brasileira em 2025, apresentou desaceleração no indicador da produção física¹⁴, posto que registrou taxa de 0,4%, 0%, -0,1% e -0,7%, respectivamente, no primeiro, segundo, terceiro e quarto trimestres de 2025, comparados aos trimestres exatamente anteriores.

O desempenho na produção industrial do país foi acompanhado por um avanço na confiança dos empresários do setor, significando que eles foram resilientes no final do segundo semestre do ano, diante do cenário incerto para o futuro, tendo em vista as mudanças na economia mundial. Nesse período, o Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getulio Vargas (FGV-IBRE), aumentou 2,4 pontos percentuais entre setembro e dezembro de 2025, para 92,9 pontos. Segundo o especialista Stéfano Pacini da FGV¹⁵:

A confiança da indústria recuperou parte da confiança perdida durante o ano. Ainda é cedo para ver uma mudança no sentimento de pessimismo dos empresários do setor, uma vez que o resultado tem característica de compensação após uma sequência de meses negativos (SONDAGEM DA INDÚSTRIA ..., 2025).

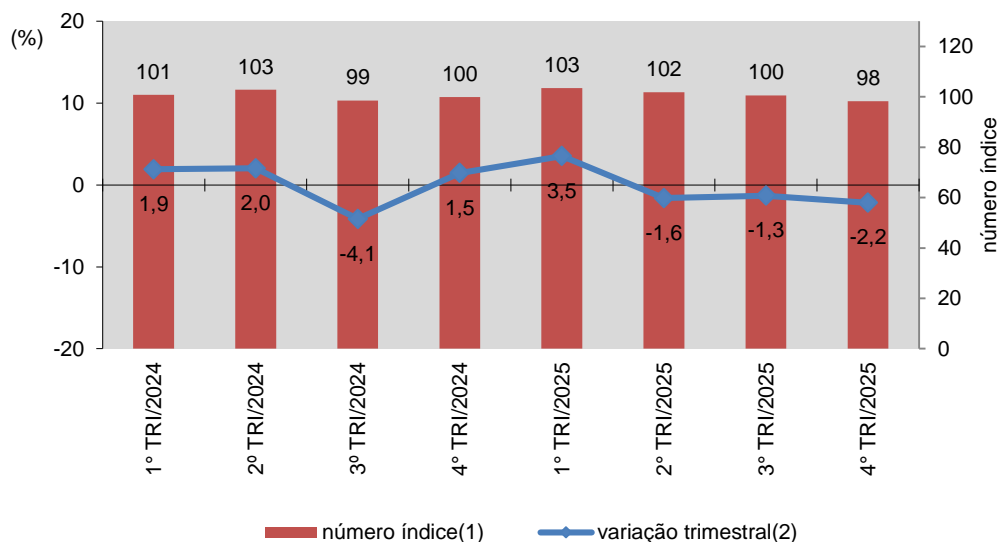
A indústria baiana, por sua vez, com base no indicador da produção física ajustado sazonalmente, recuou 2,2% no quarto trimestre de 2025, em relação ao terceiro trimestre, o qual havia apresentado decréscimo de 1,3% em relação ao segundo

¹⁴Na série com ajuste sazonal.

¹⁵SONDAGEM DA INDÚSTRIA: Índice de Confiança da Indústria. FGV/IBRE: Rio de Janeiro, dez. 2025. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/system/files?file=divulgacao/releases/2025-12/Sondagem%20da%20Industria%20FGV_press%20release_Dez25.pdf. Acesso em: 27 fev. 2026.

trimestre de 2025, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)¹⁶, evidenciando um declínio da trajetória do indicador por três trimestres consecutivos, como ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Produção física industrial (%) – Bahia – 1º trim. 2024-4º trim. 2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2025).

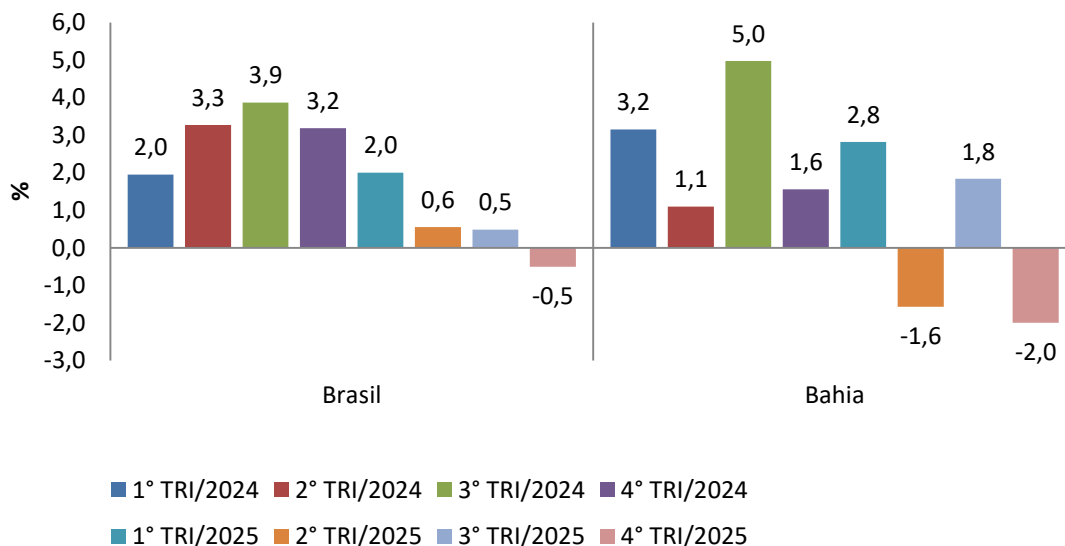
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Número índice ajustado sazonalmente.

(2) Variação no trimestre em relação ao trimestre exatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

De outro ponto de vista, no período outubro a dezembro de 2025, a produção física da indústria baiana registrou um movimento decrescente, passando de 1,8% para -2,0%, entre o terceiro e quarto trimestres no indicador mensal, comparação com o mesmo período do ano anterior (Gráfico 2). Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país também registrou desaceleração para taxa de -0,5%, após apresentar, no terceiro trimestre de 2025, variação positiva de 0,5%.

¹⁶ PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2025_dez.pdf. Acesso em: 27 fev. 2026.

Gráfico 2 – Produção física industrial – Brasil e Bahia – 1º trim. 2024-4º trim. 2025

Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2025).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

No âmbito estadual, entre o terceiro e quarto trimestres de 2025 o principal avanço aconteceu na indústria de *Produtos de borracha e material plástico* (de -5,8% para 5,2%). Na *Metalurgia* houve uma redução da retração passando (de -7,9% para -2,8%), embora o setor permaneça em queda. Destacam-se os recuos em *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* (de 16,2% para -17,7%), *Outros produtos químicos* (de -4,1% para -13,5%) e no setor de *Derivados de petróleo* (de 6,9% para -1,6%).

No acumulado do ano de 2025, a indústria nacional apresentou crescimento moderado de 0,6%, sendo que a principal contribuição para o setor veio de bens duráveis (2,5%), seguido por bens intermediários (1,5%). No setor de bens de capital, observou-se recuo de 1,5%, e em bens de consumo semi e não duráveis houve decréscimo de 1,7%.

A indústria baiana apresentou variação próxima da estabilidade crescendo apenas 0,3% no acumulado do ano, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na análise dos segmentos da indústria baiana, observa-se crescimento em apenas quatro das 11 atividades no período. Os dados estão ilustrados no Gráfico 3.

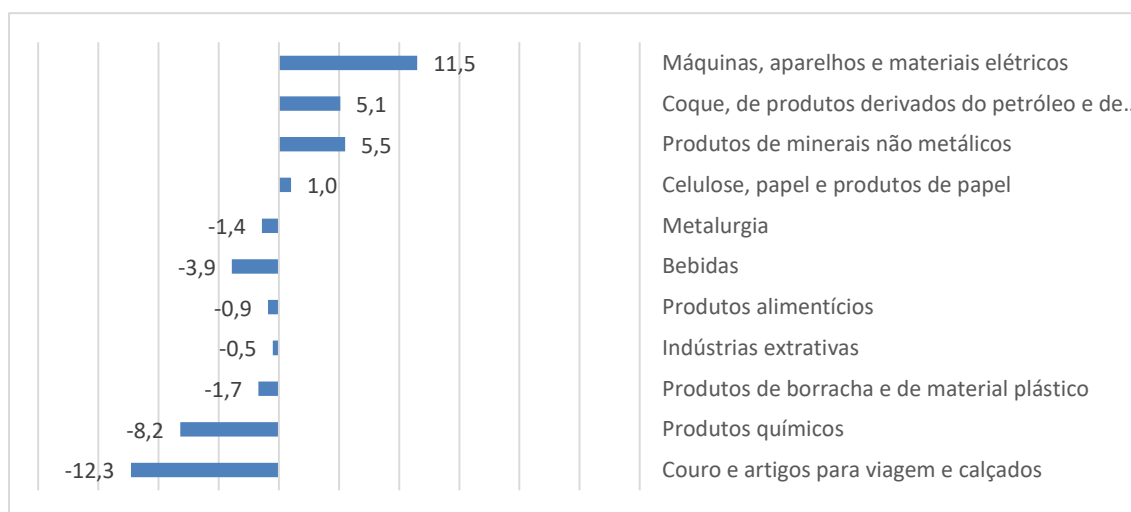
No ano de 2025, entre os segmentos que mais influenciaram o resultado positivo da indústria de transformação baiana, destaca-se o setor de *Derivados de petróleo*, que registrou avanço na produção de 5,1%, principalmente devido ao aumento no processamento de gasolina e óleo combustível.

O setor de *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* apresentou avanço de 11,5% no período, atribuído, principalmente, à maior produção de eletrodomésticos.

A produção de *Minerais não metálicos* aumentou 5,5% no período. O avanço ocorreu, principalmente, na fabricação de massa de concreto e outros insumos para o setor da construção. Esse desempenho reflete o crescimento das obras civis de empreendimentos imobiliários, mesmo diante das incertezas dos empresários diante das dificuldades de acesso ao crédito, atrelado às elevadas taxas de juros que impactam a atividade.

O segmento de *Celulose e papel* avançou 1,0% no acumulado no ano. O baixo desempenho anual do segmento reflete a parada geral programada para manutenção em uma das unidades produtoras no estado, no primeiro semestre, o que levou à redução da produção de celulose no período.

Gráfico 3 – Produção física da indústria por setores de atividade (%) – Bahia – janeiro a dezembro de 2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2025).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: variação percentual acumulada no período em relação ao mesmo período do ano anterior.

A principal contribuição negativa no acumulado do ano veio de *Produtos químicos*, principalmente em razão da menor fabricação de bens químicos de uso industrial. De modo geral, o segmento tem apresentado capacidade ociosa, afetado pela menor demanda externa e pela baixa competitividade dos produtos domésticos frente aos importados, assim como, pelo elevado preço interno do gás natural. Nesse sentido, houve queda nas vendas externas do setor com taxa -21,6% em 2025.

Na indústria de *Couro e calçados*, a queda de 12,3% do setor deu-se especialmente pela menor produção de calçados sintéticos.

No segmento de *Produtos alimentícios* foi observada retração de 0,9%. A queda na produção do segmento de *Alimentos* está atribuída, em especial, a menor transformação de derivados do cacau e açúcar cristal. Entretanto, as vendas externas de derivados de cacau avançaram 26,6% no ano, principalmente por conta do crescimento dos preços médios com taxa 24,7%, enquanto o volume aumentou 1,5%. Já a produção agrícola de cana de açúcar está destinada mais ao processamento de etanol, o que explica a redução da produção de açúcar cristal.

O segmento de *Produtos de borracha e material plástico*, com recuo de 1,7% no período, teve o desempenho influenciado, principalmente, pela redução na produção insumos da construção civil, embalagens plásticas e acessórios para pneus.

A indústria de *Bebidas* recuou 3,9% no período, impactada pela menor produção de cervejas/chopes e águas minerais.

A indústria *Metalúrgica* registrou taxa anual de -1,4%, sobretudo pela menor produção de ferrossilício. No período, as vendas externas do setor metalúrgico recuaram 2,9% e os preços médios do setor reduziram 17,7%¹⁷, porém houve acréscimo no volume de vendas do segmento em 18% no período, especialmente, de ferroligas, no caso ferrossilício.

¹⁷DESEMPENHO do comércio exterior baiano. Boletim de Comércio Exterior da Bahia, Salvador, 2025. Disponível https://www.ba.gov.br/sei/sites/site-sei/files/2026-02/bce_dez_25.pdf. Acesso em: 27 fev. 2026.

A *Indústria extrativa* apresentou declínio de 0,5% no período, principalmente em decorrência da redução na produção de magnésia e minérios de cobre em bruto.

Diante do exposto, observa-se que a política comercial americana trouxe expectativas negativas para o segundo semestre da indústria baiana, visto que os setores mais ameaçados pelas taxas impostas pelos EUA possuem significativa representatividade na produção industrial baiana, a exemplo do químico, de borracha (especialmente pneus), alimentos (como carnes, cacau e frutas) entre outros. Porém, após o período mais crítico da política comercial americana, é importante ressaltar que as exportações desses produtos poderiam ser impactadas, provocando forte redução na oferta desses produtos, caso as empresas desses setores não tivessem destinado seus produtos a outros mercados. Assim, mesmo com a normalização da questão tarifária EUA x Brasil, muitos produtos ainda precisam ter alíquotas reduzidas e/ou retiradas. Neste sentido, é imprevisível o desempenho da atividade industrial em 2026, pois a incerteza na política externa, além de retração nas exportações, inclui perda de competitividade, redução de investimentos e pressão sobre o mercado de trabalho. Ademais, o setor está pressionado pelas elevadas taxas de juros e elevados estoques. E, soma-se a todos esses fatores, as tensões geopolíticas com muitos conflitos que ameaçam a estabilidade da economia brasileira, que podem evoluir para um cenário de ampliação dos custos de produção.

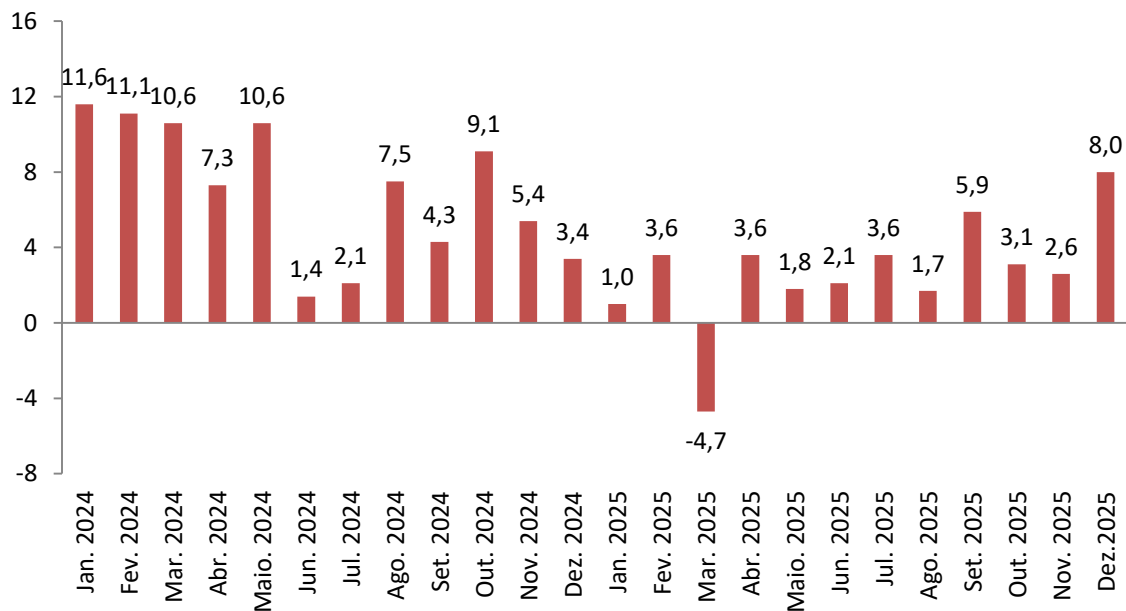
COMÉRCIO VAREJISTA

Elissandra Alves de Britto
elissandra@sei.ba.gov.br

O volume de vendas do comércio varejista na Bahia ao longo dos meses do ano de 2025, quando observado igual período de 2024, registrou taxas de crescimento mensal moderadas, à exceção do mês de março/2025 que apresentou desempenho negativo (-4,7%). A dinâmica das vendas ao longo desses meses foi ditada por pressão dos preços de alimentos, alta dos juros, comprometimento da situação financeira das famílias e desaceleração da atividade econômica. Em dezembro/2025, o setor na Bahia registrou crescimento de 8,0%, ficando atrás apenas do Amapá (15,6%), e superando a taxa do Brasil que variou positivamente

em 2,3% (Gráfico 1). Esses dados foram apurados pela Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – realizada em âmbito nacional – e analisados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento.

Gráfico 1
Volume de vendas do comércio varejista na Bahia: 2024-2025



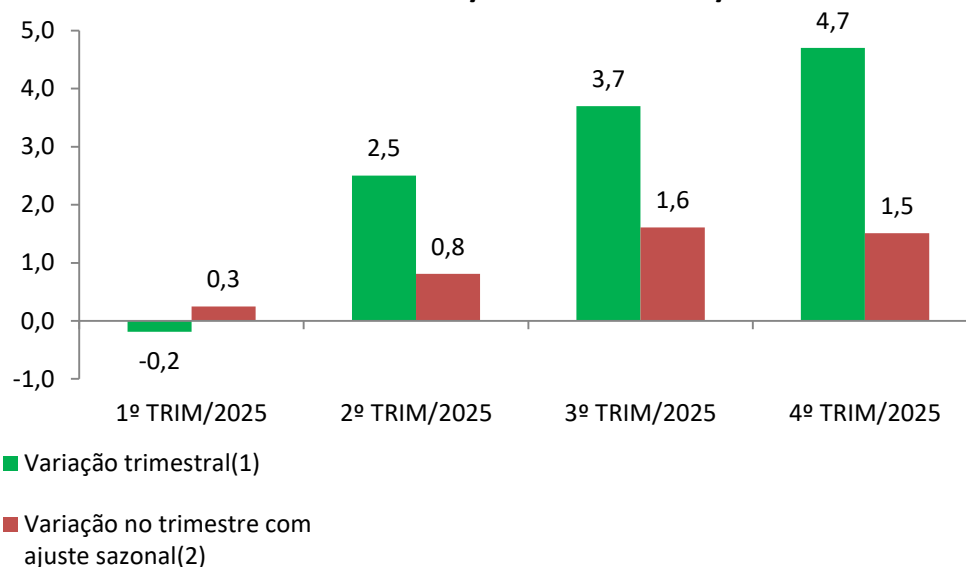
Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2025)

Elaboração: CAC/SEI

■ Mensal

Na análise trimestral, constata-se que o setor ganhou folego gradualmente, alcançando no quarto trimestre a taxa de 4,7% na comparação com igual período do ano anterior. No sazonal, manteve-se a moderação com a taxa de 1,5% em relação ao trimestre imediatamente anterior (Gráfico 2).

**Gráfico 2 - Volume de vendas do comércio varejista na Bahia-
4º TRIM/2024 - 4º TRIM/2025**



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio (2025)

Elaboração: SEI/CAC

(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

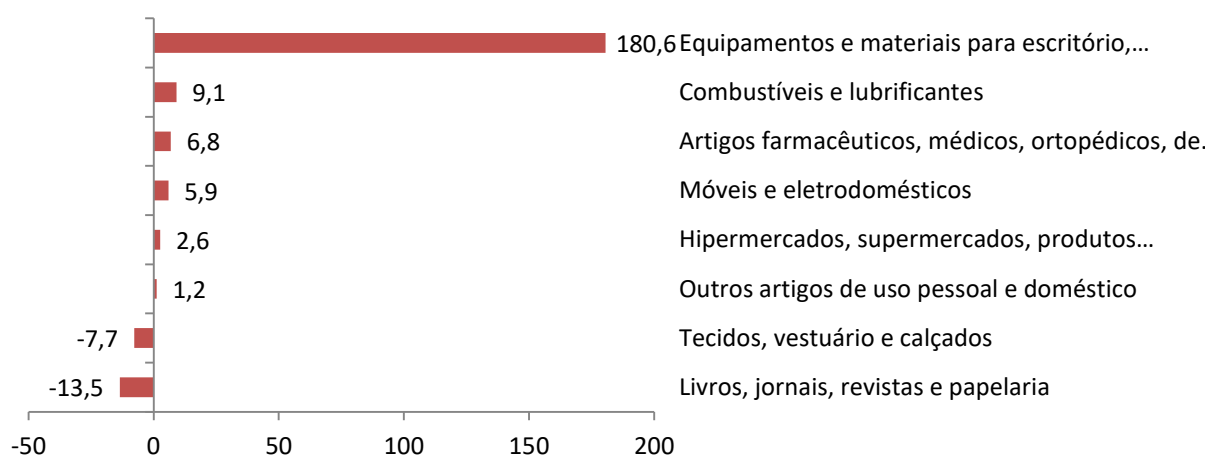
(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente.

No comparativo com o ano anterior, as vendas do varejo baiano no quarto trimestre de 2025 (4,7%) ficaram abaixo de igual período (6,5%) de 2024. Nessa ocasião, embora o saldo das operações de crédito tenha registrado crescimento, o ritmo observado foi mais moderado do que o verificado no ano passado. No sazonal, o comportamento seguiu no mesmo sentido, apesar de na teoria, o quarto trimestre tender a apresentar resultados mais satisfatório, dado aos elementos impulsionadores como proximidade das datas comemorativas de fim do ano, como comemoração do Dia das Crianças, Natal, Ano Novo, e ainda o movimento dos lojistas em realizar a tradicional *Black Friday* e antecipação do décimo terceiro.

Por atividade, os dados do comércio varejista baiano no quarto trimestre revelaram que seis dos oito segmentos que compõem o indicador do volume de vendas registraram comportamento positivo. A expansão nas vendas foi verificada nos segmentos de *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (180,6%), *Combustíveis e lubrificantes* (9,1%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (6,8%), *Móveis e eletrodomésticos* (5,9%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (2,6%), e *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (1,2%). Enquanto *Tecidos, vestuário e*

calçados (-7,7%), e *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-13,5%) registraram taxas negativas (Gráfico 3).

Gráfico 3
Volume de vendas das atividades do comércio varejista* -Bahia - 4º TRIM/2025



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2025)

Elaboração SEI/CAC

*Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

■ 4º trim/2025

Assim, o crescimento das vendas no último trimestre de 2025 em relação a igual período do ano passado foram resultado de uma combinação de fatores como: melhora da confiança do consumidor, mercado de trabalho mais aquecido, alívio da inflação e conseqüentemente aumento do poder de compra, a sazonalidade do fim de ano através de impulsos como *Black Friday*, Natal e pagamento do 13º salário, além da expansão do setor de serviços, pois trata-se de um período em que o estado aumenta o fluxo de visitantes.

No ano de 2025, o setor registrou a taxa positiva de 2,7% na comparação com o ano anterior. Esse crescimento foi pautado, além dos aspectos já ressaltados, no crescimento de alguns segmentos de grande relevância para o setor como *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos e Combustíveis e lubrificantes* (Tabela 1).

Tabela 1
Volume de vendas do comércio varejista Bahia, no acumulado do ano 2025* (1)

Atividade	Ano
Comércio varejista	2,7
1 - Combustíveis e lubrificantes	2,9
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	2,2
2.1 - Hipermercados e supermercados	3,9
3 - Tecidos, vestuário e calçados	-3,5
4 - Móveis e eletrodomésticos	3,5
4.1 - Móveis	-2,0
4.2 - Eletrodomésticos	8,9
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	8,3
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	28,3
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	-17,5
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-0,1
Atacado selecionado e outros (2)	0,4
9 - Veículos, motocicleta, partes e peças	5,0
10 - Materiais de construção	-1,2
11 - Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-13,4

Fonte: IBGE/PMC.

(1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

* Dados apurados até o mês de dezembro/2025.

Em 2025, apesar do crescimento nas vendas, o ritmo foi inferior ao ano de 2024, dado ao efeito base de comparação, manutenção dos juros elevados, maior endividamento das famílias, e crescimento mais moderado da renda.

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC)¹⁸, elaborada mensalmente pela Fecomércio BA, apontou estabilidade na taxa de famílias endividadas em Salvador, com 76,3% em dezembro, frente a 76,2% no mês de novembro. Dado o período de inflação mais moderada e do pagamento do 13º salário. Entretanto, apesar de estável, o percentual permanece acima do patamar registrado um ano antes (65,6%).

Assim, apesar do dinamismo no mercado de trabalho e de uma inflação em patamar mais baixo, ainda não é possível vislumbrar retomadas de vendas vultosas no varejo restrito, em 2026.

No comércio varejista ampliado que inclui o varejo restrito e mais as atividades de

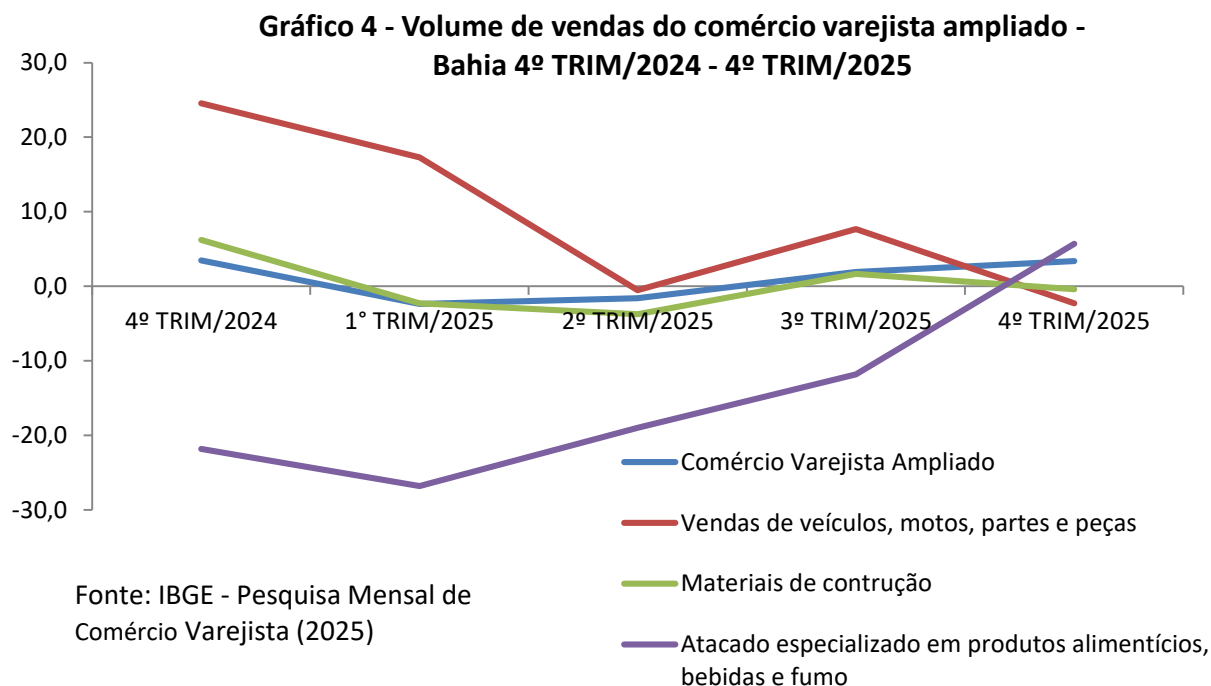
Veículos, motocicleta, partes e peças, Materiais de construção, e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo a expansão no quarto trimestre foi de 3,4%, em relação a igual período do ano anterior.

Quanto às atividades que compõem o varejo ampliado, observa-se que *Veículos, motocicleta, partes e peças* e *Materiais de construção* retraíram suas vendas no quarto trimestre em -2,3%, e -0,4%, respectivamente, mudando suas trajetórias. Em *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* a variação foi de 5,7%, também alterando o comportamento apresentado em períodos anteriores, somente que te forma positiva (Gráfico 4).

O comportamento do segmento de veículos na Bahia no quarto trimestre em relação ao trimestre anterior está relacionado a fatores econômicos e sazonais como custo elevado do crédito, comprometimento da renda das famílias e sazonalidade do consumo, pois nesse período o consumidor passa a direcionar suas compras para outras finalidades como viagens, festas e presentes. Além da desaceleração nas vendas, após meses de crescimento, processo chamado de acomodação da demanda.

Já *Materiais de construção*, tratando-se de um ramo impactado pela renda e principalmente pelo crédito na modalidade de cartão de crédito, perdeu ritmo a partir do terceiro trimestre de 2024 chegando a registrar variação negativa no primeiro (-2,3%) e segundo trimestre (-3,8%), sugerindo que ante a elevação dos preços de alguns produtos e da taxa de juros, os consumidores ficaram mais cautelosos na aquisição de produtos comercializados pela atividade. Já *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* ficaram sujeito às variações de preços dos alimentos no mercado, assim como à disponibilidade de renda do consumidor.

¹⁸ Ver a respeito Fecomércio BA. PEIC|DEZEMBRO 2025. Endividamento se estabiliza em dezembro e inadimplência recua, avalia Fecomércio BA. Disponível em: <https://fecomercio.ba.com.br/central-conhecimento/peic-dezembro-2025/>. Acesso em: 09 mar. 2026.



No acumulado do ano, o destaque positivo no período ficou por conta de *Veículos, motocicleta, partes e peças* que registrou ritmo de crescimento aquecido 5,0% (Tabela 1). Ao passo que *Materiais de construção* (-1,2%) e *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* (-13,4%) registram variações negativas, resultando no ano o tímido crescimento das vendas no varejo ampliado de 0,4%.

Nesse aspecto, os dados apresentados pela pesquisa sobre comércio varejista no quarto trimestre de 2025 apesar de positivos devem ser vistos com cautela, pois a manutenção da trajetória dos juros elevados, impactando nos níveis de endividamento e inadimplência podem comprometer a dinâmica do setor nos próximos trimestres. Nesse aspecto, a expectativa para o comportamento do varejo no primeiro trimestre de 2026 é de taxas de crescimentos moderadas.

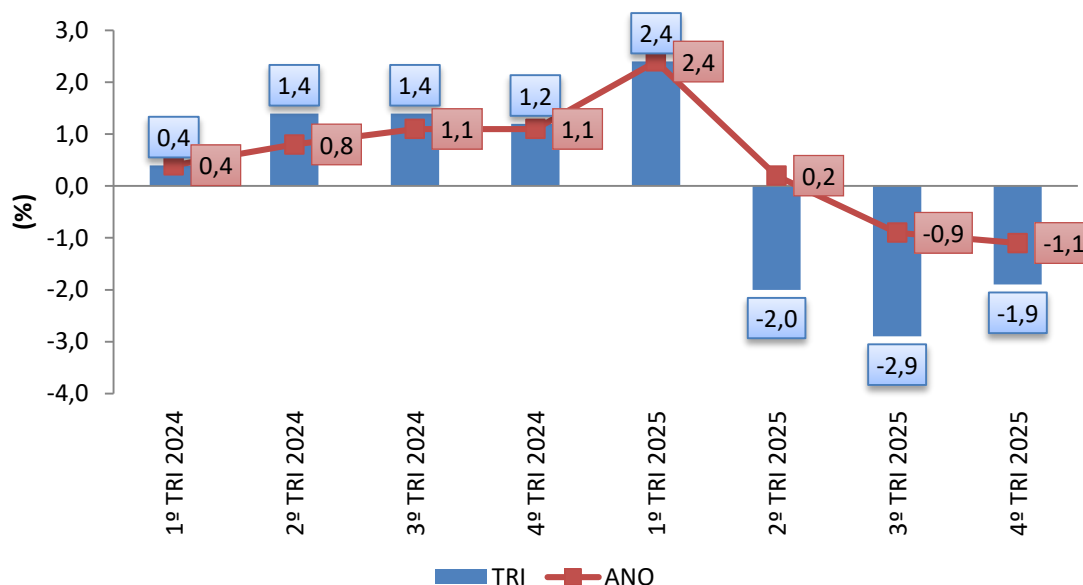
SERVIÇOS

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o quarto trimestre do ano anterior,

registrou queda de 1,9%, mantendo a desaceleração iniciada no segundo trimestre de 2025 (-2,0%), para esse tipo de comparação. Esse resultado foi inferior à média nacional (2,9%) (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume de Serviços (1) (2)
Bahia — 1º trim. 2024-4º trim. 2025



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nessa análise, três das cinco atividades puxaram o volume de serviços para baixo, com destaque para as atividades de *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (-6,4%), seguido por *Serviços prestados às famílias* (-5,3%), e *Outros serviços* (-2,9%). Por outro lado, *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (8,1%) e *Serviços de informação e comunicação* (0,2%) apresentaram crescimento no período.

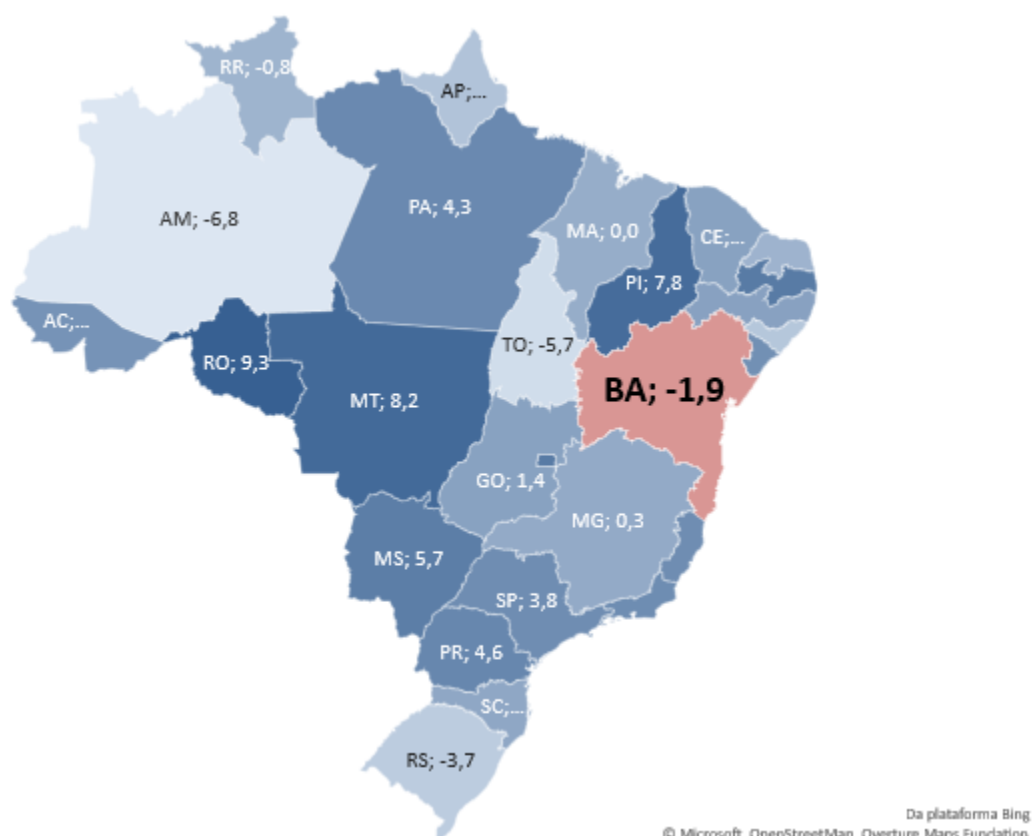
Na comparação nacional, 18 das 27 unidades da federação contribuíram positivamente para o resultado nacional. As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram em Rondônia (9,3%), seguida por Mato Grosso (8,2%), Piauí (7,8%), e Distrito Federal (6,0%). Em sentido oposto, os destaques para os recuos

foram Amazonas (-6,8%), Tocantins (-5,7%), e o Rio Grande do Sul (-3,7%) Nessa comparação, a Bahia (-1,9%) contabilizou a quarta posição entre os locais investigados que desaceleraram no trimestre (Figura 1).

Figura 1

Volume de Serviços, por Unidades da Federação (1)

Bahia — 4º Trim. 2025/4º Trim. 2024



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

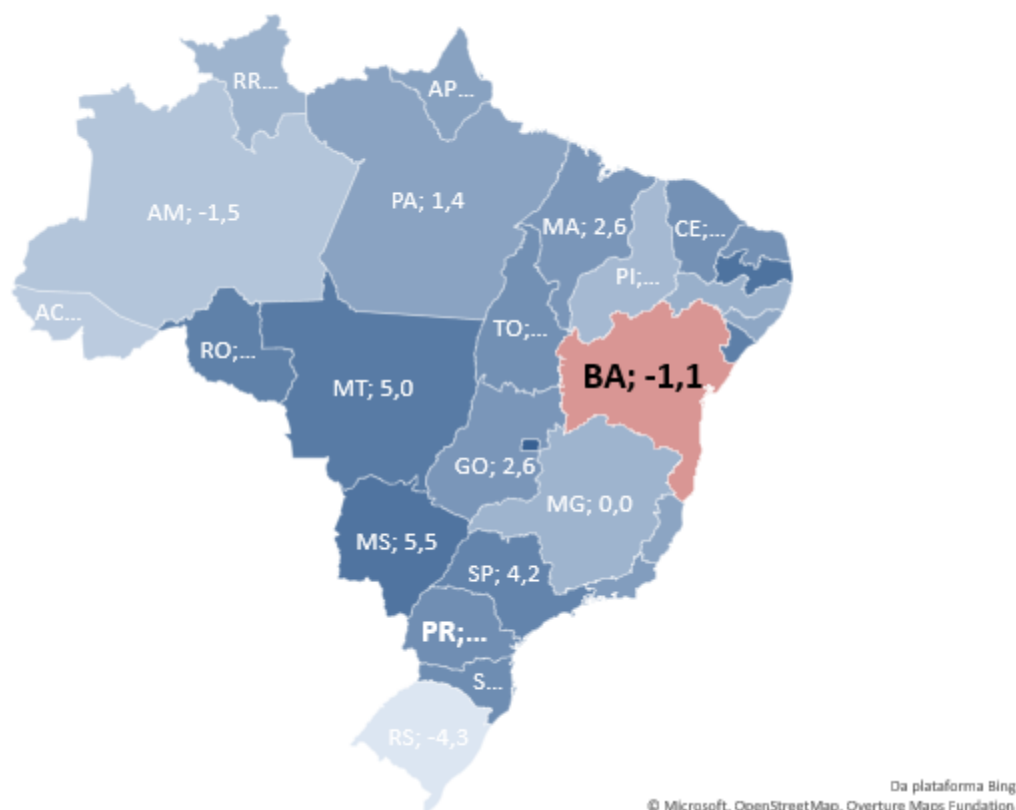
Apesar do resultado negativo, o setor contabilizou saldo positivo na geração de emprego. Segundo as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizadas pela SEI, no quarto trimestre de 2025, o setor de serviços contabilizou na Bahia, 4.176 novos postos de trabalho com carteira assinada. Esse resultado é superior ao desempenho dos outros setores (*Agropecuária, Comércio, Construção e Indústria*), e ao mesmo período do ano passado, em que havia sido contratados 4.088 empregos celetistas.

A arrecadação seguiu o mesmo comportamento do volume de serviços. Segundo a Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz), o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do setor de serviços no estado baiano totalizou mais de R\$ 1,2 bilhão no quarto trimestre de 2025, com queda nominal de 10,0% em relação ao ano anterior, o que representa uma retração aproximadamente de R\$ 137 milhões na arrecadação do estado, puxado, pelas atividades de *Serviços de Transporte* (-47,5%) e *Serviços de Utilidade Pública* (-4,5%).

No acumulado do ano de 2025, em relação ao mesmo período do ano anterior, o volume de serviços na Bahia retraiu 1,1%. Esse resultado foi inferior à média nacional (2,8%). Três das cinco atividades puxaram o volume de serviços baiano para baixo, com destaque para as atividades de *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (-3,7%), que contabilizou a variação negativa mais expressiva, seguida pela atividade de *Serviços prestados às famílias* (-2,2%), e *Serviços de informação e comunicação* (-0,4%). Por outro lado, as contribuições positivas vieram de *Outros serviços* (5,7%), seguida pela atividade de *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (3,0%).

Na comparação nacional, 21 das 27 unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional. As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram no Distrito Federal (7,0%), Paraíba (5,7%) e Mato Grosso do Sul (5,4%). Por outro lado, Rio Grande do Sul (-4,4%), Acre (-1,9%), Amazonas (-1,5%) e Bahia (-1,1%) marcaram os principais recuos. Nessa comparação, a Bahia contabilizou a terceira posição entre os locais investigados (Figura 2).

Figura 2
 Volume de Serviços, por Unidades da Federação (1)
 Bahia — 1º Trim.-4º Trim. 2025/1º Trim.-4º Trim. 2024



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.

(1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Apesar da desaceleração apresentada pelo volume no acumulado do ano, o setor ainda assim, contabilizou na Bahia significativo saldo positivo na geração de emprego. Segundo as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizadas pela SEI, no ano de 2025, o setor de serviços contabilizou, no estado baiano, 54.459 novos postos de trabalho com carteira assinada. Esse resultado é superior em relação aos outros setores (*Agropecuária, Comércio, Construção e Indústria*), e inferior em relação ao mesmo período do ano passado, em que havia sido de 51.990 novos empregos celetistas.

Quanto a arrecadação, segundo a Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz), o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do setor de

serviços registrou aproximadamente R\$ 4,9 bilhões no acumulado do ano de 2025, com queda nominal de 0,4% em relação ao ano anterior. O que representa uma retração acima de R\$ 21 milhões na arrecadação do estado, determinada pelas atividades de *Serviços de Transporte* (-23,9%) e *Serviços de Utilidade Pública* (-0,6%).

Diante desse cenário, a perspectiva para os próximos meses é de manutenção da desaceleração no volume de serviços. Essa percepção é compartilhada pelas pesquisas de sondagens empresariais divulgadas até o momento.

Conforme a sondagem empresarial da FGV, o Índice de Confiança de Serviços (ICS) do FGV IBRE recuou 0,7 ponto em fevereiro, para 90,2 pontos. Na média móvel trimestral, o índice cresceu 0,1 ponto, para 90,5 pontos. Segundo avaliação de Rodolpho Tobler, economista da FGV IBRE¹⁹:

Após três meses seguidos de alta, a confiança do setor de serviços acomodou em fevereiro, influenciada principalmente pela deterioração das expectativas, enquanto as avaliações sobre a situação atual registraram melhora discreta. O resultado dos últimos meses tem tido maior influência pelo movimento dos indicadores de expectativas, que vinham em trajetória favorável e recuaram agora em fevereiro. Pelo lado da situação presente, os indicadores têm oscilado no mesmo patamar e indicam desaceleração na demanda do setor. Para os próximos meses, o cenário macroeconômico ainda apresenta desafios, mas a possibilidade de redução de juros nos próximos meses e a resiliência do mercado de trabalho ainda podem sustentar o nível da confiança do setor (Confiança de ..., 2025).

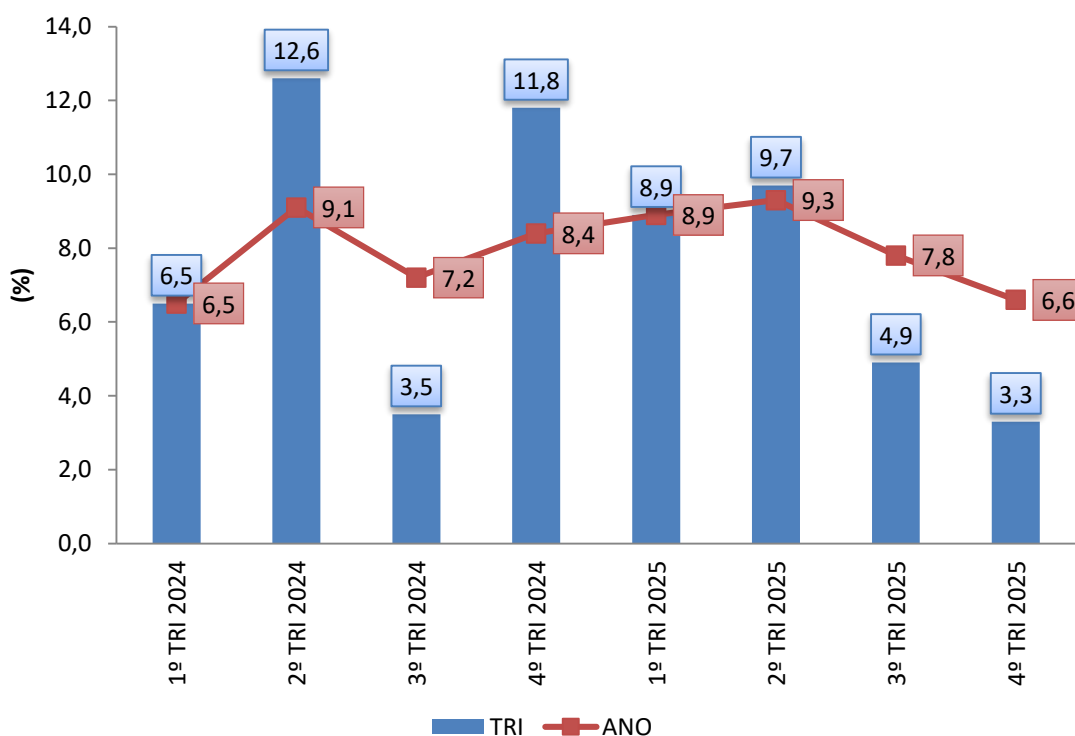
¹⁹ Ver a respeito: Confiança de Serviços recuou em fevereiro. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/system/files/divulgacao/noticias/mat-complementar/2026-02/Press%20Release_ICS_Fev26.pdf . Acesso em: 27 fev. 2026.

TURISMO

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas²⁰ na Bahia, quando comparado com o quarto trimestre do ano de 2024, cresceu 3,3%, mantendo a trajetória iniciada no segundo trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a décima nona taxa positiva, para esse tipo de comparação (Gráfico 1).

Gráfico 1 Volume das atividades turísticas (1) (2)
Bahia — 1º trim. 2024-4º trim. 2025



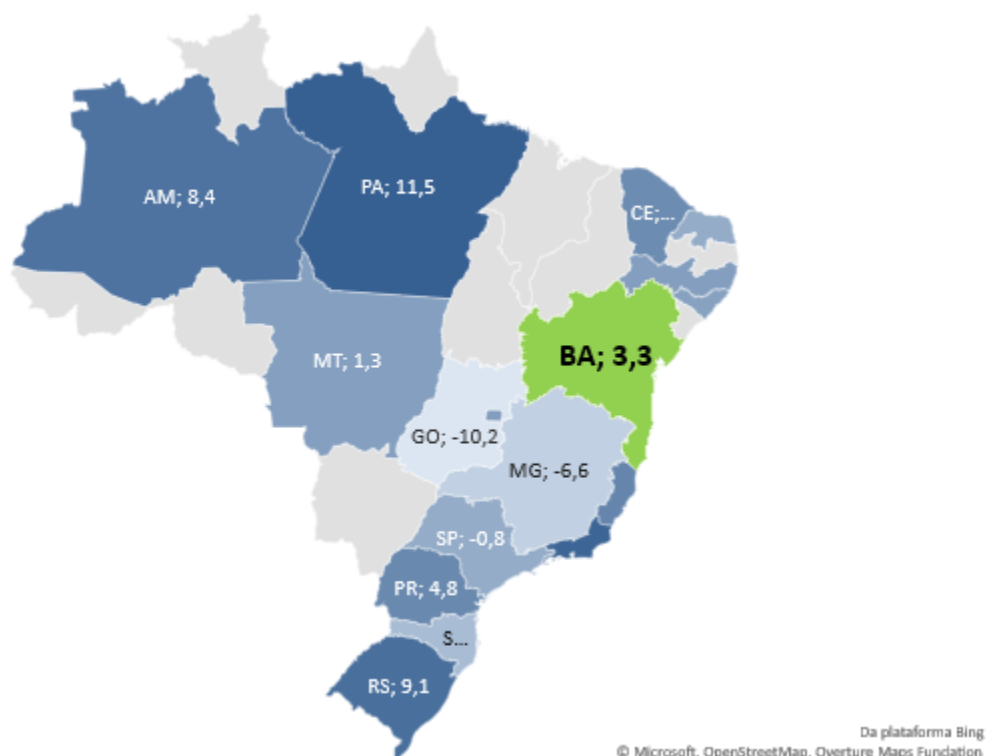
Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

- (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.
- (2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

²⁰ Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

O volume do agregado especial das atividades turísticas no Brasil cresceu 1,6%, no quarto trimestre do ano de 2025, frente a igual período de 2024. Regionalmente, 12 dos 17 locais pesquisados mostraram avanço nos serviços voltados ao turismo. Com destaque, em termos de variações mais expressivas para Pará (11,5%), Rio de Janeiro (10,7%), e Rio Grande do Sul (9,1%). Nessa comparação, a Bahia (3,3%) ficou com o oitavo melhor resultado, superando à média nacional. As principais influências negativas ficaram de Goiás (-10,2%), e Minas Gerais (-6,6%) (Figura 1).

Figura 1
Volume das atividades turísticas (1)
Bahia — 4º Trim. 2025/4º Trim. 2024



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Na arrecadação, segundo os dados da Sefaz, a Bahia apresentou em Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) R\$ 2,2 bilhões no quarto trimestre de 2025, referente às Atividades Características do Turismo, com expansão nominal de 77,9% em relação ao mesmo trimestre do ano de 2024. Esse resultado foi impulsionado por aproximadamente 77,8% das atividades investigadas. Os principais destaques foram: *Transporte marítimo de longo curso* (1.449,8%), *Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares* (8,1%), *Locação de automóveis*

sem condutor (20,7%), Serviços de organização de feiras, congressos, exposições e festas (19,7%), Serviço de transporte de passageiros - locação de automóveis com motorista (68,8%), e Restaurantes e similares (4,6%). Por outro lado, as principais influências negativas foram: *Outros transportes aquaviários não especificados anteriormente (-73,7%), Atividades de sonorização e de iluminação (-6,3%), Serviços de reservas e outros serviços de turismo não especificados anteriormente (-2,2%), e Outros transportes rodoviários de passageiros não especificados anteriormente (-8,9%).*

O mercado de trabalho formal acompanhou a mesma tendência do volume e contabilizou saldo positivo significativo na geração de emprego. Segundo as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego, sistematizadas pela SEI, no quarto trimestre de 2025, o setor de turismo contabilizou, na Bahia, 3.035 postos de trabalho com carteira assinada, decorrente da diferença entre 19.614 admissões e 16.579 desligamentos. Esse resultado, porém, mostrou-se superior ao contabilizado no mesmo trimestre do ano anterior, em que havia sido de 2.498 empregos celetistas.

No quarto trimestre de 2025, na Bahia, dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo²¹, 19 exibiram saldo positivo, cinco registraram resultado negativo e três ficaram com saldo nulo. No referido intervalo, os melhores resultados despontaram em *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas (+1.503 vagas), Hotéis e similares (+880 postos) e Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, intermunicipal, interestadual e internacional (+433 vínculos).* Por outro lado, *Transporte rodoviário de táxi (-119 postos), Atividades esportivas não especificadas anteriormente (-21 empregos) e Atividades de organização de eventos, exceto culturais e esportivos (-10 vagas)* foram aqueles com os menores saldos, todos exibindo mais desligamentos do que admissões.

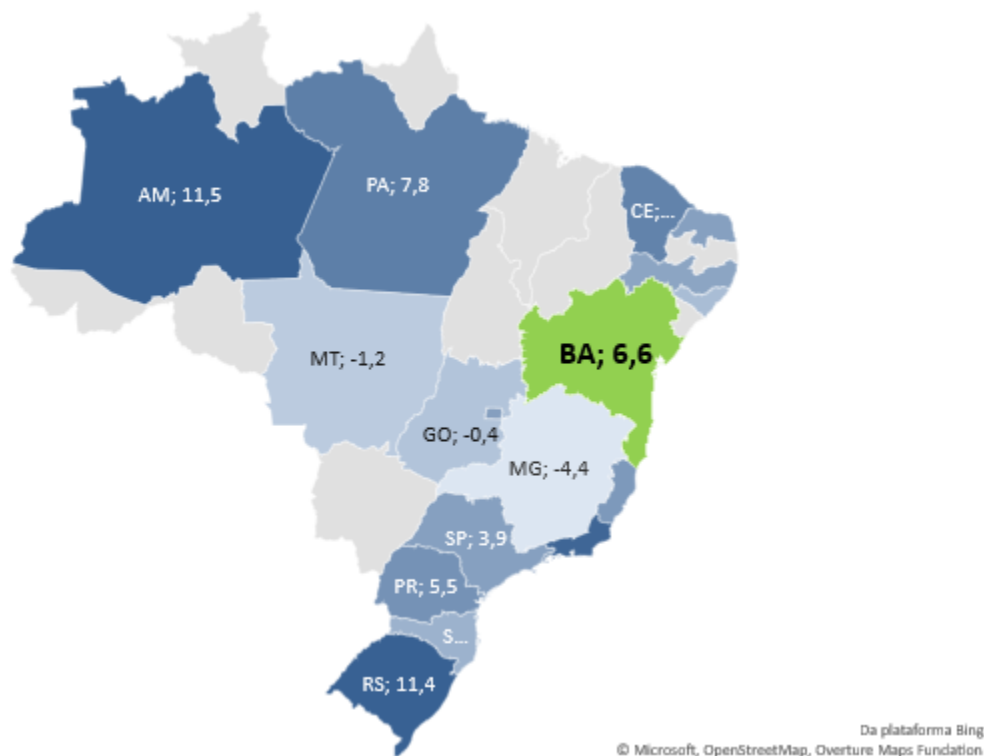
No que diz respeito exclusivamente ao conjunto das 13 zonas turísticas do estado da Bahia, que juntas englobam 150 municípios, constatou-se o surgimento líquido de 2.778 empregos com carteira assinada no quarto trimestre de 2025 (diferença entre

²¹ Referem-se às classes CNAE 2.0 considerando todos os municípios da Bahia, não apenas os das zonas turísticas.

18.099 admissões e 15.321 desligamentos) – indicando, dessa maneira, uma conjuntura mais robusta em termos de geração de postos de trabalho, comparativamente àquela averiguada no mesmo trimestre do ano imediatamente antecedente, quando 2.461 novos vínculos celetistas haviam sido estabelecidos nesse recorte geográfico. Com a mesma tendência positiva, a zona turística que mais registrou ampliação no número de trabalhadores formais foi a Baía de Todos-os-Santos (+911 postos).

No acumulado do ano de 2025, frente a igual período de 2024, o volume das atividades turísticas do Brasil cresceu 4,6%. Em termos regionais, 14 dos 17 locais pesquisados mostraram avanço nos serviços voltados ao turismo em que sobressaíram os ganhos vindos do Amazonas (11,5%), Rio Grande do Sul (11,4%) e Rio de Janeiro (10,8%). Nessa comparação, a Bahia cresceu 6,6% e manteve a expansão (7,3%) contabilizado em novembro. O estado apontou a sexta posição entre os locais investigados, e superior à média nacional. Em sentido oposto, Minas Gerais (-4,4%), Mato Grosso (-1,2%), e Goiás (-0,4%) foram às influências negativas do mês (Figura 2).

Figura 2
 Volume das atividades turísticas (1)
 Bahia — 1º Trim. - 4º Trim. 2025/1º Trim. - 4º Trim. 2024



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.

(1) Variação acumulada do ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Seguindo o mesmo comportamento do volume, conforme a Sefaz, a Bahia arrecadou em Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) perto de R\$ 6,5 bilhões, referente às Atividades Características do Turismo, no ano de 2025, com expansão nominal de 33,9% em relação ao mesmo trimestre do ano de 2024. Esse resultado foi impulsionado por aproximadamente 76,2% das atividades investigadas. Os principais destaques foram: *Transporte por navegação de travessia intermunicipal, interestadual e internacional* (4.886%), *Transporte marítimo de longo curso* (336,7%), *Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares* (12,0%), *Restaurantes e similares* (15,9%), *Serviços de organização de feiras, congressos, exposições e festas* (34,8%), *Locação de automóveis sem condutor* (9,6%), e *Serviço de transporte de passageiros - locação de automóveis com motorista* (40,9%). Por outro lado, as principais influências negativas foram: *Locação de aeronaves sem tripulação* (-28,2%), *Transporte aéreo de passageiros regular* (-

44,9%), *Outros transportes rodoviários de passageiros não especificados anteriormente* (-16,3%), e *Outros transportes aquaviários não especificados anteriormente* (-24,0%).

O mercado de trabalho formal acompanhou a mesma tendência do volume e contabilizou significativo saldo positivo na geração de emprego. Segundo o Caged, no acumulado de janeiro a dezembro de 2025, o saldo de empregos formais do setor de turismo no estado da Bahia também apresentou variação positiva, indicando uma geração líquida de 5.677 postos de trabalho, decorrente de 75.207 admissões e 69.530 desligamentos. Um cenário, portanto, mais favorável do que o observado no mesmo período do ano de 2024, quando foi registrado 5.199 novas vagas.

Dos 27 subsetores econômicos do turismo local, 21 deles geraram postos de trabalho no acumulado do ano, enquanto cinco dessas classes indicaram perda líquida de postos e uma apresentou saldo nulo. No caso, *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas*, *Hotéis e similares* e *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, sob regime de fretamento*, e *Outros transportes rodoviários não especificados anteriormente* foram os subsetores com as maiores expansões, contabilizando 2.961, 858 e 572 novos vínculos formais, respectivamente. Enquanto isso, *Concessionárias de rodovias, pontes, túneis e serviços relacionados* (-537 vagas), *Transporte por navegação de travessia* (-25 vínculos) e *Transporte aéreo de passageiros não-regular* (-13 postos) indicaram os menores saldos no mencionado período, todos com perda líquida de postos.

No que se refere ao recorte por zonas turísticas, no acumulado dos 12 meses de 2025, houve geração líquida de 4.472 postos no estado, resultante da diferença entre 68.859 admitidos e 64.387 desligados. No mesmo intervalo do ano imediatamente antecedente, todavia, o resultado havia sido ligeiramente maior, de 4.493 novos postos de trabalho. Com a mesma tendência positiva, a zona turística que mais registrou ampliação no número de trabalhadores formais foi a Baía de Todos-os-Santos (+1.483 postos).

Cabe destacar que a atividade turística no quarto trimestre de 2025 foi impulsionada pelas festas populares e religiosas, como a Novena de Santa Luzia, a Festa de Santa Bárbara, a Novena em honra a Nossa Senhora da Conceição da Praia, a

Festa do Bom Jesus dos Navegantes e outras. Também contribuíram as festas natalinas e a da virada de ano, realizadas na capital baiana e em grande parte dos municípios.

Assim, a expectativa é de manutenção do crescimento do setor de Turismo para o primeiro trimestre de 2026, com taxa amenizada. O Carnaval em Salvador, além das festas populares e religiosas em grande parte dos municípios baiano, além dos cruzeiros marítimos para a temporada de 2025 e 2026, deverão contribuir positivamente para a ampliação do setor nesse período.

COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior

Luciano Bruno Sena Neves

Flávio de Jesus Sales

arthurcruz@sei.ba.gov.br

lucianoneves@sei.ba.gov.br

flaviosales@sei.ba.gov.br

O ano de 2025 foi um ano em que tudo mudou. Os Estados Unidos aumentaram as tarifas de importação para o nível mais alto em quase um século, a China retaliou e a incerteza política no mundo se intensificou. Ainda assim, a projeção de crescimento mundial foi de 3,3%, quase exatamente o que os analistas previam um ano antes, quando nenhuma dessas turbulências estava à vista.

O Fundo Monetário Internacional – FMI, também estima que o comércio global deva desacelerar neste ano. A previsão é que o volume comercializado caia a 2,6% em 2026, ante 4,1% em 2025, e depois acelere para 3,1% em 2027. O último relatório da entidade destacou padrões de antecipação de operações comerciais, como ocorreu no ano passado diante da expectativa das tarifas de Trump, e ajustes nos fluxos em resposta às novas políticas. Mas seria um erro achar que a economia mundial não é afetada pelas disputas em torno das tarifas e pelo caos nas políticas comerciais.

Parte da resposta sobre o ainda não-impacto das tarifas está no fato de que as alíquotas reais das tarifas de importação são cerca de metade do que os EUA

anunciaram, graças a um sem-número de isenções. Mesmo assim, uma alíquota de 14,0%, que acabou vigorando, resultou numa escalada significativa, cujas consequências foram compensadas por dois fatores.

O primeiro é que os gastos na área da inteligência artificial e a forte alta do mercado de ações motivada pelo otimismo sobre a IA sustentaram o crescimento dos EUA e estimularam economias como as de Taiwan e da Coreia do Sul, que exportam mercadorias relacionadas a IA. O segundo é que a política fiscal foi mais expansionista, não só nos EUA, mas ainda mais na Alemanha e na China. Essas forças mascararam o impacto negativo das tarifas americanas e da retaliação chinesa. Elas também fizeram com que 2025 parecesse muito mais estável do que realmente foi.

Esses fatos também são destacados pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), evidenciando que políticas macroeconômicas de apoio, condições financeiras melhoradas impulsionadas pelo otimismo sobre o impacto potencial de novas tecnologias e o aumento do investimento e comércio habilitados por inteligência artificial (IA) ajudaram a sustentar a demanda em diferentes graus entre as economias, “amortecendo os ventos contrários da elevada incerteza política e das crescentes barreiras ao comércio”.

Apesar das tarifas de Trump, a projeção de crescimento para a economia mundial em 2025 é de 3,3%, exatamente o que os analistas previam antes da turbulência. A lição é simples: danos estruturais se revelam de forma lenta e sempre tarde demais para serem revertidos.

Ao mesmo tempo, a tão celebrada “resiliência” às tarifas é profundamente enganosa. As tarifas têm sido dispendiosas, em especial para os americanos. Cerca de 95% dos custos com as tarifas foram absorvidos pelas empresas americanas e apenas uma pequena parcela foi repassada aos consumidores.

Essa “pequena parcela” é importante: as tarifas sozinhas acrescentaram 0,7 ponto percentual à inflação. Sem elas, a inflação poderia ter ficado em 2% este ano - a meta exata do Federal Reserve (Fed), o banco central dos EUA. Em vez disso, as

tarifas deixaram a família americana típica mais pobre em US\$ 600.

Os danos causados pelas tarifas de importação se tornarão mais visíveis em 2026, à medida que a resiliência proporcionada pelas compras antecipadas de produtos do exterior se esgotar e as empresas repassarem uma parcela maior dos custos para os consumidores.

Apesar de ter atingido a meta de crescimento de 5%, a economia chinesa apresentou, na verdade, um crescimento anual mais fraco trimestre após trimestre em 2025, o que mostra que a demanda interna ainda está fraca. O consumo e o investimento empresarial permanecem lentos, com um mercado de trabalho fraco e a queda dos preços dos imóveis pesando sobre a demanda interna.

Além disso, a dependência persistente das exportações como motor do crescimento é insustentável. O novo plano quinquenal de Pequim, que dá prioridade à destinação de recursos para os setores de tecnologia ao invés de fortalecer as redes de proteção social e estimular o consumo, corre o risco de aprofundar desequilíbrios estruturais.

Entretanto, enquanto a China lidava com as crescentes barreiras comerciais ao redor do mundo, sua vantagem manufatureira e a resiliência dos exportadores sustentaram as fábricas, o que manteve o crescimento da produção industrial bem acima de 5% durante a maior parte do ano de 2025.

A Europa, por sua vez, tem agido com maturidade ao defender um sistema mundial baseado em regras, mas ainda precisa implementar reformas internas para o próprio benefício. O bloco precisa aprofundar seu mercado único, aumentar a produtividade e se posicionar como um destino atraente para o capital internacional que busca diversificação. O acordo com o Mercosul, se não for postergado, pode ser um passo nessa direção, na tentativa de forma discreta e gradual de se desacoplar da infraestrutura dos EUA.

A balança comercial brasileira fechou 2025 com superávit de US\$ 68,0 bilhões, valor 8,2% menor que o registrado em 2024. Mesmo assim, foi o terceiro maior da série

histórica, atrás apenas de 2023 e 2024. O resultado é observado após um ano marcado pelo tarifaço aplicado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. As exportações somaram US\$ 348,3 bilhões, aumento de 3,3%. Em volume, o crescimento foi ainda maior, 6,2%. Esse último percentual é mais do que o dobro do previsto pela Organização Mundial do Comércio (OMC) para o crescimento global em 2025, de 2,4%.

Já as importações corresponderam a US\$ 280,2 bilhões, crescimento de 6,6%. A corrente de comércio, soma de exportações e importações, foi de US\$ 628,5 bilhões, alta de 4,8%. Exportações, importações e corrente de comércio alcançaram o maior patamar da série histórica.

No ano, as exportações da indústria de transformação cresceram 3,6% em valor, alcançando o montante recorde de US\$ 188,4 bilhões. Destacaram-se, neste setor, os recordes nas exportações de carne bovina (US\$ 16,6 bi), carne suína (US\$ 3,4 bi), alumina (US\$ 3,4 bi), veículos automóveis para transporte de mercadorias (US\$ 3,1 bi), caminhões (US\$ 1,8 bi), café torrado (US\$ 1,2 bi), máquinas e aparelhos elétricos (US\$ 1,0 bi), máquinas e ferramentas mecânicas (US\$ 729 mi), produtos de perfumaria (US\$ 721 mi), cacau em pó (US\$ 598 mi), instrumentos e aparelhos de medição (US\$ 593 mi) e defensivos agrícolas (US\$ 495 mi).

As exportações da agropecuária (US\$ 77,6 bilhões) cresceram 7,1% e representam apenas 22,3% do total das exportações. Por sua vez, as exportações da indústria extrativa (US\$ 80,3 bilhões) caíram 0,9% e representam 23,1% do total das exportações.

Em relação aos destinos, a exportação para a China cresceu 5,9% e atingiu aproximadamente US\$ 100 bilhões, impulsionada por soja, carne bovina, açúcar, celulose e ferro-gusa. Para a União Europeia, o crescimento foi de 3,0%, com destaque para café, carne bovina, minério de cobre, milho e aeronaves. Para a Argentina, as exportações cresceram 31,4%, impulsionadas pelo setor automotivo.

Para os Estados Unidos, houve queda de 6,6% no ano, concentrada entre agosto e dezembro, como resultado do tarifaço imposto pelo governo norte-americano a parte

dos produtos brasileiros. A maior redução ocorreu em outubro (-35,4%). Em dezembro, porém, houve melhora, com queda de apenas 7,2% e embarques acima de US\$ 3 bilhões (US\$ 3,4 bi).

Nas importações, os bens de capital tiveram o maior aumento (+23,7%), seguidos por bens intermediários (+5,9%) e bens de consumo (+5,7%). As importações de combustíveis recuaram 8,6%.

Cresceram as importações originárias da China (11,5%), Estados Unidos (11,3%) e União Europeia (6,4%). A importação de produtos argentinos recuou 4,7%.

Para 2026, a Secretaria de Comércio Exterior - Secex projeta superávit comercial em um intervalo entre US\$ 70 bilhões a US\$ 90 bilhões para o Brasil.

A estimativa é fruto de projeções que variam de US\$ 340 a US\$ 380 bilhões para as exportações; de US\$ 270 bilhões a US\$ 290 bilhões para as importações e de US\$ 610 bilhões a US\$ 670 bilhões para a corrente de comércio.

**Tabela 1 - Balança comercial
Bahia
Jan./ Dezembro - 2024/2025**

(Valores em US\$ 1000 FOB)			
Discriminação	2024	2025	Var. %
Exportações	11.902.089	11.629.026	-2,29
Importações	10.675.132	9.311.068	-12,78
Saldo	1.226.957	2.317.958	88,92
Corrente de comércio	22.577.221	20.940.094	-7,25

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 07/01/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

Sob um cenário internacional adverso, as exportações baianas somaram US\$ 11,63 bilhões²² em 2025, com queda de 2,3% em relação ao ano anterior. As importações, por sua vez, somaram US\$ 9,31 bilhões, também acusando recuo de 12,8%. O

²² Dados provisórios, sujeitos a revisão.

saldo comercial no período foi positivo em US\$ 2,32 bilhões.

O desempenho negativo das vendas externas foi puxado pela queda de 5,8% nos preços médios dos produtos exportados pelo estado, resultado da nova realidade global marcada por incertezas sem precedentes após tarifação dos EUA a diversos países, com a consequente desaceleração do crescimento econômico global, o que gerou redução dos preços das *commodities*, perfil predominante da pauta estadual.

As vendas externas baianas em 2025 estiveram condicionadas à evolução da demanda global e ao comportamento recorde da safra agrícola, em um ambiente de exportações menos disseminadas, fruto do aumento das incertezas no cenário econômico externo, causadas pela política comercial americana e a guerra comercial com a China, o que levou os agentes econômicos a reduzirem investimentos e consumo.

Com a melhora recente dos preços das commodities, no quarto trimestre, foi possível no acumulado do ano, conseguir continuidade das exportações no seu atual patamar (aumento de 3,7% em volume), apesar do aumento das barreiras ao comércio mundial. Os preços médios subiram 5,1% no quarto trimestre, no comparativo anual, sendo, entretanto, insuficiente para compensar a desvalorização geral dos preços ao final do ano. Já o crescimento do quantum foi decorrente à expansão da safra agrícola e ao aumento dos embarques para a China em 11,1%, principalmente de soja, que teve aumento de 10,1% nos embarques para o país devido ao boicote chinês à soja americana.

Além do recuo nos preços médios em 2025 em relação ao ano anterior, a valorização do real frente ao dólar, o tarifação imposto pelo governo americano - que chegou a 50%, envolvendo diversos produtos da pauta, durando aproximadamente quatro meses – e o aumento de custos de produção pressionaram os exportadores.

No ano, as exportações da indústria de transformação caíram 4,6% em valor, alcançando o montante de US\$ 6,9 bilhões, influenciado pela redução de preços no setor de derivados de petróleo, químicos, papel e celulose e produtos metalúrgicos, já que houve discreto aumento de 1,1% no volume embarcado.

Já os bens agropecuários cresceram 1,1% em volume e 1,5% em valor, com destaque para o aumento dos embarques de soja e seus derivados, que alcançaram o recorde de aproximadamente 7,0 milhões de toneladas e crescimento de 2,5% ante 2024. Com a redução média em seus preços em 8,6%, suas receitas ficaram inferiores em 6,3% no ano, entretanto, ainda assim atingiu o patamar recorde em receitas (US\$ 2,78 bilhões).

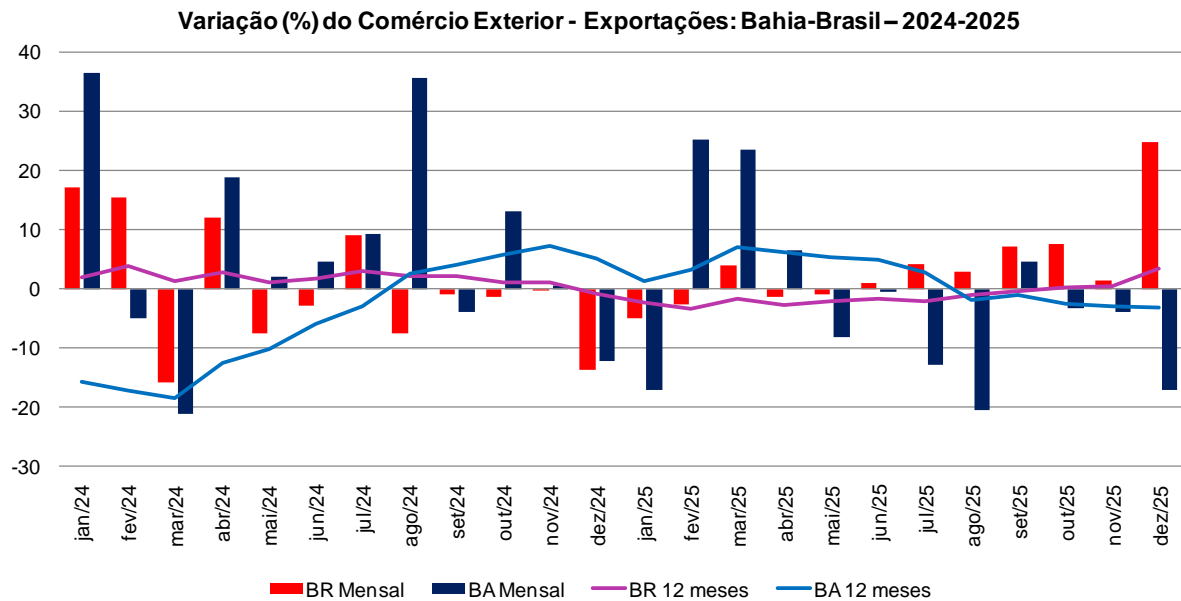
O algodão atingiu também valor e volume recorde (US\$ 935,8 milhões e 590,2 milhões de toneladas), com crescimento de 6,1% e 20,4%, respectivamente, em relação ao ano anterior. Também foram recordes as receitas obtidas com as vendas de cacau e derivados (US\$ 549,3 mi) e do segmento café e especiarias (US\$ 494 mi), todos os dois beneficiados pelo aumento dos seus preços no mercado internacional.

A indústria extrativa registrou recuo de 1,1% no valor exportado, ainda que não acompanhado pela valorização de preços. O aumento de 66,0% no volume embarcado, principalmente de minério de ferro (+864,0%), magnesita (+10,6%) e minério de níquel (+5,8%), respondeu pelo expressivo aumento dos embarques do setor.

A China, como de costume, manteve-se na liderança absoluta entre os destinos dos embarques baianos, responsável por mais de um quarto –28,1% –das vendas externas baianas em 2025 (US\$ 3,27 bilhões). Os embarques para o país asiático tiveram crescimento de 11,1%, mas, por conta da queda dos preços, encerraram o ano com redução de 2,7% no valor exportado.

As exportações baianas para os EUA caíram 6,9% em 2025, para US\$ 821,4 milhões, muito por conta do tarifaço. Houve queda nas vendas de pneumáticos, frutas, produtos químicos, minerais, pescados e calçados, todos atingidos pelo tarifaço, dentre os mais importantes. O volume embarcado total para o país, entretanto, registrou aumento de 15,7%, graças ao aumento do *quantum* de produtos não afetados pelo tarifaço aplicado em julho, como celulose e derivados de petróleo.

Gráfico 1



Fonte: Mdic/Secex

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

O setor líder da pauta estadual, o de soja e derivados, em função da expansão da safra, teve aumento nos seus embarques no ano em 2,5%, e queda de 6,3% no valor em função da queda em seus preços médios em 8,6%. Tanto o volume de embarques como a receita com o setor foram recordes históricos.

Desde novembro, a procura por soja americana da safra 2025/2026 enfim começou a ganhar tração, o que puxou para cima as cotações do grão na bolsa de Chicago. A cotação média dos contratos de segunda posição de entrega, normalmente os mais líquidos, subiu 7,8% em dezembro, para US\$ 11,3499 o *bushel*.

O encontro entre os presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, e da China, Xi Jinping, que ocorreu no fim de outubro, ajudou a destravar os embarques de soja americana ao mercado chinês, o que deu impulso às negociações da oleaginosa no mercado futuro. Os EUA estavam sem conseguir enviar navios com carregamentos de soja para a China desde setembro.

A China acertou em novembro a compra de 4 milhões de toneladas de soja dos

Estados Unidos. O governo americano estabeleceu a meta de negociar 12 milhões (t) com os chineses ainda em 2025, entretanto, a soja brasileira ainda é mais competitiva que a americana, sobre a qual a China continua cobrando 13% de tarifa de importação. Além disso, a margem das esmagadoras chinesas privadas segue negativa, o que reforça que essa demanda está vinda das estatais.

Para 2026, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a soja, principal cultura agrícola, deverá, mais uma vez, puxar a produção agrícola do estado e do país. Ainda assim, segundo prognóstico do órgão, para a safra 2026, o estado terá uma produção 4,7% menor de grãos, impactada pelo menor rendimento médio, visto que, estima-se que as áreas de cultivo da oleaginosa devem apresentar um ritmo lento de crescimento, motivado pelos preços da *commodity* que ainda vem sendo comercializada em patamares abaixo do esperado pelos produtores.

Em 2025, a China foi o destino de 66,4% das exportações baianas de soja e derivados; no ano anterior, a fatia chinesa foi de 60,1%.

As exportações de derivados de petróleo ocuparam o segundo lugar na pauta, com vendas de US\$ 1,93 bilhão, 16,8% menor que em 2024. O volume de embarques também foi inferior em 1,0% no comparativo com o ano anterior. Já os preços médios oscilaram negativamente em 15,9%. Em 2025, o setor representou aproximadamente 16% da pauta exportadora.

O petróleo teve um ano de incertezas. Em 31 de dezembro de 2025, o barril do tipo *Brent*, principal referência internacional, situou-se em US\$ 60,49, queda de 18,52% ante um ano antes. No fim de dezembro de 2024, o *Brent* havia ficado em US\$ 74,24. Na média de 2025, o preço médio do barril foi de US\$ 67,54, 14,78% abaixo da média do ano anterior, de US\$ 79,26.

Para 2026, projeções de bancos e analistas apontam para um *Brent* entre US\$ 59 e US\$ 62. O J.P. Morgan, por exemplo, estima cotação de US\$ 62 em 2026, contra os US\$ 65 de estimativas anteriores. Porém, já existe quem veja o *Brent* a US\$ 55.

O segmento de papel e celulose fechou o ano com vendas de US\$ 1,35 bilhão,

10,3% abaixo do ano anterior. O volume exportado aumentou 3,4% frente a 2025, enquanto que os preços médios tiveram recuo de 13,2% no comparativo anual.

Após um começo de ano melhor do que o esperado, os preços da celulose de fibra curta (BHKP) na China-mercado de referência para a *commodity*- tiveram forte recuo em 2025, pressionados pela entrada de novos volumes e pelo anúncio de tarifas comerciais pelos Estados Unidos. A partir de agosto, ela iniciou um ciclo de recuperação, com os preços chegando a US\$ 540 por tonelada no fim do ano.

Esse movimento deve se estender ao longo deste ano, afirmam analistas. Mas a persistência de incertezas sobre oferta e demanda levou à revisão do preço médio anual para 2026. No primeiro semestre de 2025, a estimativa para este ano era superior a US\$ 600 a tonelada. Com as revisões feitas ao longo do segundo semestre, a previsão passou a ser menor, de cerca de US\$ 570 por tonelada, em média.

Apesar de não haver a entrada de novas fábricas, já é esperado um aumento na produção global de celulose, especialmente no Brasil e na China, que deve continuar pressionando os preços em 2026. Embora, o tarifaço tenha gerado instabilidade no comércio global, em 2025, a entrada de novos volumes no mercado foi a principal explicação para o cenário desafiador de preços observado no ano passado.

Os metais preciosos ocuparam a quarta posição entre os maiores setores da pauta de exportação baiana em 2025, com vendas de US\$1,1 bilhão, 42,9% acima do ano anterior. Isso se deve ao aumento dos preços do ouro. O metal ultrapassou os US\$ 4,8 mil por onça em janeiro, pela primeira, estendendo uma alta que elevou os preços em quase 57,4% no comparativo anual.

O algodão, que teve embarque recorde (590,2 mil t), com crescimento de 20,4% sobre 2024, também obteve receitas recordes de US\$ 935,8 milhões, 6,1% maiores que o ano anterior, mesmo com preços aproximadamente 12,0% menores.

A Bahia aumentou o volume de exportação mesmo em um cenário econômico

desfavorável. Por ser considerado um item de segunda necessidade, o consumo de algodão no mundo tende a perder força em momentos de juros e inflação mais elevados.

Não há, a curto prazo, indícios da demanda crescer mundialmente, mas o que está acontecendo é que o Brasil e a Bahia, segundo maior produtor nacional, estão ganhando mercado em cima de outros países, seja porque eles deixaram de produzir ou por estarem carregando estoques.

A Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (Anea) previu mais um ano de bom desempenho nas exportações. A projeção da entidade está em linha com a divulgada recentemente pelo Departamento de Agricultura dos EUA (USDA). O órgão americano previu que o Brasil embarcará 3,16 milhões de toneladas da pluma em 2026. Segundo o IBGE, a Bahia terá perda de produção em 2026, que reflete o momento desafiador da rentabilidade da cultura, devido aos atuais patamares de preços e ao custo de produção mais elevado.

**Tabela 2 - Exportações baianas
Principais segmentos
Jan./ Dezembro - 2024/2025**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2024	2025		2024	2025			
Soja e Derivados	6.823.244	6.996.562	2,54	2.969.881	2.781.774	-6,33	23,92	-8,65
Petróleo e Derivados	3.997.276	3.956.718	-1,01	2.315.258	1.926.917	-16,77	16,57	-15,92
Papel e Celulose	2.996.141	3.098.640	3,42	1.506.771	1.352.165	-10,26	11,63	-13,23
Metais Preciosos	766	695	-9,22	769.286	1.099.415	42,91	9,45	57,42
Algodão e Seus Subprodutos	489.967	590.175	20,45	881.964	935.813	6,11	8,05	-11,91
Minerais	599.130	994.637	66,01	691.097	683.610	-1,08	5,88	-40,42
Químicos e Petroquímicos	612.851	537.331	-12,32	852.384	673.517	-20,98	5,79	-9,88
Cacau e Derivados	45.975	46.681	1,54	434.060	549.347	26,56	4,72	24,65
Café e especiarias	90.819	84.243	-7,24	330.347	493.981	49,53	4,25	61,21
Frutas e Suas Preparações	186.916	213.547	14,25	268.467	265.499	-1,11	2,28	-13,44
Metalúrgicos	153.364	180.958	17,99	229.662	222.962	-2,92	1,92	-17,72
Borracha e Suas Obras	32.046	29.787	-7,05	183.944	171.150	-6,96	1,47	0,10
Sisal e Derivados	52.484	63.394	20,79	65.689	84.656	28,87	0,73	6,69
Calçados e Suas Partes	2.287	2.314	1,18	83.014	72.469	-12,70	0,62	-13,72
Couros e Peles	20.326	37.915	86,53	51.041	52.567	2,99	0,45	-44,79
Carne e Miudezas Comestíveis	9.391	11.016	17,30	33.445	47.078	40,76	0,40	20,00
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos	5.645	2.298	-59,29	62.822	31.800	-49,38	0,27	24,35
Fumo e Derivados	1.108	1.052	-5,00	26.177	27.502	5,06	0,24	10,59
Milho e Derivados	213.858	92.833	-56,59	43.886	19.853	-54,76	0,17	4,21
Demais Segmentos	118.700	123.433	3,99	102.894	136.951	33,10	1,18	28,00
Total	16.452.296	17.064.229	3,72	11.902.089	11.629.026	-2,29	100,00	-5,80

Fonte: MIDIC/SECEX, dados coletados em 07/01/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>

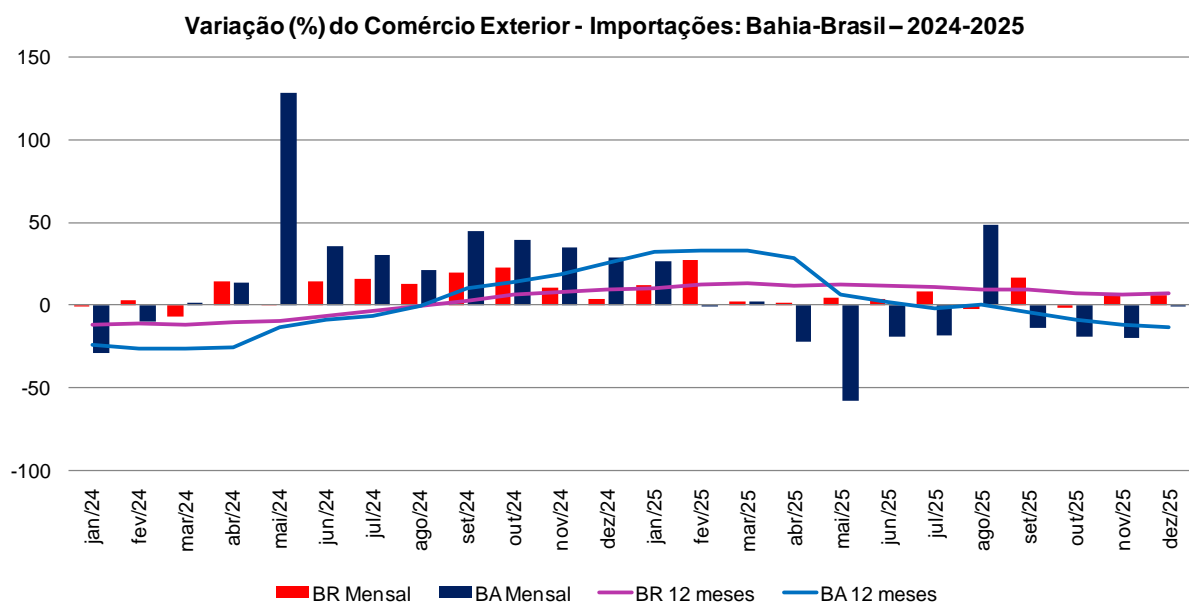
Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

IMPORTAÇÃO

As importações alcançaram US\$ 9,31 bilhões em 2025, com queda de 12,8% no comparativo interanual. Com isso, a corrente de comércio do estado somou US\$ 20,94 bilhões, 7,2% inferior ao ano passado.

Diferentemente do que se esperava no início do ano, e na contramão do que ocorreu nacionalmente, as importações baianas recuaram, no ano, impactadas pela queda nas compras de combustíveis (petróleo cru, nafta, querosene e óleo diesel), que fecharam o acumulado do ano com queda de 41,7%, sendo a única categoria a apresentar queda no ano. O setor de bens intermediários, majoritário na pauta – 57,0% de participação das compras em 2025 - seguiu estável, com crescimento de 0,52%, acompanhando o ritmo lento do crescimento da produção industrial (1,1% até novembro), ditado pelo desempenho da indústria do refino e petroquímica.

Gráfico 2



As compras de bens de capital cresceram aproximadamente 60,0%, estando relacionadas a uma maior demanda local por equipamentos em investimentos de infraestrutura e industriais de longo prazo. Já as compras de bens de consumo explodiram (US\$ 445 milhões), alcançando aumento de 175,2%, impulsionadas pela importação de veículos, calçados, principalmente os esportivos, bacalhau, azeite e vinhos.

**Tabela 3 - Importações baianas por categorias de uso
Jan./ Dezembro - 2024/2025**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %	Part. %
Bens Intermédios (BI)	5.285.885	5.313.397	0,52	57,07
Combustíveis e Lubrificantes	4.732.826	2.757.897	-41,73	29,62
Bens de Capital (BK)	493.836	789.500	59,87	8,48
Bens de Consumo (BC)	161.674	444.865	175,16	4,78
Bens Não Especificados Anteriormente	911	5.410	493,60	0,06
Total	10.675.132	9.311.068	-12,78	100,00

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 07/01/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

As compras externas seguiram em 2025 com os EUA na liderança, com 28,4% de participação, mas com desembolsos em queda de 6,8% se comparadas ao ano de 2024. A destacar as compras da China, que já se posiciona como segundo maior país fornecedor ao estado em 2025, com desembolsos de US\$ 1,6 bilhão, 58,4% superior ao ano anterior (veículos, fertilizantes, células fotovoltaicas, máquinas e equipamentos). O terceiro maior fornecedor foi a Costa do Marfim (US\$ 551 milhões), essencialmente de cacau em grão, cujos preços continuaram elevados em 2025, em função de problemas climáticos nos principais países produtores.

As compras com origem da Rússia caíram 50,4% ante 2024, com menores desembarques de diesel e nafta. Já para os fertilizantes, o país segue como principal fornecedor ao estado, com desembolsos no ano de US\$ 230,7 milhões e crescimento de 2,3% no comparativo interanual.

FINANÇAS PÚBLICAS

Gabriel Oliveira Barbosa (gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br)

MUNDO – PERMANECEM AS DIFICULDADES PARA A CONSOLIDAÇÃO FISCAL

O ano de 2025 foi marcado por instabilidade, como já relatado nas cartas de trimestres anteriores. Conflitos geopolíticos, sanções econômicas, guerras comerciais, tarifárias e por território ainda dão o tom, apesar do último trimestre do ano ter sido marcado por recuos por parte do presidente estadunidense – embora sucessões de agressões e recuos sejam marca da retórica e ação trumpista.

Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), ainda que o cenário seja de incerteza, o crescimento deve se manter estável devido ao equilíbrio de forças contraditórias. De um lado, há vento contrário devido aos efeitos do câmbio na política comercial. Do outro, contrabalançando, há ventos a favor devido ao aumento do investimento relacionado à tecnologia, em particular à IA.

Na política fiscal também é possível enxergar ventos contraditórios. A diminuição da inflação pode inaugurar um ciclo de baixa na taxa de juros, diminuindo o custo da dívida. Por outro lado, os países centrais (notadamente EUA e EU) voltaram a praticar políticas industriais mais ativas – percebendo a perda de protagonismo para a Ásia, notadamente a China – e, além disso, os investimentos em defesa nacional seguem crescendo e devem continuar assim devido tanto ao aumento das tensões quanto ao novo tratado da OTAN (que aumenta o percentual mínimo do PIB dos países membros a ser gasto em defesa).

O cenário desenhado pela CEPAL é um pouco mais pessimista, prevendo desaceleração. Os motivos principais seriam a incerteza da política tarifária dos EUA e o endividamento público mundial em ascensão. As taxas de juro, apesar da tendência de baixa, ainda estão num patamar elevado e prejudicam o investimento privado e o espaço fiscal. Além disso, há um cenário de deflação na China e estagnação da produtividade na zona do Euro. O advento da IA também é visto com mais desconfiança pela CEPAL: apesar do potencial de aumento da produtividade, há aumento dos riscos financeiros vinculados ao predomínio da capitalização em bolsa e à concentração das valorizações em poucas empresas.

A consolidação fiscal, nas economias avançadas, é continuamente adiada pelas razões já comentadas. Nas economias em desenvolvimento o cenário é bastante diverso. Tratando da América Latina em particular, a dívida pública está, na média, em níveis altos e similares ao do começo do século – época em que a região passou por crises financeiras. Os déficits fiscais estão em níveis baixos, porém, alguns países exibem dificuldades seja devido ao grande componente externo da dívida – caso da Argentina por exemplo - seja devido aos altos custos de rolagem – caso do Brasil.

BRASIL – POLÍTICA MONETÁRIA PREJUDICA RESULTADO FISCAL, MAIS UMA VEZ

O Brasil, apesar da melhora gradual do quadro fiscal, não retomou os resultados superavitários que exibiu desde a criação da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) até a primeira metade da década passada. Os juros nominais, por outro lado, seguiram trajetória tendencialmente crescente por todo o período, o que levou à elevação do patamar da relação dívida pública/PIB.

Na carta do trimestre anterior, foi chamada atenção para uma característica disfuncional das finanças públicas brasileiras: o resultado da meta de resultado fiscal nunca é alcançado sem lançar mão de bloqueios e contingenciamentos.

É importante salientar, no entanto, que temos também um modelo disfuncional de política monetária e de administração da dívida pública de maneira mais ampla. Por um lado, temos uma dívida pública bastante indexada, especialmente os papéis de maior prazo (os prefixados costumam ter prazos bem curtos). Isso cria um comportamento de aversão ao risco de quem financia o endividamento brasileiro.

Outro elemento disfuncional é o uso excessivo – sem paralelo no mundo – das operações compromissadas para ações de controle de liquidez. Comuns nos tempos de alta inflação, a maioria dessas operações são de overnight, piorando o perfil da dívida. Mesmo vencida a hiperinflação, essa ferramenta continua sendo amplamente utilizada, em prejuízo de outras alternativas como depósitos remunerados ou mesmo operações de mercado aberto com títulos de prazo maior. Ainda, segundo estudo²³ de Flávia Barbosa (Economista do governo do estado do RS) e Fábio Terra (professor da UFABC, da UFU e pesquisador do CNPQ), o aumento no volume desse tipo de operação é causado, em larga medida, pelo próprio pagamento de juros. Tal pagamento gera um fluxo de liquidez que precisa ser “esterilizado”, o que

²³ BARBOSA, Flávia e TERRA, Fábio. *Operações compromissadas do Banco Central do Brasil: uma análise do período 2002-2020*. Economia e Sociedade, Campinas, v. 34, n. 2 (84), 2025.

faz com que o Banco Central lance mão de mais operações compromissadas, alimentando o ciclo.

Outra atipicidade brasileira é a meta de inflação por índice cheio, quando a maior parte dos países usa medidas de núcleo de inflação como meta. Isso faz com que pressões de oferta ou de preços administrados, mais insensíveis à política monetária, façam parte da meta. Também existe o debate do valor da própria meta, que foi reduzido para 3% ao ano sem qualquer justificativa plausível.

Além de afetar decisões de investimento, a persistência das taxas de juro em níveis elevados, somada à alta indexação da dívida pública, termina por prejudicar sensivelmente o resultado fiscal nominal. Ainda que o déficit fiscal primário atual brasileiro esteja bem posicionado em relação à média mundial, o déficit nominal atinge níveis preocupantes.

O setor público consolidado registrou em 2025 déficit primário de R\$ 55,0 bilhões (0,43% do PIB), ante déficit de R\$ 47,6 Bilhões (0,40% do PIB) em 2024. O Governo Central contribuiu com déficit de R\$ 58,7 bilhões (0,46% do PIB), uma piora em relação a 2024, quando o déficit foi de R\$ 45,4 bilhões (0,39% do PIB). Os governos regionais contribuíram com um superávit de R\$ 9,5 bilhões (0,07% do PIB). Completando o resultado, as estatais tiveram déficit de R\$ 5,9 bilhões (0,04% do PIB).

Os juros nominais do setor público consolidado, apropriados por competência, alcançaram R\$ 1.007,6 bilhões (7,91% do PIB) em 2025, comparativamente a R\$ 950 bilhões (8,07% do PIB) em 2024. Assim, o resultado nominal do setor público consolidado foi deficitário em R\$ 1.062,6 bilhões (8,34% do PIB) em 2025, comparativamente ao déficit de R\$ 998,0 bilhões (8,47% do PIB) em 2024, uma ligeira melhora, mas ainda bastante elevado.

A Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) atingiu 65,3% do PIB (R\$ 8,3 trilhões), elevando-se 4p.p. no ano de 2025. A Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) – que compreende governo federal, INSS e governos regionais – atingiu 78,7% do PIB (R\$ 10,0 trilhões) em 2025. O impacto dos juros nominais foi a principal causa da alta

(+7,9 p.p. e +8,9 p.p., respectivamente) e os efeitos da variação do PIB nominal a principal força em sentido negativo (-4,6 p.p. e -5,7 p.p., respectivamente). Abaixo a tabela atualizada das elasticidades da DLSP e da DBGG a variações no câmbio, na taxa Selic e nos índices de preço.

Tabela 1 – Elasticidades da DLSP e DBGG – dezembro de 2025
Elasticidades da DLSP e DBGG

	DLSP		DBGG	
	R\$ bilhões	p.p. PIB ^{1/}	R\$ bilhões	p.p. PIB ^{1/}
Desvalorização de 1% na taxa de câmbio ^{2/}	-9,2	-0,07	10,4	0,08
Elevação de 1 p.p. na taxa Selic ^{2/ 3/}	61,9	0,49	55,9	0,44
Redução de 1 p.p. nos índices de preços ^{2/ 3/}	-21,5	-0,17	-21,2	-0,17

1/ Impacto na relação DLSP/PIB ou DBGG/PIB. conforme o caso.

2/ Impactos são simétricos no caso de valorização cambial, redução de taxa Selic e aumento de índices de preços.

3/ Variação mantida por doze meses.

Fonte: Banco Central do Brasil

No quarto e último trimestre de 2025, pode-se observar uma piora do resultado primário do governo central, em relação ao mesmo período do ano anterior. Isso ocorre devido à manutenção do ritmo de crescimento da despesa concomitante a uma redução do ritmo de crescimento da receita líquida, reflexo da desaceleração econômica.

Tabela 2 – Resultado Primário do Governo Central – dezembro e 4º trimestre 2024/25 – Brasil

Discriminação	2024		2025		diferença nominal	
	dezembro	4º trimestre	dezembro	4º trimestre	valor	%
1. Receita Total	291.963,00	752.863,30	312.023,30	798.657,40	45.794,10	6,08%
2. Transf. Por Repartição de Receita	55.781,20	139.459,60	61.892,50	152.606,30	13.146,70	9,43%
3. Receita Líquida (1-2)	236.181,80	613.394,60	250.130,70	646.050,90	32.656,30	5,32%
4. Despesa Total	212.075,60	552.754,60	228.023,40	607.588,90	54.834,30	9,92%
5. Resultado Primário do Gov. Central (3-4)	24.106,20	60.649,00	22.107,40	38.462,20	-22.186,80	-36,58%
Resultado do Tesouro Nacional	13.753,60	92.494,60	10.946,20	69.699,20	-22.795,40	-24,65%
Resultado do Banco Central	-57,80	-277,20	44,70	-347,10	-69,90	25,22%
Resultado da Previdência Social	10.410,40	-31.568,30	11.116,40	-30.889,90	678,40	-2,15%

Fonte: Elaboração própria. Dados do Tesouro Nacional

No acumulado do ano, janeiro a dezembro, houve piora do resultado primário, como já citado. A tônica é a mesma do resultado do trimestre, desaceleração do crescimento da receita líquida. Como já discutido em cartas anteriores, há relativa rigidez pelo lado das despesas e das transferências. A receita, por sua vez, sofre influência mais direta da atividade econômica. Dessa forma, houve piora real do resultado do Tesouro Nacional, assim como do Resultado da Previdência Social –

embora menor – como pode ser visto a seguir.

Tabela 3 – Resultado Primário do Governo Central – janeiro a dezembro 2024/25 - Brasil

Discriminação	jan-dez		variação (2025/2024)		
	2024	2025	Diferença	% nominal	% real
1. Receita Total	2.679.441,6	2.902.274,6	222.833,0	8,3%	3,2%
2. Transf. Por Repartição de Receita	517.654,0	569.716,2	52.062,2	10,1%	4,8%
3. Receita Líquida (1-2)	2.161.787,6	2.332.558,4	170.770,8	7,9%	2,8%
4. Despesa Total	2.204.711,3	2.394.249,6	189.538,3	8,6%	3,4%
5. Resultado Primário do Gov. Central (3-4)	-42.923,7	-61.691,2	-18.767,5	43,7%	32,3%
Resultado do Tesouro Nacional	255.683,6	256.336,7	653,1	0,3%	-4,0%
Resultado do Banco Central	-1.218,3	-869,6	348,7	-28,6%	-32,2%
Resultado da Previdência Social	-297.389,1	-317.158,2	-19.769,1	6,6%	1,4%
Memorando					
Resultado TN e BCB	254.465,4	255.467,0	1.001,6	0,4%	-3,80%

Fonte: Elaboração própria. Dados do Tesouro Nacional

Do lado das receitas, destacam-se o aumento de R\$ 9,03 bilhões (10,9%) na arrecadação do Imposto de Importação – explicado pelo câmbio, pelo aumento das importações e pelo aumento da alíquota média efetiva –, de R\$ 43,54 Bilhões (5,2%) do Imposto sobre a Renda – especialmente do IRRF-Trabalho (R\$ 20,0 bilhões), favorecido pela dinâmica favorável do mercado de trabalho –, de R\$ 15,35 bilhões (21,3%) do IOF – decorrente das operações de saída de moeda estrangeira, de crédito para PJs e de títulos mobiliários, sob impacto das alterações advindas do Decreto nº 12499/2025 – e de R\$ 37,00 bilhões (5,4%) da Arrecadação Líquida para o RGPS – impulsionada pelo crescimento real de 5,6% da massa salarial e do aumento do emprego formal e pela reoneração escalonada da contribuição patronal e da folha de pagamentos (Lei nº 14.973/2024).

Do lado das despesas, destacam-se o aumento de R\$10,75 bilhões (9,1%) dos Benefícios de Prestação Continuada (BPC) da LOAS/RMV – decorrente da combinação entre a expansão da base de beneficiários e o impacto do reajuste do salário mínimo sobre os valores pagos –, de R\$ 10,00 bilhões da Complementação da União ao Fundef/Fundeb – fruto do desempenho favorável da arrecadação dos impostos que integram a base de cálculo do fundo – e de R\$ 11,91 bilhões (6,1%) das Despesas Discricionárias. Todos os percentuais se referem a variações reais da

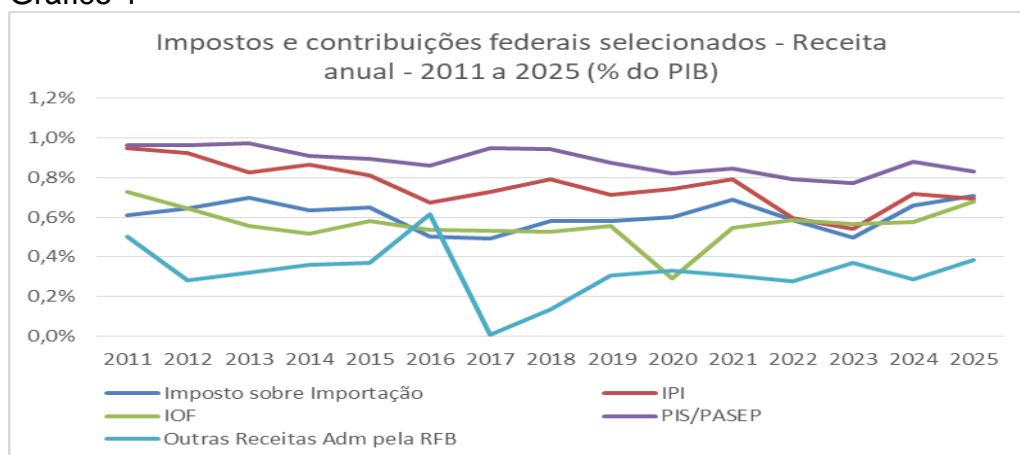
receita ou despesa.

O custeio administrativo do governo central segue tendência de alta nominal que se iniciou em 2022, após queda significativa a partir de 2017. Em 2025, ele totalizou R\$ 68,17 bilhões, apresentando aumento destacado nos itens Contratação Temporária e Tecnologia da Informação e Comunicação. Em percentual do PIB, o custeio administrativo se apresentou estável de 2022 a 2024, no valor de 0,52%, indo a 0,54% em 2025.

Apesar de se distanciar um pouco do escopo de uma análise de conjuntura, é oportuno trazer breve histórico da composição da receita e da despesa do governo em percentuais do PIB, com o objetivo de se obter maior compreensão tanto das motivações quanto dos resultados iniciais de medidas recentes de política econômica.

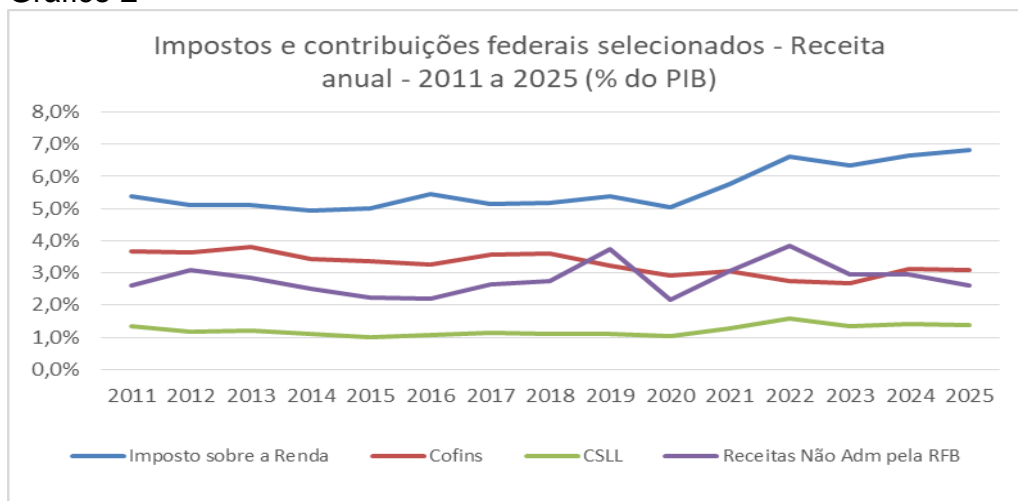
Na receita, podemos notar duas tendências pronunciadas. Uma delas é a queda tendencial da arrecadação do IPI desde 2011, período a partir do qual houve políticas de desoneração. O esforço do governo atual em diminuir isenções parece ter gerado algum resultado, dada a recente recuperação. A outra é o forte aumento da arrecadação do IR entre 2020 e 2023 e estabilidade mesmo durante a crise de 2015 e 2016. Isso se deve, em grande parte, ao largo período (2015 a 2023) sem correções de tabela. Esses e outros destaques podem ser vistos nos gráficos abaixo:

Gráfico 1



Fonte: Elaboração própria. Dados do Tesouro Nacional

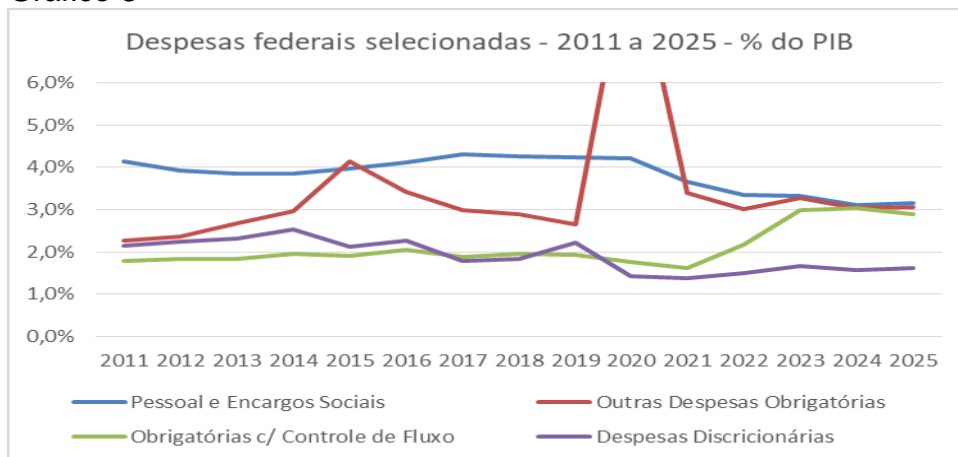
Gráfico 2



Fonte: Elaboração própria. Dados do Tesouro Nacional

No tocante as despesas, podemos destacar a forte queda do item Pessoal e Encargos Sociais a partir desta década – apesar de ter se estabilizado de 2024 para 2025, fruto dos reajustes salariais – e a grande subida de patamar das Despesas Obrigatórias com Controle de Fluxo em 2022 e 2023. Tal subida de patamar encontra explicação no aumento do Auxílio Brasil em 2022 e na PEC da Transição, com efeitos sobre o orçamento de 2023. Nesse item de despesa estão contidos, além do Auxílio Brasil / Bolsa Família, os pisos da Saúde e da Educação, além de benefícios a servidores públicos. Também é possível notar a queda de patamar das Despesas Discricionárias em 2020 no gráfico abaixo. O ponto correspondente ao nível das Outras Despesas Obrigatórias no ano de 2020 está fora dos limites do gráfico por ser atipicamente elevado em função dos gastos com a pandemia.

Gráfico 3



Fonte: Elaboração própria. Dados do Tesouro Nacional

BAHIA – DESACELERAÇÃO DA ARRECADAÇÃO E DÉFICIT FISCAL

O resultado primário do governo estadual, ao fim do ano de 2025, cumpriu com folga a meta fixada em R\$ 4,24 bilhões de déficit. No critério acima da linha – receitas menos despesas – o déficit realizado foi de R\$ 884,90 milhões (com RPPS). Tal resultado representa uma reversão do resultado superavitário do ano anterior (R\$ 54,65 milhões). No critério nominal – primário menos juros nominais – e abaixo da linha – variação da dívida – o déficit foi de R\$ 3,11 bilhões, cumprindo a meta anual fixada em R\$ 4,55 bilhões.

A reversão do superávit em déficit foi resultado de um aumento real de 4,61% nas despesas, superior ao das receitas, que foi de 3,91%. A despeito da reversão, a Bahia ainda possui largo espaço fiscal no que se refere aos limites da LRF, tanto da despesa com pessoal – que atingiu a marca de 40,36% da RCL – quanto da Dívida Consolidada Líquida – que registrou 35,67% da RCL.

O aumento da receita foi puxado pelas Receitas de Capital, que cresceram R\$ 2,02 bilhões (56,21% em termos reais), especialmente as Operações de Crédito no Mercado Externo, que cresceram R\$ 1,75 bilhões – mais que compensando a queda de R\$ 4,06 milhões das Operações de Crédito no Mercado Interno. Essa mudança de perfil de endividamento pode trazer riscos para o financiamento desta dívida. Abaixo as receitas do estado e sua composição.

Tabela 4 – Composição das receitas – Bahia – Quarto trimestre e acumulado do ano 2024/25

Descrição (composição das receitas)	2024.4	2025.4	var	acumulado 24	acumulado 25	var
Receitas Correntes	23.202.403.297,51	24.280.859.056,88	4,65%	90.628.497.070,51	91.922.519.251,57	1,43%
Receitas de Capital	491.476.074,06	2.273.913.418,14	362,67%	3.587.496.415,54	5.604.152.159,27	56,21%
Receitas Intraorçamentárias	1.022.343.801,27	1.055.639.870,85	3,26%	3.228.720.939,21	3.484.584.657,05	7,92%
DEDUÇÕES	- 5.660.050.870,42	- 5.694.520.888,18	0,61%	-21.313.022.172,41	-21.770.270.591,81	2,15%

Fonte: Elaboração própria. Dados da SEFAZ-BA, obtidos no Fiplan Gerencial, ferramenta da SEPLAN-BA.

No acumulado das Receitas Correntes, observa-se queda real nas Transferências recebidas (1,06%), muito embora tenha-se registrado um aumento no 4º trimestre de 2025 em relação ao mesmo período de 2024 (12,57%). Especificamente, a receita recebida do Fundo de Participação dos Estados apresentou crescimento de 4,07% -

na comparação entre os acumulados de 2025 e 2024 - abaixo do ritmo do ano passado. A Receita Tributária apresentou crescimento nos dois períodos de comparação, mas nota-se um fôlego menor que o de outrora. Abaixo a composição das Receitas Correntes.

Tabela 5 – Composição das receitas correntes – Bahia – 4º trimestre e acumulado do ano 2024/25

Descrição (receitas correntes)	2024.4	2025.4	var	acumulado 24	acumulado 25	var acumulado
Impostos, Taxas e Contribuições de Melhoria	13.597.738.607,67	13.813.933.506,03	1,59%	49.733.313.067,58	50.935.437.070,72	2,42%
Contribuições	1.245.950.246,69	1.286.712.958,26	3,27%	4.239.528.118,24	4.436.894.297,14	4,66%
Transferências Correntes	7.038.647.113,26	7.923.117.847,34	12,57%	31.265.032.039,49	30.933.305.394,68	-1,06%
Outros	1.320.067.329,89	1.257.094.745,25	-4,77%	5.390.623.845,20	5.616.882.489,03	4,20%

Fonte: Elaboração própria. Dados da SEFAZ-BA, obtidos no Fiplan Gerencial, ferramenta da SEPLAN-BA.

A desaceleração do crescimento da receita tributária está intimamente ligada à desaceleração econômica. Na tabela abaixo – que mostra a composição da receita tributária – isso fica nítido ao observarmos que o menor crescimento entre os tributos é o dos Impostos sobre a Produção, Circulação de Mercadorias e Serviços, que se apresentou praticamente estável.

Tabela 6 - Composição das receitas tributárias – Bahia – 4º trimestre e acumulado do ano 2024/25

Descrição (composição impostos e taxas)	2024.4	2025.4	var	acumulado 24	acumulado 25	var acumulado
Impostos sobre o Patrimônio	624.422.007,73	670.906.805,33	7,44%	2.904.396.540,97	3.051.005.791,99	5,05%
Imposto s/ a Renda e Proventos de Qualq. Natureza	1.340.303.221,81	1.459.188.635,61	8,87%	4.157.276.201,06	4.567.572.065,80	9,87%
Impostos sobre a Prod., Circulação de Mercad. e Serv.	10.914.369.969,57	10.927.173.947,17	0,12%	40.171.026.571,99	40.678.037.020,76	1,26%
Taxas pelo Exercício do Poder de Polícia - TPP	425.362.291,85	440.244.224,02	3,50%	1.397.408.547,95	1.450.933.676,19	3,83%
Taxas pela Prestação de Serviços - TPS	293.281.116,71	316.419.893,90	7,89%	1.103.205.205,61	1.187.888.515,98	7,68%

Fonte: Elaboração própria. Dados da SEFAZ-BA, obtidos no Fiplan Gerencial, ferramenta da SEPLAN-BA.

Analisando especificamente a receita de ICMS, abaixo vemos o comportamento de cada segmento.

Tabela 7 – Arrecadação anual de ICMS – Bahia – 2023 a 2025 – por segmento econômico

Comparativo da Arrecadação do ICMS na Bahia								
em R\$1.000,00								
Segmento	2025	2025/24	2024	2024/23	2023	part. 2023	part. 2024	part. 2025
Agricultura	245.263,05	-1,21%	248.254,77	-13,52%	287.058,44	0,83%	0,63%	0,58%
Agroindústria	1.024.444,60	24,21%	824.757,33	12,27%	734.635,18	2,13%	2,09%	2,44%
Comércio Atacadista	8.500.947,91	9,01%	7.798.196,04	22,18%	6.382.505,60	18,50%	19,75%	20,25%
Comércio Varejista	10.327.059,93	7,17%	9.635.874,91	23,08%	7.828.907,66	22,69%	24,41%	24,59%
Ind. Açúcar e Alcool	24.717,36	75,41%	14.091,30	-24,83%	18.746,02	0,05%	0,04%	0,06%
Ind. Bebidas	2.451.748,78	4,99%	2.335.180,67	10,28%	2.117.533,55	6,14%	5,92%	5,84%
Ind. Metalúrgica	456.636,99	6,05%	430.584,74	9,87%	391.919,92	1,14%	1,09%	1,09%
Ind. Mineração e Deriv.	506.822,37	-2,01%	517.209,01	5,69%	489.350,74	1,42%	1,31%	1,21%
Indústria Química	2.580.611,25	4,17%	2.477.373,60	13,38%	2.185.001,79	6,33%	6,28%	6,15%
Misto Indústria	695.299,60	-0,84%	701.221,73	34,90%	519.804,90	1,51%	1,78%	1,66%
Misto Serviços	536.031,65	22,53%	437.470,31	25,88%	347.535,14	1,01%	1,11%	1,28%
Petróleo	8.129.097,68	5,56%	7.700.878,59	19,65%	6.435.952,07	18,66%	19,51%	19,36%
Serv. de Transporte	431.142,29	-24,00%	567.319,19	44,66%	392.161,39	1,14%	1,44%	1,03%
Energia e Comunicações	3.854.552,76	-0,62%	3.878.542,22	-18,62%	4.766.222,04	13,82%	9,82%	9,18%
Supermercados	2.223.104,29	16,43%	1.909.309,47	19,15%	1.602.503,27	4,64%	4,84%	5,29%
Totais	41.989.505,51	6,37%	39.476.263,88	14,42%	34.499.837,71	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Elaboração Própria. Dados da Secretaria da Fazenda da Bahia

O Setor Comércio se consolida como a principal fonte de ICMS (50,14% da arrecadação), especialmente após as mudanças na legislação que limitaram a tributação sobre combustíveis, energia elétrica, comunicações e transporte público. Destaque para o aumento nominal dos segmentos supermercados (16,43%) e atacadista (9,01%).

O Setor Serviços sofreu queda nominal de 1,26%, puxada principalmente pelo segmento Serviços de Transporte (-24,00%). Houve redução no segmento Serviços de Utilidade Pública (-0,62%), associada à queda de 5,5% no consumo de energia, parcialmente compensada pelo reajuste tarifário de 2,05%; existiram impactos adicionais devido à migração de consumidores para o Mercado Livre de Energia, à isenção ampliada para consumo até 80 kWh (MP nº 1300/2025) e à expansão da geração para autoconsumo.

O Setor Indústria apresentou crescimento, puxado especialmente pelo segmento Petróleo, que arrecadou R\$ 8,13 bilhões (incremento de 5,56%) – influenciado pelo aumento do consumo de gasolina e diesel e pela recuperação de R\$ 802 milhões em créditos tributários. O segmento Misto indústria sofreu redução de 0,84%,

puxado pela redução das importações da montadora BYD. Os segmentos Química, Metalúrgica e Bebidas apresentaram variações moderadas, acompanhando a inflação.

O segmento Agricultura caiu 1,21%, enquanto o segmento Agroindústria cresceu 24,21%, absorvendo o desempenho da soja e do milho. O segmento Mineração caiu 2,01%.

Partindo para a análise das despesas, destacam-se as funções Judiciária (+R\$ 496,8 milhões / +5,12%), Essencial à Justiça (+R\$ 339,0 milhões / +8,12%), Segurança Pública (+R\$ 985,0 milhões / +9,64%), Urbanismo (+R\$ 702,3 milhões / +25,62%), Habitação (-R\$ 60,6 milhões / -35,87%) e Transporte (-R\$ 823,5 milhões / -32,18%). As quantias monetárias se referem ao comparativo entre as despesas acumuladas em 2025 e 2024, em valores nominais. Os percentuais se referem às variações reais.

As despesas correntes, no mesmo comparativo, subiram R\$ 5,8 bilhões (4,83%). Destacam-se as funções Cultura (-16,09%) e Organização Agrária (29,88%). Dentro das despesas correntes, as despesas com Pessoal e Encargos subiram R\$ R\$ 3,1 bilhões (3,57%), com destaque para a função Essencial da Justiça que subiu 15,30%. As Outras Despesas Correntes subiram R\$ 2,7 bilhões. As despesas com Juros e Encargos da Dívida caíram R\$ 34,0 milhões.

As despesas de capital tiveram um incremento de R\$ 906,4 milhões (3,29%). Destaque para as funções Judiciária (+92,28%), Cultura (+223,41%), Gestão Ambiental (+194,39%), Organização Agrária (-74,90%) e Saúde (-12,69%). O incremento dos investimentos foi de R\$ 433,7 milhões, contra R\$ 144,4 milhões das inversões financeiras e R\$ 328,4 das Amortizações de Empréstimo.

Na análise por programa, podemos notar, através de outra ótica, variações entre as prioridades de governo. O programa Bahia em Movimento: Logística para o Crescimento, apesar do significativo orçamento – despesa de R\$ 1,8 bilhão em 2025 –, apresentou uma queda real de 33,88% em relação a 2024. Outro programa grande – despesa R\$ 308,7 milhões no último ano –, o Esporte por toda Parte, caiu

20,34%. Positivamente, destacaram-se entre programas de maior orçamento – superior a R\$ 200 milhões em 2025 – o Trabalho Decente (+14,66%) e o Universalização do Saneamento Básico (+23,85%).

Entre os programas “pequenos” – despesas inferiores a R\$ 30 milhões em 2025 – destacam-se o Bahia Antirracista (+70,04%), o Bahia Indígena (+277,70%), o Cuidado e Liberdade: Reduzindo Danos (+66,41%), o Direitos e Inclusão Socioproductiva das Mulheres (+43,72%), o Governo Digital (+155,47%), o Minha Terra Legal: Acesso à Terra e Garantia de Direitos no Campo (+90,10%) e o Povos e Comunidades Tradicionais (-57,52%).

O ano de 2025, portanto, foi de certa continuidade, mas alguns elementos são dignos de serem mencionados. Primeiramente, a reversão do superávit. É muito comum, especialmente em estados e municípios, a prática de ajustes fiscais nos dois primeiros anos de governo, gerando uma folga fiscal para os anos subsequentes em que gastam mais. Ainda assim, é digno de nota.

Mesmo com o déficit e com o aumento dos empréstimos, sobretudo externos – que aumenta a vulnerabilidade, devido a possíveis oscilações no câmbio – nota-se, ao observarmos a queda nas despesas com juros e aumento nas despesas com amortizações, um esforço em manter os níveis de endividamento num patamar sustentável.

O aumento das receitas perdeu fôlego e isso se deve principalmente à desaceleração do crescimento das receitas tributárias, que vinham numa trajetória de franca ascensão após a queda verificada em 2023 – oriunda especialmente das alterações legais do Congresso federal em 2022, que forçaram a queda do ICMS.

O aumento das despesas seguiu ritmo parecido com o dos anos anteriores. As despesas com pessoal recuperaram algum ritmo devido às reposições salariais, ainda que num nível ainda bastante abaixo das perdas reais de governos passados. As despesas de capital continuam em alta e, desde o ano passado, as inversões financeiras crescem em ritmo maior que as inversões reais.

Neste ano, alguns programas de menor orçamento e ligados a minorias obtiveram um importante incremento. Ainda que não estejam entre as prioridades de governo, alcançam maior relevância. O crescimento de algumas funções de despesa segue a lógica dos últimos anos, como a Segurança Pública que, após perda de espaço no orçamento de 2018 a 2021, vem retomando desde então. Algumas, por outro lado, vem sendo “desfinanciadas”, a exemplo da Assistência Social. Outras vinham sofrendo queda, mas passam por reestruturação recente (embora tímida), como Organização Agrária.

SALVADOR – BOA SAÚDE FINANCEIRA, MAS QUEDA DOS INVESTIMENTOS PREOCUPA

O resultado primário da prefeitura municipal de Salvador – acima da linha e com RPPS – atingiu R\$ 145.214.830,44 (superávit). Já o resultado nominal – abaixo da linha e sem RPPS – foi superavitário em R\$ 148.840.008,92. O município cumpriu com folga as metas estabelecidas para o presente exercício. Há também folga no cumprimento das obrigações da LRF, apresentando Despesa Total com Pessoal correspondente a 29,48% da RCL e Dívida Consolidada Líquida a 23,48% da RCL.

No último bimestre de 2025, notamos um forte crescimento real das receitas, tanto correntes (10,24%) quanto de capital (58,01%) em relação ao mesmo período de 2024. Entretanto, no acumulado de 2025 em relação ao acumulado de 2024, observamos uma queda real de 2,70% no total das receitas.

A queda das receitas foi puxada pelas Receitas de Capital, que caíram 62,36% - destaque para as Operações de Crédito, que caíram 73,29%. As Transferências Correntes, maior fonte de receita, subiram 3,70%. A Receita Tributária manteve-se estável (-0,01%), refletindo a queda dos impostos (-0,35%) e o incremento das taxas (+2,40%). O maior dado negativo foi a queda de 22,01% da Receita de Serviços. A Receita de Contribuições e a Receita Patrimonial apresentaram bom crescimento, como se observa na tabela a seguir.

Tabela 8 – Composição da Receita Municipal – Salvador – acumulado do ano – 2024/25 – valores reais (base 2023)

componentes / bimestres	2024	2025	var
RECEITA CORRENTE	10.099.109.195,94	10.294.715.137,16	1,94%
Receita Tributária	4.381.295.747,37	4.381.043.482,73	-0,01%
Impostos	3.830.714.844,89	3.817.245.542,83	-0,35%
Taxas	550.580.902,49	563.797.939,90	2,40%
Receita de Contribuições	515.527.482,95	547.741.319,24	6,25%
Receita Patrimonial	343.996.867,42	356.279.227,21	3,57%
Exploração do Patrimônio Imobiliário do Estado	43.966.208,62	54.449.100,05	23,84%
Valores Mobiliários	291.629.829,59	291.803.293,06	0,06%
Outros	8.400.829,60	10.026.834,10	19,36%
Receita Agropecuária	-	-	0,00%
Receita Industrial	-	-	0,00%
Receita de Serviços	33.853.744,04	26.402.021,87	-22,01%
Transferências Correntes	4.637.235.645,60	4.809.013.100,10	3,70%
Transferências da União e de suas Entidades	2.900.975.460,66	2.942.043.228,90	1,42%
Transferências dos Estados e do Distrito Federal	981.482.141,46	1.079.354.176,02	9,97%
Outros	754.778.043,47	787.615.695,18	4,35%
Outras Receitas Correntes	187.199.708,57	174.235.986,00	-6,93%
RECEITA DE CAPITAL	926.324.157,69	348.633.239,82	-62,36%
Operações de Crédito	784.032.965,57	207.841.290,42	-73,49%
Alienação de Bens	5.113.887,58	2.181.150,70	-57,35%
Amortizações de Empréstimos	-	-	0,00%
Transferências de Capital	56.458.288,83	27.447.732,38	-51,38%
Outras Receitas de Capital	80.719.015,71	111.163.066,32	37,72%
TOTAL	11.025.433.353,63	10.815.420.703,94	-1,90%

Fonte: Elaboração Própria. Dados da Secretaria da Fazenda de Salvador

No cenário das despesas a queda real é mais acentuada. Após estabilidade no último bimestre (aumento de 0,91% em relação ao mesmo período do ano anterior), o acumulado das despesas de 2025 caiu 9,63% em relação ao acumulado de 2024. Dentro das despesas correntes, apenas as de Pessoal e Encargos apresentaram variação positiva (+4,27%), enquanto Juros e Encargos da Dívida e Outras Despesa Correntes caíram 3,48% e 7,36%, respectivamente. A queda das Despesas de Capital foi puxada pela queda dos Investimentos (-52,74%). Apesar do grande aumento das Inversões Financeiras (+53,90%) e da Amortização da Dívida (+41,22%), o movimento não foi capaz de compensar a diminuição real de 38,37% da Despesa de Capital.

Tabela 9 - Composição Despesa Municipal – Salvador – acumulado do ano – 2024/25 – valores reais (base 2023)

componentes / bimestres	2024	2025	var
DESPESAS CORRENTES	9.290.051.431,96	8.927.449.726,78	-3,90%
PESSOAL E ENCARGOS SOCIAIS	3.230.185.443,57	3.344.908.981,96	3,55%
JUROS E ENCARGOS DA DÍVIDA	217.081.422,55	208.147.932,89	-4,12%
OUTRAS DESPESAS CORRENTES	5.842.784.565,84	5.374.392.811,92	-8,02%
DESPESAS DE CAPITAL	2.072.266.148,85	1.267.523.313,03	-38,83%
INVESTIMENTOS	1.774.601.400,79	833.756.737,32	-53,02%
INVERSÕES FINANCEIRAS	141.166.740,42	213.770.646,52	51,43%
AMORTIZAÇÃO DA DÍVIDA	156.498.007,65	219.995.929,19	40,57%
RESERVA DE CONTINGÊNCIA	-	-	-
TOTAL	11.362.317.580,81	10.366.439.837,73	-8,76%

Fonte: Elaboração Própria. Dados da Secretaria da Fazenda de Salvador

Tal comportamento das receitas e despesas, apesar de manter a saúde financeira do município, pode indicar certa preocupação, especialmente a queda dos investimentos. Esta última tem potencial de ser, ao mesmo tempo, causa e efeito da diminuição das receitas. Menores investimentos podem influenciar negativamente a atividade econômica e assim menos receita é gerada. Menor receita reduz o espaço fiscal para investimentos, alimentando o ciclo.

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos (*joaopaulo@sei.ba.gov.br*)

Denis Veloso (*dveloso@sei.ba.gov.br*)

Carol Vieira (*carolvieira@sei.ba.gov.br*)

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 2,3% no quarto trimestre de 2025 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (quarto trimestre de 2025 em comparação com o trimestre imediatamente anterior), o resultado foi de 0,2%. No acumulado do ano, comparado com igual período de 2024, a economia baiana encerrou 2025 com alta de 2,7%.

Tabela 1 – PIB trimestral – Bahia – 2025⁽¹⁾

Períodos	Taxas (%)
4º trim. 2025/4º trim. 2024	+2,3
4º trim. 2025/3º trim. 2025 (sazonal)	+0,2
Acumulado no ano (janeiro a dezembro)	+2,7

Fonte: SEI.
Elaboração: SEI/Distat/Coref.
Nota: (1) Dados sujeitos a retificação.

PIB em valor corrente

No **quarto trimestre de 2025**, o PIB baiano totalizou R\$ 130,2 bilhões, sendo R\$ 113,6 bilhões referentes ao Valor Adicionado (VA), e R\$ 16,6 bilhões provenientes dos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios. Com relação aos grandes setores econômicos, a Agropecuária apresentou VA de R\$ 4,9 bilhões, a Indústria, de R\$ 28,7 bilhões, e os Serviços, de R\$ 80,1 bilhões.

Para o **ano de 2025**, os resultados acumulados mostram PIB corrente equivalente a R\$ 536,7 bilhões, sendo R\$ 475,9 bilhões de VA, e R\$ 60,8 bilhões de impostos. Para os setores econômicos, os valores acumulados em 2025 foram: Agropecuária (R\$ 53,0 bilhões), Indústria (R\$ 115,8 bilhões) e Serviços (R\$ 307,1 bilhões).

4º trimestre 2025/4º trimestre 2024

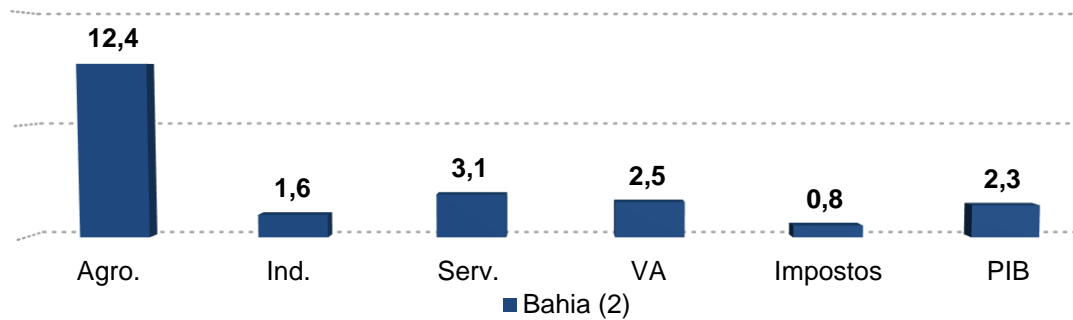
O **PIB da Bahia** apresentou resultado positivo de 2,3% no quarto trimestre de 2025, quando comparado ao mesmo período do ano anterior, conforme dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI. O Valor Adicionado (VA) apresentou variação de 2,5%, e os Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios, 0,8%. Os três setores registraram expansão: a Indústria cresceu 1,6%; o setor de Serviços obteve alta de 3,1%; e a Agropecuária registrou taxa positiva de 12,4%.

Gráfico 1

Varição dos setores do Produto Interno Bruto

Bahia – 4º trim. 2025 (1)

%



Fonte: SEI (2026).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) variação no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior;

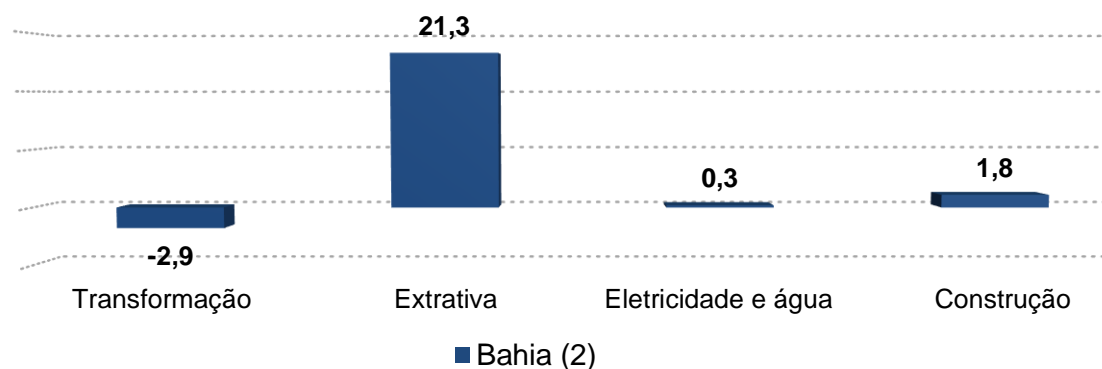
(2) dados sujeitos a retificação.

O resultado em volume do setor da **Agropecuária** baiana no quarto trimestre de 2025 foi de 12,4%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Destaque para as taxas positivas das lavouras temporárias e permanentes. Além da agricultura, a pecuária contribuiu com alta.

A taxa, em volume, do **setor Industrial baiano** no quarto trimestre do ano foi de 1,6%. Três das quatro atividades industriais tiveram resultados positivos em comparação ao mesmo período de 2024: *Indústria extrativa* (+21,3%); *Construção civil* (+1,8%) e *Eletricidade e água* (+0,3%). Em contrapartida, a atividade *Indústria de transformação* registrou queda (-2,9%).

Gráfico 02

Variação das atividades da Indústria Bahia – 4º trim. 2025(1).



Fonte: SEI/ IBGE (2026).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

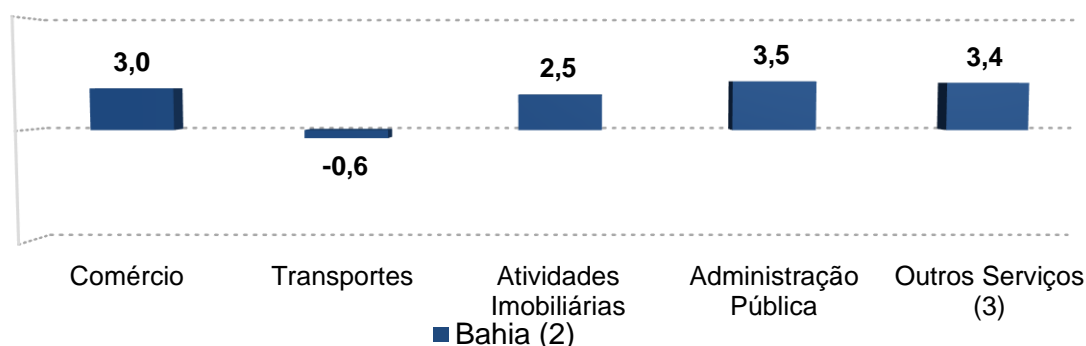
Notas: (1) variação no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior;

(2) dados sujeitos a retificação.

O **setor de Serviços do estado** expandiu 3,1% no quarto trimestre de 2025. As principais altas foram identificadas no *Comércio* (+3,0%), segunda atividade mais relevante do setor, e nas *Atividades imobiliárias* (+2,5%). Destaque ainda para a *Administração pública*, atividade mais importante na economia baiana, com alta de 3,5%. O segmento *Outros serviços*²⁴ - conjunto de sete atividades de serviços com menor peso no setor - registrou crescimento de 3,4%. Já os *Transportes* recuaram 0,6% no último trimestre de 2025.

Gráfico 03

Variação das atividades de Serviços Bahia – 4º trim. 2025(1).



Fonte: SEI (2026).

Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.

Notas: (1) Variação no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

(3) O segmento Outros Serviços engloba as seguintes atividades: *Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços domésticos.*

Acumulado em 2025 (janeiro a dezembro)

O **PIB baiano** no acumulado do ano de 2025 registrou crescimento de 2,7% (diante do registrado no mesmo período de 2024). O Valor Adicionado (VA) cresceu 2,8%, e

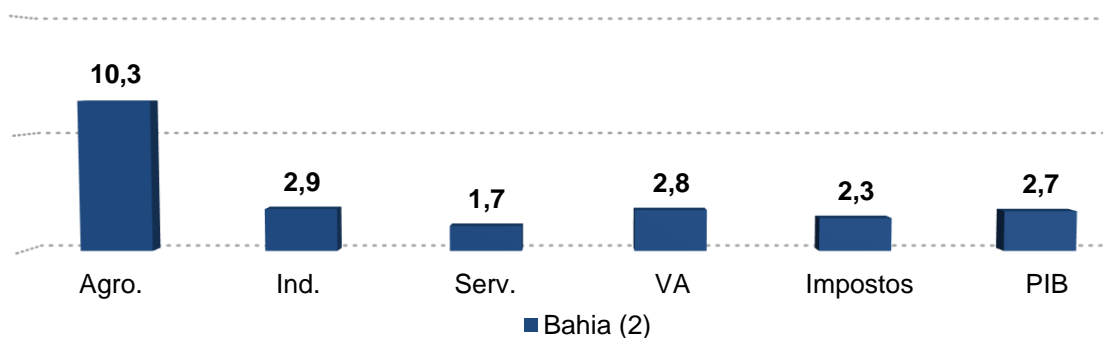
²⁴ Engloba as seguintes atividades: *Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços domésticos.*

os Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios, 2,3%. A Agropecuária teve variação positiva de 10,3%; a Indústria apresentou alta de 2,9%, e os Serviços cresceram 1,7%. O bom resultado dos três setores deve-se ao crescimento das atividades da *agricultura* (+11,9%); das *indústrias extrativas* (+10,8%); *construção* (+2,4%); *atividades imobiliárias* (+2,4%) e *comércio* (+1,8%).

Gráfico 04

Varição dos setores do Produto Interno Bruto Bahia – jan-dez.2025(1).

%



Fonte: SEI (2026).

Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

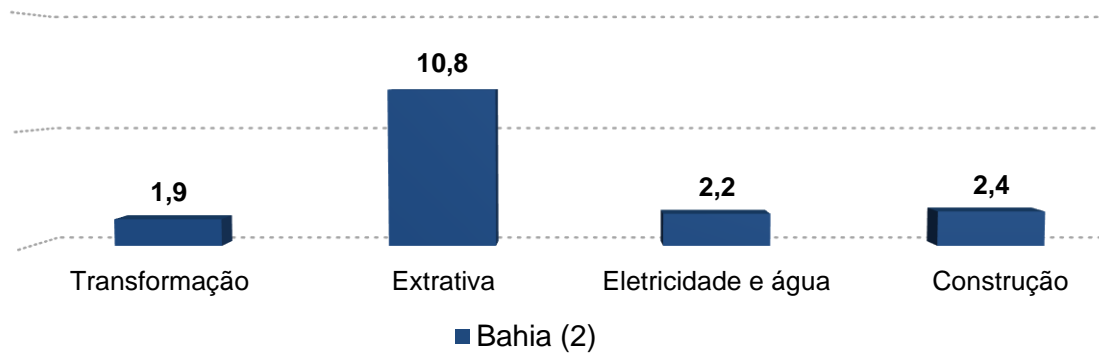
(2) Dados sujeitos a retificação.

Com um expressivo avanço de 12,4%, o **setor agropecuário** encerrou o último trimestre do ano de 2025 em alta. Segundo a equipe de Contas Regionais da SEI, o crescimento do VA supera os resultados obtidos em 2024. O resultado positivo é atribuído ao aumento na produção física dos principais grãos, além de bons resultados da lavoura temporária e permanente. Alguns produtos que obtiveram destaque: milho, mandioca, cacau, café e soja.

Gráfico 05

Varição das atividades da Indústria Bahia – jan-dez.2025(1).

%



Fonte: SEI (2026).

Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

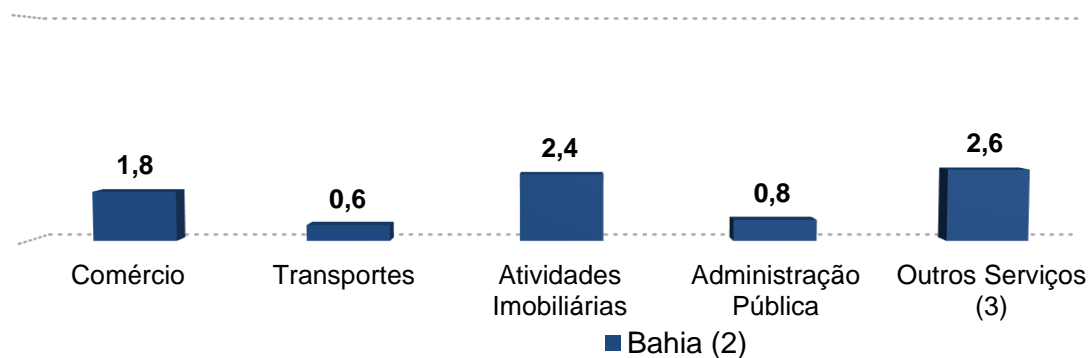
(2) Dados sujeitos a retificação.

A **indústria** baiana registrou alta de 2,9% em volume, de janeiro a dezembro de 2025, em relação ao mesmo período do ano anterior, impulsionada por todas as atividades que compõem o setor: *Transformação* (+1,9%); *Eletricidade e água* (+2,2%); *Construção* (+2,4%) e *Extrativa* (+10,8%). O segmento industrial *derivados de petróleo* registrou a maior contribuição positiva, devido ao aumento na produção de gasolina e óleos combustíveis. Outros segmentos que registraram crescimento foram: *máquinas, aparelhos e materiais elétricos*; *produtos de minerais não metálicos*; e *celulose, papel e produtos de papel*.

Gráfico 06

Variação das atividades de Serviços Bahia – jan-dez.2025(1).

%



Fonte: SEI (2026).

Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

(3) O segmento Outros Serviços engloba as seguintes atividades: *Serviços de alojamento e alimentação*; *Serviços de informação e comunicação*; *Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados*; *Atividades profissionais, científicas e*

técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços domésticos.

No que tange ao VA do setor de Serviços, observou-se crescimento de 1,7% em volume no acumulado de 2025, ante o mesmo período anterior, influenciado pelas quatro principais atividades que compõem o setor: *Transportes* (+0,6%), *Imobiliárias* (+2,4%), *Administração pública* (+0,8%) e *Comércio* (+1,8%). No mesmo período, o segmento *Outros serviços* acumulou crescimento de 2,6%. O desempenho do *Comércio* – uma das maiores atividades de serviços – é explicado pelas categorias de bens essenciais e de tecnologia. Por outro lado, o crescimento do setor não foi maior devido às quedas registradas em segmentos mais sensíveis ao orçamento familiar comprometido ou a mudanças de hábitos de consumo.

MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo
luizlobo@sei.ba.gov.br

É espantoso! Mesmo diante de um forte garrote monetário imposto à sociedade brasileira pelo Banco Central, através de uma elevada taxa básica de juros, hoje em incríveis 15,0%, o mercado de trabalho se manteve firme ao longo de 2025. É surpreendente! Mesmo com certa desaceleração na economia brasileira, mais facilmente detectada ao longo do segundo semestre do ano passado, o mercado de trabalho registrou alguns recordes positivos em parte de seus indicadores. É inusitado! Mesmo com consumo, empréstimos, financiamentos e investimentos sendo acorrentados há algum tempo no Brasil, o mercado de trabalho conseguiu se manter como peça importante para o movimento das engrenagens da atividade econômica no ano de 2025. Neste contexto, o mercado de trabalho, em face da resiliência que vem demonstrando em um ambiente permeado por alguns entraves, merece menção honrosa.

Uma desaceleração adicional da economia se encontra no radar? Provavelmente, sim. Além do mais, houve aumento da incerteza global nos últimos meses, o que contamina fortemente a economia mundial. No entanto, vale ressaltar, desacelerar não significa decrescer, mas sim perder força. O que se verá terá mais a ver com um freio conjuntural. E nesse cenário, a princípio, é bem possível que os principais

indicadores econômicos do Brasil e da Bahia continuem positivos durante o ano de 2026, mas que os avanços se deem de forma relativamente mais comedida do que outrora. No âmbito do mercado de trabalho, por exemplo, a geração de empregos, principalmente aqueles com carteira assinada, pode vir a ser afetada e, assim, assumir um compasso relativamente mais lento. Porém, vale destacar, mesmo que venha a experimentar ritmo menos intenso, a expectativa é de que o mercado de trabalho continue incorporando trabalhadores e gerando renda até o final do ano.

A conjuntura do mercado de trabalho baiano foi aqui exposta tendo por base tanto os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, quanto os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sem se propor a uma análise de maior aprofundamento, o presente texto visa apresentar as principais informações do cenário recente do mercado de trabalho local, contrapondo tais estatísticas com as correspondentes séries históricas e com os indicadores das realidades nacional e regional quando se mostrar interessante.

De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de outubro a dezembro de 2025, o número de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no estado diminuiu, em razão da supressão líquida de 5.900 postos. Ao fim do quarto trimestre de 2025, mesmo com a perda líquida ocorrida nesse intervalo, a Bahia passou a contar com 2.232.149 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 4,41% sobre o quantitativo de 2.137.769 empregos computados no início do ano (estoque de referência) – ou seja, mais 94.380 postos de trabalho no conjunto dos 12 meses de 2025. Dessa forma, ao término do referido trimestre, a Bahia concentrava 26,92% e 4,60% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, respectivamente – mantendo-se, assim, com o maior volume de vínculos formais do Nordeste e o sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

Sob o olhar dos resultados mensais, a dinâmica com mais desligamentos do que admissões foi registrada em apenas um dos meses do quarto trimestre de 2025 na

Bahia. O mês de dezembro, como de costume, exibiu saldo negativo, uma perda líquida de 19.498 postos – montante, por sinal, mais do que suficiente para impactar negativamente o último trimestre do referido ano. Aliás, além de ter sido o único mês do ano com resultado negativo, dezembro exibiu o pior registro mensal desde o de maio de 2020. O mês de novembro, por outro lado, foi o de maior saldo no trimestre, com 8.619 novas vagas. O mês de outubro, por sua vez, testemunhou um excedente menos destacado, com surgimento de 4.979 novos postos de trabalho – apesar de positivo, o terceiro menor saldo do ano. Ademais, vale salientar que, entre os meses do trimestre, apenas dezembro evidenciou saldo inferior ao de um ano atrás – uma sinalização que serve como contraponto a ideia de uma eventual perda de compasso da geração futura de postos de trabalho. No ano como um todo, o mês de fevereiro foi o de maior saldo, com 21.039 novos postos.

Em confronto aos resultados dos intervalos de referência, a eliminação de 5.900 postos no quarto trimestre de 2025 em território baiano permitiu constatações distintas. No comparativo com o terceiro trimestre do mesmo ano, período com geração líquida de 32.643 vagas, a apuração recente dos dados indicou involução, já que mostrou um saldo muito menor do que o de julho a setembro. Quanto ao mesmo trimestre de um ano antes, por outro lado, o saldo atual se revelou menos desfavorável, já que a ocupação com carteira assinada havia suprimido 12.727 vínculos à época, patenteando uma realidade menos deteriorada agora do que no mesmo período do ano imediatamente anterior.

Por sua vez, em termos de acumulado anual, o ano de 2025, com 94.380 novos postos, indicou o quinto intervalo seguido de expansão. Além do mais, ao se mostrar maior do que o observado no ano de 2024, com 85.474 novos vínculos celetistas, o resultado de 2025 contribuiu para uma trajetória ascendente, visto que o saldo de 2024 também já tinha sido maior do que o de 2023, com 71.154 novos postos. Assim, no estado, o resultado anual mais recente, não somente evidenciou uma ampliação do nível de emprego e colaborou para o revigoramento do mercado de trabalho local como também alimentou esperanças de que a absorção líquida de trabalhadores pelo polo protetivo em 2026 poderá se manter favorável, tendo em vista que os dados do acumulado do último ano apontaram um fortalecimento no ritmo da geração anual de postos de trabalho.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi negativo para o país como um todo no agregado dos meses de outubro a dezembro de 2025, com 440.132 vínculos a menos. No entanto, nem todas as regiões apresentaram redução no número de postos de trabalho no período. Em termos absolutos, o Sudeste (-264.003 vagas) evidenciou o pior desempenho e o Nordeste (+11.173 postos) exibiu o cenário mais favorável, sendo a única região com saldo positivo no trimestre. Das unidades da Federação, houve supressão líquida em 19 delas no trimestre. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com decréscimo de 5.900 oportunidades ocupacionais, ficou 13 colocações abaixo da verificada no intervalo imediatamente anterior, ocupando agora a 17ª posição. Entre os estados nordestinos, a Bahia evidenciou o pior resultado absoluto, enquanto Pernambuco (+10.701 postos) exibiu o maior saldo regional no trimestre analisado.

O decréscimo de empregos com carteira assinada na Bahia no quarto trimestre de 2025 não alcançou dois dos cinco grandes estratos setoriais. Os setores de *Serviços* e de *Comércio*, no caso, foram aqueles com desempenhos proeminentes entre as categorias, indicando a geração líquida de 4.176 e 4.008 postos, respectivamente. A *Agropecuária*, por sua vez, registrou o pior resultado, uma perda líquida de 6.011 empregos. Em seguida, vieram a *Construção*, com a supressão líquida de 4.574 vagas e a *Indústria geral*, com a rescisão de 3.497 vínculos. Assim, portanto, três grupamentos econômicos registraram um número maior de fechamentos do que de aberturas de postos no citado intervalo no estado. No ano de 2025 como um todo, por outro lado, a geração líquida de postos se deu em todos os cinco setores, com destaque para as atividades de *Serviços* (+54.459 vínculos) e de *Indústria geral* (+14.829 vagas).

De acordo com o levantamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 8,0% no quarto trimestre de 2025. Trata-se do menor índice trimestral já registrado em toda a série histórica. Do terceiro ao quarto trimestre de 2025, apesar da ausência de significância estatística da variação, a taxa de desocupação decresceu, pois passou de 8,5% para 8,0%, respectivamente – indicando um recuo de 0,5 ponto percentual na margem. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2024, quando o indicador

havia sido estimado em 10,0%, também houve decréscimo, com a taxa mais recente ficando 2,0 pontos percentuais abaixo.

O percentual trimestral de desocupados na força de trabalho na Bahia ao longo de 2025 não repetiu o ocorrido no ano de 2024, quando se observou um leve repique ao término do ano, após ter recuado no segundo e no terceiro trimestres. Em 2025, a referida taxa seguiu um roteiro inteiramente descendente, com três baixas sucessivas após a elevação no conjunto dos três meses inaugurais do ano. Diante da oscilação para baixo na passagem do terceiro ao quarto trimestre deste ano, a estimativa trimestral mais recente do desemprego na Bahia (8,0%) renovou o recorde pertencente ao trimestre imediatamente antecedente (8,5%) e assumiu o menor patamar da sequência – lembrando, para efeito de comparação, que seu maior valor histórico se deu no primeiro trimestre de 2021, quando atingiu 21,7% da força de trabalho local.

No Brasil e no Nordeste, no quarto trimestre do ano, as taxas observadas para a desocupação foram de 5,1% e 7,1%, respectivamente – percentuais, portanto, abaixo do calculado para o território baiano (8,0%). Em território brasileiro, o recuo não foi generalizado: além da Bahia, outras 20 unidades da Federação também apresentaram retração da taxa trimestral de desocupação do terceiro para o quarto trimestre deste ano (independentemente da significância estatística da oscilação). Com diminuição de 0,5 ponto percentual, a Bahia exibiu a décima maior queda absoluta do país. Mesmo diante do encolhimento recente da taxa de desocupação, a Bahia exibiu a terceira estimativa mais elevada entre as unidades federativas (empatada com Piauí e Alagoas, mas atrás de Pernambuco, com 8,8% e de Amapá, com 8,4%). Na outra ponta, Santa Catarina (2,2%) apresentou a menor taxa entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduziu em um percentual de quase quatro vezes o observado em território catarinense.

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, o mercado de trabalho baiano experimentou crescimento na ocupação (+1,1% ou mais 74 mil ocupados) e redução na desocupação (-4,8% ou menos 29 mil desocupados) – assim, a ocupação aumentou pela terceira vez seguida, enquanto a desocupação diminuiu pela terceira vez em sequência. Dessa forma, em relação ao intervalo

anterior, a expansão da ocupação combinada com a queda do número de desocupados desembocou num encolhimento da taxa de desocupação no estado. O movimento descendente da taxa de desemprego nessa base comparativa, portanto, esteve atrelado tanto ao aumento do número de pessoas trabalhando quanto ao recuo do total de indivíduos sem trabalho e que estavam procurando por um. No comparativo interanual, também houve incremento de pessoas trabalhando (+3,5% ou mais 227 mil ocupados) e diminuição de pessoas procurando por trabalho sem conseguir (-19,1% ou menos 136 mil desocupados).

O contingente de ocupados no conjunto dos meses de outubro a dezembro de 2025 na Bahia, com 6,628 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, reforçado por mais um acréscimo na margem (como já dito, o terceiro em sequência), revelou-se o maior da história – renovando, assim, o auge atingido recentemente, quando contabilizou 6,554 milhões de ocupados no terceiro trimestre de 2025. Além disso, o montante atual de ocupados se situa muito acima do menor valor da série, de 4,770 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia de Covid-19).

A população desocupada no último trimestre de 2025, composta por 576 mil indivíduos, diante de mais um recuo na margem (como relatado, o terceiro consecutivo), mostrou-se como a melhor marca da série, ou seja, o menor quantitativo de pessoas sem trabalho e que estavam procurando por um trabalho desde o início da sequência histórica – substituindo, assim, o mínimo até então registrado, de 605 mil indivíduos no penúltimo trimestre do ano passado. Do mais, relevante recordar, o maior quantitativo de desocupados foi de 1,406 milhão de indivíduos no período inaugural do ano de 2021.

Por fim, o número de pessoas fora da força de trabalho na Bahia diminuiu na margem pela terceira vez consecutiva (-0,6% ou menos 28 mil indivíduos do terceiro ao quarto trimestre de 2025), indo a 4,980 milhões – configurando-se ainda como o 19º maior registro da sequência. Mesmo diante de mais uma oscilação favorável, o quantitativo permanece em nível de alerta, já que se encontra num patamar maior do que qualquer outro antes da pandemia, acumulando assim potencial para repercutir negativamente na desocupação caso o desempenho econômico futuro não seja

suficiente para incorporar aqueles que porventura voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação. No comparativo interanual, o movimento também foi de queda (-0,9% ou menos 47 mil pessoas), voltando assim a encolher pela terceira vez seguida após ter majorado em bases anuais.

Na Bahia, no trimestre mais recente, comparativamente ao imediatamente anterior, o número de informais cresceu, após ter recuado. O quantitativo de formais, por sua vez, aumentou pelo terceiro trimestre consecutivo. A expansão do montante de informais (+25 mil pessoas), entretanto, foi de magnitude menor do que o incremento da ocupação na formalidade (+50 mil pessoas) – de maneira que os formais responderam por aproximadamente 67,6% da variação trimestral da população ocupada baiana (aumento de 74 mil pessoas), ou seja, quase sete em cada dez indivíduos que conseguiram ocupação eram formais. Dessa forma, do terceiro ao quarto trimestre do ano de 2025, a expansão da ocupação no estado se deu principalmente pelo canal da formalidade – o que acarretou uma redução do grau de informalidade na margem. Trata-se, na verdade, da terceira queda seguida da taxa de informalidade. Assim, reforçado por esse contexto de incorporação de trabalhadores fortemente pelo polo protetivo, a ampliação geral da ocupação terminou assumindo um caráter mais benigno, já que favoreceu o estrato do mercado de trabalho que tende a ter empregos de maior qualidade e mais garantias. Por fim, o período de outubro a dezembro de 2025 contabilizou 3,398 milhões de ocupados na informalidade e 3,231 milhões na formalidade no estado – por sinal, tanto o número de informais quanto o de formais no referido trimestre foram os maiores da série. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 51,3% (ante 51,5% no terceiro trimestre do ano), o quarto maior do país. No Brasil como um todo, 37,6% das pessoas ocupadas se encontravam na informalidade naquele mesmo período.

O rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no quarto trimestre de 2025, na Bahia, foi estimado em R\$ 2.355, o segundo maior da série – mas o segundo mais baixo entre as unidades federativas (semelhantemente ao constatado no trimestre antecedente), acima apenas ao do Maranhão, estimado em R\$ 2.140. Além do mais, o rendimento médio baiano se mostrou equivalente a 65,2% e a 94,3% dos rendimentos médio brasileiro

e nordestino, que foram de R\$ 3.613 e de R\$ 2.498 no referido trimestre, respectivamente. Em relação ao mesmo intervalo de 2024, quando estava em R\$ 2.184, houve alta de 7,8% (ou seja, mais R\$ 171) – segundo aumento em sequência nessa base de comparação. Num comparativo com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 2.286, ocorreu uma variação positiva de 3,0% (mais R\$ 69), segunda alta consecutiva.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 15,304 bilhões no estado, o maior montante desde o início da série histórica. Esse resultado representou elevação de 4,2% em relação ao terceiro trimestre de 2025, de R\$ 14,681 bilhões, e uma alta de 11,7% num comparativo com o total do mesmo período do ano de 2024, cujo valor havia sido de R\$ 13,700 bilhões. A Bahia, assim, no quarto trimestre do ano, concentrou 4,2% e 26,5% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina, respectivamente. A ampliação da massa de rendimento real em relação ao trimestre imediatamente antecedente se deu pela quinta vez consecutiva, tendo ocorrido tanto por conta do crescimento da população ocupada quanto do aumento do rendimento médio real nessa base de comparação. No comparativo interanual, por sua vez, a ampliação recente significou a 17ª expansão consecutiva, isso depois de um período com seis quedas em sequência – a alta aqui também decorreu do aumento concomitante da ocupação e do rendimento médio real de todos os trabalhos.

Assim, com o ano fechado, pode-se constatar que os indicadores anuais de mercado de trabalho baiano da PNADC evidenciaram uma série de avanços conjunturais em 2025, tais quais: i) a taxa anual de desocupação diminuiu pela quarta vez consecutiva, ficando em 8,7%; ii) a taxa de desocupação assumiu o menor registro anual da série; iii) a contração da taxa anual de desocupação de um ano para o outro se deu por conta de dois movimentos favoráveis, a ampliação da ocupação combinada com a retração do número de desocupados – fato que se verificou pelo quarto ano consecutivo; iv) o número de ocupados aumentou pela quinta vez seguida, alcançando 6,511 milhões e registrando o maior montante da série; v) o total de desocupados encolheu pelo quarto ano em sequência, chegando a 621 mil pessoas e assinalando a menor marca anual da história; vi) o recuo do

contingente de desocupados foi maior do que o do ano imediatamente antecedente; vii) o quantitativo de indivíduos fora da força de trabalho (5,042 milhões) diminuiu, após duas altas seguidas; viii) o desalento encolheu pelo segundo ano seguido, registrando 500 mil desalentados; ix) o número de trabalhadores formais aumentou, registrando a quarta variação positiva anual seguida e atingindo o maior montante da série; x) a média anual do rendimento real habitual de todos os trabalhos ampliou pelo terceiro ano em sequência, crescendo 1,8% de 2024 para 2025 e chegando a R\$ 2.284 – indicando o terceiro maior valor da história; xi) a média anual da massa de rendimento real cresceu pela quarta vez consecutiva, aumentando 5,4% no último ano e alcançando R\$ 14,587 bilhões – determinando, assim, o maior montante da série; e xii) o aumento anual da massa de rendimento real se deu por conta de dois movimentos positivos, o aumento da ocupação e a alta do rendimento médio real de todos os trabalhos.

No entanto, ainda com base nos parâmetros anuais, a despeito de melhorias diversas e importantes, parte desses indicadores apontou uma realidade complicada em nível em 2025 e, por isso, os avanços não significaram necessariamente a superação do cenário desafiador na Bahia. Por exemplo: i) a taxa anual de desocupação se revelou a segunda maior do país, atrás apenas da do Piauí (9,3%) e empatada com a de Pernambuco (8,7%); ii) a taxa anual de desocupação em território baiano ainda se encontrava significativamente acima das taxas brasileira (5,6%) e nordestina (7,9%); iii) em 2025, o crescimento da população ocupada foi menor do que o do ano anterior; iv) o quantitativo de indivíduos fora da força de trabalho (5,042 milhões) permaneceu acima de qualquer patamar anterior ao ano do surgimento da pandemia; v) o contingente de desalentados no estado continuou sendo o maior do país; vi) o total de informais (3,439 milhões) se expandiu, registrando o segundo aumento anual consecutivo e se revelando o maior da série; vii) o número de informais cresceu mais do que o de formais, respondendo por aproximadamente 80,0% do aumento da população ocupada baiana em 2025; viii) a taxa anual de informalidade aumentou após duas quedas consecutivas, marcando 52,8% (mantendo-se, no entanto, como a terceira menor da série); ix) a taxa anual de informalidade em terras baianas se revelou a terceira maior entre as 27 unidades federativas e se manteve acima das taxas brasileira (38,1%) e nordestina (50,8%); x) o rendimento real habitual exibiu a terceira menor alta anual entre as unidades

federativas e se mostrou o segundo mais baixo do país (acima apenas do valor verificado no Maranhão); xi) o crescimento do rendimento real habitual de todos os trabalhos foi inferior ao verificado no ano de 2024; e xii) a massa de rendimento real cresceu menos em 2025 do que nos últimos três anos.